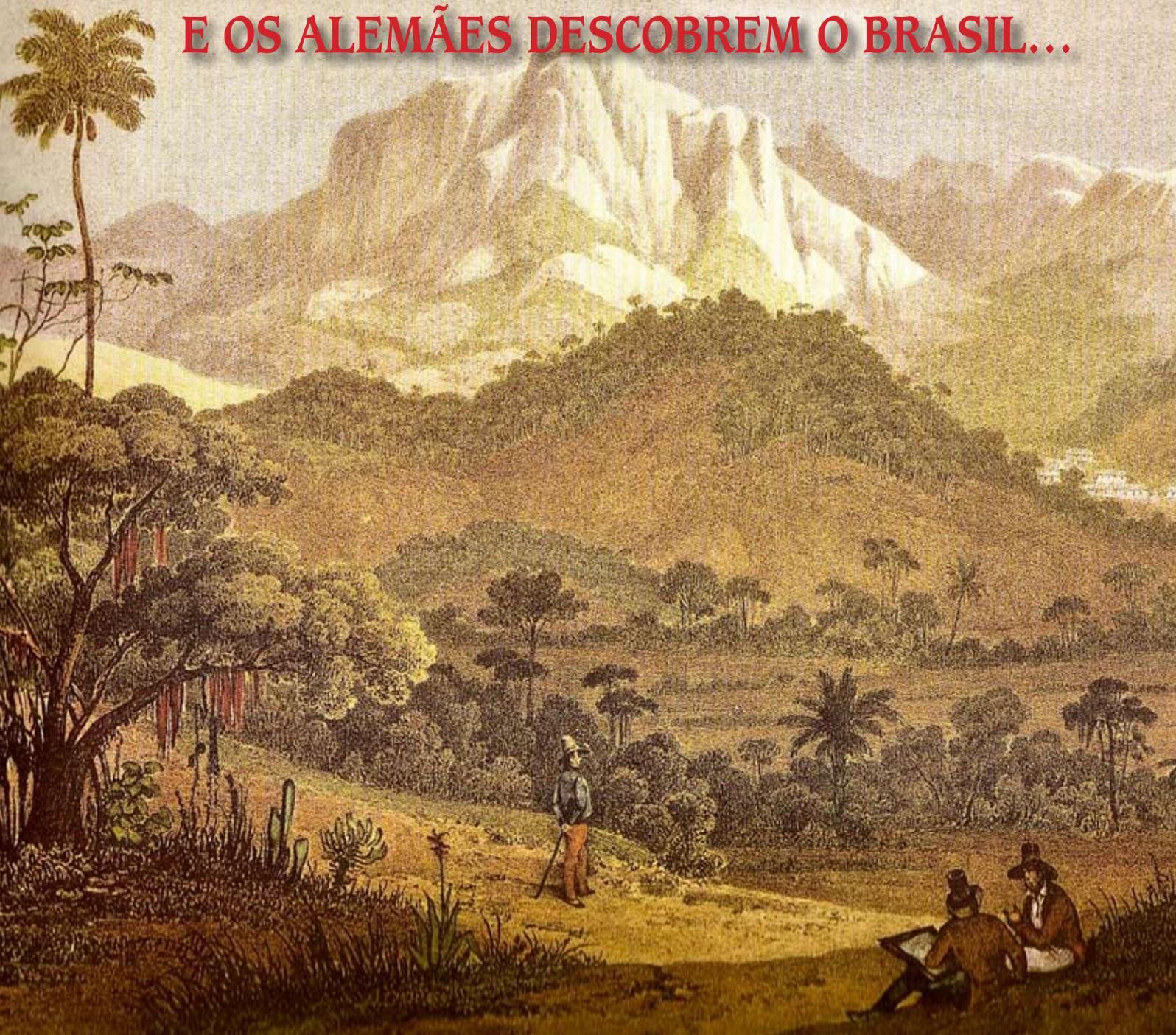


E OS ALEMÃES DESCOBREM O BRASIL...



Fazenda Mandioca. Johann Moritz Rugendas. Publicada por Engelmann. Paris, 1835

Goethe, o brasileiro * Dr. Fausto no cerrado brasileiro
Um astrônomo alemão na esquadra de Cabral? * Martius e a formação brasileira
Humboldt e Langsdorff, dois viajantes alemães nas Américas
Von Spix: zoólogo pesquisador do Brasil * Imigração alemã: alguns aspectos históricos
Koellreutter, um alemão na música brasileira * Thomas Mann e sua mãe brasileira

EDITORES

JOHN WESLEY FREIRE E HELENICE VALIAS

DIAGRAMAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS
ANGELA DUQUE

ILUSTRAÇÃO E LOGOMARCA
ANTONIO SILVÉRIO CARDINOT DE SOUZA

ILUSTRAÇÃO
RAFAEL CARNEIRO MONTEIRO

CONSELHO EDITORIAL
ANTONIO OLINTO (*in memoriam*)
CARLOS LESSA
CARLOS NEJAR
CECILIA COSTA JUNQUEIRA
ELIANA REZENDE FURTADO DE MENDONÇA
EVANILDO BECHARA
HAROLDO COSTA
LAURA SANDRONI
LUCIA HELENA
NIREU CAVALCANTI
ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

AGRADECIMENTOS

Aos autores Alberto da Costa e Silva, Affonso Romano de Sant'Anna, Alexei Bueno, Arno Wehling, Barbara Freitag, Carlos Lessa, Carlos Nejar, Cecília Costa Junqueira, Daniel Henrique dos Reis, Edino Krieger, Eduardo F. Coutinho, Ernani Bayer, Giralda Seyferth, Godofredo de Oliveira Neto, Jacir J. Venturi, Laura Nery, Laura Sandroni, Lorelai Kury, Marcelly Pedra Rezende, Maria Ligia Fortes Sanches, Nina Maria de Carvalho Elias Rabha, Per Johns, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Sylk Schneider e Valburga Huber, pela cessão de seus textos, e a José Lutzenberger (*in memoriam*).

Às instituições ABL, IHGB, Fundação Gaia, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Projeto Portinari; editoras Annablume, José Olympio, LP&M, Pinakothek, Record, Rocco e Zahar; ao Portal Brasil de Mochila, à Secretaria de Turismo de Santa Catarina e ao Parque Vila Germânica, por suas contribuições.

A André Saman, Anna Maria Rennhack, Camila Perlingeiro, Célia da Costa, Cíntia Borges, Edla van Steen, Ione Teresinha de Carvalho, Jaime Mendes, João Candido Portinari, José Roberto Barreto Lins, Joëlle Rouchou, Lara Lutzenberger, Luiz Antônio de Souza, Luiza Rosângela da Silva, Marcelo Mourão, Marcelo Victor, Márcio Linck, Maria Amélia Mello, Marta Klagsbrunn, Nireu Cavalcanti, Paulino Cardoso, Rafaella Fernandes, Suely Avellar, Tupiara Machareth e a todos os que colaboraram na feitura desta edição.

Os conceitos emitidos representam unicamente as posições de seus autores. Permitida a transcrição, desde que sem fins comerciais e citada a fonte. Registros na Fundação Biblioteca Nacional n.ºs 491.096 a 491.101 Registro no INPI e no ISSN em andamento.

Contato com os editores: educacaoemlinha.1@gmail.com

SUMÁRIO

- 3 Editorial
- 4 A biblioteca de Alexandria, a imprensa de Gutenberg e a Internet
- 6 Urbanização, Educação e Meio Ambiente
- 8 Os imigrantes alemães e sua literatura
- 11 “Outra”, um poema de Goethe
- 12 Goethe, o brasileiro
- 14 Dr. Fausto no cerrado brasileiro
- 17 Thomas Mann e sua indômita mãe brasileira
- 20 Augusto Meyer: cria de imigrantes, neto de farroupilha
- 22 Augusto Meyer e Machado: ensaios
- 24 O Bruxo do Contestado
- 26 A Catedral de Colônia
- 29 Um astrônomo alemão na esquadra de Cabral?
- 32 Humboldt e Langsdorff, dois viajantes alemães nas Américas
- 36 Martius e a formação brasileira
- 37 Von Spix: zoólogo pesquisador do Brasil
- 39 Imigração alemã: alguns aspectos históricos
- 42 Koellreutter, um alemão na música brasileira
- 45 A legitimidade do enxaimel
- 48 Lauro Müller e a construção do porto do Rio
- 50 A presença alemã no desenvolvimento brasileiro
- 52 *Zeppelins* – a era dos grandes dirigíveis
- 54 A *Oktoberfest* de Blumenau
- 56 Restaurantes e bares alemães no Rio de Janeiro
- 58 *Hans Staden: duas viagens ao Brasil*
Sarewa: uma viagem com a Expedição Langsdorff
- 59 *A ponte edênica*
- 60 *Jornada com Rupert*
- 61 *Contos de Fadas de Perraut, Grimm, Andersen e outros*
- 62 Folha seca não é lixo
- 64 Henrique Fleiüss e a *Semana Ilustrada*
- 67 Fala, leitor

EDITORIAL

Educação em linha vive novo tempo. De desafios, esperança, solidariedade. Os obstáculos não nos impediram de chegar a esta 15.^a edição, 5.^o ano de publicação, com absoluta e positiva receptividade dos leitores, e consagração pelos colegas professores (depoimentos no *Fala, leitor*), ao instigá-los com temas inusitados, não encontráveis em publicações comuns, incentivando-os a buscar a riqueza de culturas que herdamos neste país. Confirma o sucesso, e nos honra, o Projeto Portinari solicitar 500 exemplares da 14.^a edição, para distribuir aos professores participantes do *Ateliê aberto de restauro* dos painéis *Guerra e Paz*, obra-prima do artista.

Mas ao rerepresentar o projeto à SEEDUC/RJ, a avaliação foi que “a revista tinha nível muito alto para os professores” (*sic*), informando-nos, em fins de março, que não mais a imprimiriam, e que já fora retirada de seu portal. Assim, a partir de agora, ela passa a ter portal próprio – www.educacaoemlinha.com.br. Sobre a versão impressa, lutaremos para torná-la realidade, o que comunicaremos oportunamente aos leitores.

E os alemães descobriram o Brasil... pois, segundo Ronaldo Mourão, numa das naus, Meister Johann, astrônomo e cosmógrafo alemão, náutico de Pedro Álvares Cabral, revela ao mundo as primeiras observações astronômicas em céus brasileiros. Como tantos estrangeiros, os alemães se encantaram com a terra que hoje abriga mais de 18 milhões de seus descendentes. Dois alemães colaboram na edição: Barbara Freitag, tratando dos naturalistas *Humboldt e Langsdorff – dois viajantes alemães nas Américas*; e Sylk Schneider, que denomina a *Goethe, o brasileiro*, pelo interesse deste pensador sobre o Brasil. Colaboradores de ascendência alemã são muitos, basta ler os nomes e sobrenomes!

Arno Wehling nos apresenta ao botânico bávaro que visitou o Brasil em *Martius e a formação brasileira*. O companheiro de Martius tem a obra apreciada por Lorelai Kury e Marcelly P. Rezende em *Spix, zoólogo e pesquisador*. Giralda Seyferth, em *Imigração alemã no Brasil*, registra a epopeia dos primeiros alemães que aqui se aventuraram. Valburga Huber, em *A literatura teuto-brasileira*, revela a influência alemã em nossas letras, particularizando-a num de seus expoentes, *Augusto Meyer: cria de imigrantes, neto de farroupilha*. Alberto da Costa e Silva revela mais desse autor, em sensibílimo prefácio ao famoso ensaio sobre a obra machadiana. O gaúcho Carlos Nejar nos brinda com a tradução de *Outra*, poema de Goethe.

E num interessante *Dr. Fausto no cerrado brasileiro*, Per Johns compara Wilhelm Lund, o incansável pesquisador de Lagoa Santa, ao personagem trágico de Goethe. *O Bruxo do Contestado* é matéria (quase desconhecida) de nossa História, romanceada por Godofredo de Oliveira Neto. Affonso Romano de Sant’Anna oferece, em face múltipla e poética, *A Catedral de Colônia*. Cecilia Costa Junqueira surpreende com *Thomas Mann e sua indômita mãe brasileira*, e mergulha na *Jornada com Rupert*, de Salim Miguel. Há também resenha de Eduardo Coutinho – *A ponte edênica* –, e de Laura Sandroni, *Contos de Fadas ...*

Edino Krieger, em *Koellreutter – um mestre alemão na música brasileira*, homenageia a quem lhe descortinou e a tantos outros os caminhos da música. Que todos os mestres sejam assim lembrados! Ernani Bayer analisa o crescimento desordenado das cidades, e suas consequências negativas em *Urbanização, Educação e Meio Ambiente* – o que nos remete às tristes ocorrências na Serra Fluminense, área de grande influência alemã. José Lutzenberger, com *Folha seca não é lixo*, mostra o grave erro que cometemos por assim considerá-las. Jacir J. Venturi relaciona as formas antigas e atuais de divulgação do conhecimento em *A Biblioteca de Alexandria, a imprensa de Gutenberg e a Internet*. Daniel Henrique dos Reis relembra os *Zeppelins – a era dos grandes dirigíveis*. Nina M.^a de Carvalho Elias Rabha, em *Lauro Müller e o Porto do Rio de Janeiro*, expõe o valor do trabalho desse teuto-brasileiro. M.^a Ligia Fortes Sanches discute *A Legitimidade do enxaimel*, técnica construtiva que nos remete ao Velho Mundo. Carlos Lessa enfatiza a significativa *presença alemã no desenvolvimento brasileiro*. Laura Nery aborda o humor crítico de *Henrique Fleiüss e a Semana Ilustrada*. Conhecedor de *Restaurantes e bares alemães no Rio de Janeiro*, Alexei Bueno nos conduz por interessante percurso. Completa o mosaico a *Oktoberfest, maior festa alemã das Américas*.

Resta lamentar o passamento dos queridos autores Moacyr Werneck de Castro, Leodegário A. Azevedo Filho, Moacyr Scliar, e do *Anjo de Hamburgo* – Aracy Guimarães Rosa. Fisicamente ausentes, eternizam-se pelo legado que deixaram. Cabe também comemorar a eleição para a ABL de Marco Lucchesi, nosso colaborador. E lutar por manter viva a revista, para melhor conhecer os povos que amalgamaram este país e que nele convivem harmoniosamente!

HELENICE VALIAS E JOHN W. FREIRE
Editores

A Biblioteca de Alexandria, a imprensa de Gutenberg e a Internet

Jacir J. Venturi

*Meus filhos terão computadores sim,
mas antes terão livros.*
(Bill Gates)

Alexandria, no Egito, reinou quase absoluta como centro da cultura mundial no período do século III a.C. ao século IV d.C. Sua famosa Biblioteca continha praticamente todo o saber da Antiguidade em cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminho e era frequentada pelos mais conspícuos sábios, poetas e matemáticos.

A Biblioteca de Alexandria estava muito próxima do que se entende hoje por Universidade. E se faz apropriado o depoimento do insigne Carl B. Boyer, em *A história da Matemática*: “A Universidade de Alexandria evidentemente não diferia muito de instituições modernas de cultura superior. Parte dos professores provavelmente se notabilizou na pesquisa, outros eram melhores como administradores e outros ainda eram conhecidos pela sua capacidade de ensinar”.

Em 47 a.C., envolvendo-se na disputa entre a voluptuosa Cleópatra e seu irmão, o imperador Júlio César mandou incendiar a esquadra egípcia ancorada no porto de Alexandria. O fogo se propagou até as dependências da Biblioteca, queimando cerca de 500 mil rolos. Restaram aproximadamente 200 mil.

Em 640 d.C., o califa Omar ordenou que fossem queimados todos os livros da Biblioteca sob o argumento de que “ou os livros contêm o que está no Alcorão e são desnecessários ou contêm o

oposto e não devemos lê-los”. A destruição da Biblioteca de Alexandria talvez tenha representado o maior crime contra o saber em toda a história da humanidade. O acesso à Biblioteca era restrito, até porque a maioria da população não sabia ler. Somente os grandes sábios se debruçavam sobre seus vetustos e novéis pergaminhos.

Em cerca de 300 a.C., Euclides escreveu *Os elementos*, um dos mais notáveis compêndios de Matemática de todos os tempos, com mais de mil edições desde o advento da imprensa (a primeira versão impressa apareceu em Veneza, em 1484). Essa obra tem sido – segundo George Simmons – “considerada como responsável por uma influência sobre a mente humana maior que qualquer outro livro, com exceção da Bíblia”.

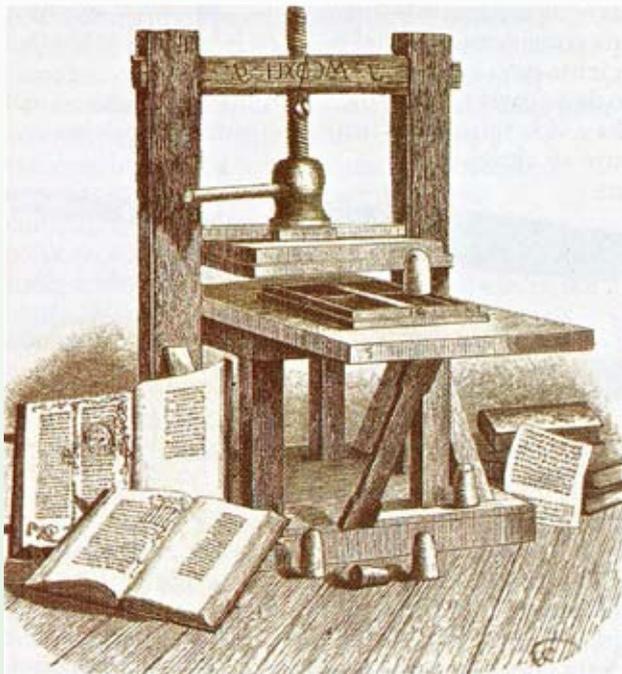
Eratóstenes (276-194 a.C.), outro diretor da Biblioteca, comprovou a esfericidade da Terra e mediu com precisão e engenhosidade o perímetro de sua circunferência. Arquimedes (287-212 a.C.), cuja genialidade como físico-matemático só é comparável à de Newton e

Einstein, estudou no Templo do Saber em epígrafe.

Até meados do século XV, a reprodução do conhecimento se fazia essencialmente através dos monges copistas, pontuados em algumas dezenas de mosteiros e universidades. Em 1455, o ourives alemão Johann Gutenberg (c. 1437-68) inventou a tipografia, cabendo-lhe o mérito de ser o primeiro (pelo menos no Ocidente) a utilizar tipos móveis metálicos feitos de uma liga especial de chumbo, estanho e antimônio. Ele proje-



Antiga Biblioteca de Alexandria



Prensa de Gutenberg, reconstituída em Leipzig, séc. XIX, Biblioteca das Artes Decorativas de Paris

tou um novo tipo de prensa, baseado naquelas usadas para espremer uvas. Preparou uma tinta especial, à prova de borrões. Esse sistema operacional de impressão funcionou tão bem que perdurou praticamente inalterado até 1811, quando outro alemão, Friedrich Koenig, substituiu a mesa de pressão por um cilindro com acionamento a vapor e capaz de imprimir a fantástica tiragem de 1.100 cópias por hora.

Gutenberg dedicou um ano e meio à impressão de 200 lindíssimas Bíblias de 1.282 páginas escritas em latim, utilizando tipos góticos. Sobreviveram apenas 12 Bíblias de Gutenberg, impressas em pergaminho. Tive a ventura de conhecer um exemplar na mansão de Huntington, em Los Angeles. Confesso que fiquei extasiado diante de sua beleza plástica e gráfica. Obra de artista e gênio. Henry Huntington adquiriu esta preciosidade em 1919 pela bagatela de US\$ 50 mil. “Quanto vale hoje? – perguntei”. “Não há dinheiro que remova esta raridade” – respondeu, solicitamente, a diretora da Huntington Library.

A imprensa provocou uma vigorosa transformação e, de pronto, influiu extraordinariamente no Renascimento. Tamanho foi o alcance e a influência da tipografia de Gutenberg que ela foi considerada a maior revolução tecnológica do milênio, pois propiciou a democratização do conhecimento, com impressão em grande escala de livros e jornais.

Nessa época, a Europa possuía cerca de 50 milhões de habitantes. Só 15% sabiam ler, pois raramente conseguiam livros. O engenho de Gutenberg se propagou espantosamente e fez dobrar em poucos

anos o número de europeus alfabetizados. Em 1500, já circulavam meio milhão de livros.

Se vivemos hoje a *Era do Conhecimento* é porque alçamo-nos em ombros de gigantes do passado. A Internet representa um poderoso agente de transformação do nosso *modus vivendi et operandi*. É um marco histórico, um dos maiores fenômenos de comunicação e uma das mais democráticas formas de acesso ao saber e à pesquisa. Mas, como a toda a inovação, cabem ressalvas. Tem potencial cuja medida não deve ser superdimensionada. Seu conteúdo é fragmentado, desordenado e, além do mais, cerca de metade de seus *bites* é descartável, é entulho, é lixo. Bem-vinda a Internet 2, a banda larga, a *Web* sem fio (*wireless*).

Segundo o Ibope, atualmente, 80% dos brasileiros usuários da rede são das classes A/B; 16% da classe C; 4% das classes D/E. O alento vem por conta do aporte de novos internautas na população menos aquinhoadas: 50% de crescimento na classe C e quase 100% nas classes D/E nos últimos dois meses. “O importante – se faz oportuno Joelmir Beting – é organizar ações coletivas públicas e privadas, para que tenhamos a difusão dos micros e dos *softwares* didáticos no rodapé da pirâmide social”.

Vivemos ainda uma fase de exclusão digital. Longe, portanto, do *homo digitalis*. Estudo da ONU relata que apenas 5% da população mundial usa o colorido mundo do *www* e que, em apenas seis países (EUA, Japão, Reino Unido, Alemanha, Canadá e Itália), concentram-se 82% dos internautas do mundo. Destarte, é falaciosa e prematura a assertiva de que o acesso *on-line* representa um poderoso nivelador de oportunidades entre ricos e pobres.

O gueto tecnológico e a estrutura de desigualdades socioeducacionais entre os países permanecem inalterados. Nos EUA, são 135,7 milhões de conectados. Em contrapartida, o número é praticamente nulo em Camarões, Congo, Angola, Argélia e Burundi.

“Aprender é como parto: é uma coisa linda, mas dói”, ensina Pedro Demo. E não é barato! Ademais, para tirar uma comunidade do atraso não basta o aporte substancial de recursos tecnológicos e financeiros. Requer pessoas comprometidas e altruístas para alterar a cultura e o *status quo* de latência, apatia e falta de iniciativa. Requer professores motivados, entusiasmados, com disposição e visão holística. Sem isso, é exigir que a comunidade levante seu corpo, puxando os próprios cabelos.

JACIR J. VENTURI

Diretor de escola, ex-professor da UFPR e da PUC-PR
Autor de *Álgebra Vetorial e Geometria Analítica* (9. ed.)
e *Cônicas e Quádricas* (5. ed.)
In Portal da Educação

Urbanização, Educação e Meio Ambiente

ERNANI BAYER



Foto: J.W.Freire

O desordenado crescimento das cidades favorece a favelização

Em *O Planejamento Urbanístico e as Leis Orgânicas dos Municípios*, da coleção 'Ensaio Catarinenses' (Ed. da UFSC, Florianópolis, 1977), já me referia ao crescimento desordenado das cidades, observando que diversos fatores têm concorrido para que as cidades se tornem grandes e cada vez maiores aglomerados humanos. Os mais expressivos são, sem dúvida, de ordem econômica e tecnológica. Buscam-se melhores condições de vida em função de ofertas de salários mais altos e conseqüente elevação de renda; busca-se, igualmente, maior satisfação de desejos ou necessidades, para usufruir, através da efetiva participação, dos recursos postos à disposição, pela moderna tecnologia, das populações das grandes cidades.

Chamava atenção para o fato de que o crescimento desordenado das cidades e o processo de metropolização prematuro têm provocado uma série de problemas como o surgimento de megalópoles, do fenômeno das conurbações nas áreas metropolitanas e suas conseqüências, como dificuldades de transportes e habitação, existência, em larga escala, do subemprego, do crime e da violência, da poluição, sob todas as formas, enfim, de precárias condições de vida.

Na realidade, destaquei à época que um dos problemas mais graves é o da criminalidade e da violência, associado hoje, em grande parte, aos aspectos negativos da urbanização nos maiores centros, tornando precária a vida dos seres humanos.

Citando o relatório entregue ao Governo Francês, documento que ficou conhecido como *Le Rapport Peyrefitte, 103 Propositions Contre La Violence*. In *L'Express*, n.º 1360, 1^{er} – 7 août 1977, elaborado durante dezesseis meses, por dez especialistas, grupo que ficou conhecido como o "Comitê sobre a Violência", "algumas das 103 proposições do grupo estão vinculadas aos aspectos da urbanização". Dizia que "estas rápidas observações são feitas com o objetivo de demonstrar a íntima relação existente entre a deterioração da qualidade de vida e um processo inadequado ou sem planejamento".

Hoje, considerando a legislação brasileira suficiente e adequada para coibir os abusos não contidos pelo Poder Público, entendo estar na Educação, em todos os níveis, a solução para os problemas urbanísticos e suas conseqüências.

Na obra, quando conceituei Urbanismo como "arte e técnica social de adequar o espaço físico às necessidades e à dignidade da moradia humana e a todas as aspirações comunitárias", entendi que o processo de desenvolvimento deveria ser, antes de tudo, subordinado a um planejamento urbanístico, como sistema, para atender às aspirações comunitárias. Cabe, portanto, ao Poder Público a obediência aos parâmetros legais e o seu cumprimento. Somente assim é possível evitar catástrofes que se repetem anualmente, sem que se faça algo para impedi-las.

A afirmativa de que a Educação pode contribuir em muito para a diminuição dos problemas ori-



Vista da área do Sapiens Parque



InovaLab, centro de inovação do polo tecnológico no Sapiens Parque, inaugurado em 2010

Escola Sapiens

Criada no espaço do *Sapiens Parque*, ela funciona à maneira de uma escola de escolas: ali professores e alunos de escolas de Ensino Médio da Rede Pública de Ensino de Santa Catarina participam de programas de capacitação nas áreas de tecnologia da informação, arte e sustentabilidade, para a produção de conteúdos educativos e culturais.

A *Escola Sapiens* é resultado de parceria entre o Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de SC - FAPESC, a Fundação CERTI, a empresa Sun Microsystems, que doou os equipamentos e *softwares* necessários para a implantação do projeto, e o Sapiens Parque. A Escola conta com o apoio do Instituto Sapiens e da UFSC – responsáveis pelo desenvolvimento de conteúdo tecnológico e educação interativa – e também da empresa Animaking, que ministra os cursos referentes à área de artes.

Num desdobramento da parceria, os equipamentos também serão utilizados por alunos e professores de Joinville, em Laboratório de Informática da escola estadual Germano Timm. Este laboratório será um *showroom* das tecnologias educacionais inovadoras desenvolvidas pela Sun e que têm potencial de uso em todo o sistema educacional de SC.

Complementarmente, a Escola Sapiens pretende promover a inclusão social das escolas, por meio desse novo conceito de produção de conteúdo e por aliar arte e tecnologia para gerar educação, o que pode ser disseminado para as demais escolas do Estado e até para as empresas.

Fonte: Portal Sapiens Parque

ginários do desordenado crescimento das cidades, como a superpopulação e a deterioração da qualidade de vida, não é, simplesmente, uma afirmação sem consequência, pois se fundamenta em experiências bem-sucedidas. Bastaria citar, para isto, a influência das crianças, no respeito às regras do trânsito, na limpeza das ruas e na consciência sobre a preservação do meio ambiente.

Não posso deixar de me referir à bela experiência do *Sapiens Parque*, em Canasvieiras, Florianópolis, cuja área total a ser ocupada é de 431,5 hectares. Trata-se de um grande projeto onde são harmonizados os conteúdos de educação, urbanização e meio ambiente – um moderno parque no qual tecnologia, meio ambiente, arte e ciência se encontram para oferecer suporte a novos empreendimentos, facilitando o espírito inovador e a difusão do conhecimento.

Com o apoio do Centro de Referências em Tecnologias Inovadoras – Fundação CERTI, da Universidade Federal de Santa Catarina, os projetos desenvolvidos no *Sapiens Parque* já demonstram sua importância para o futuro da economia catarinense, estabelecendo premissas e preservação do meio ambiente, espírito de inovação tecnológica e educacional e, com o mesmo espírito, abrigando a Escola Sapiens. A criação de Parques Regionais, com possível financiamento da FINEP, seguirá a orientação do modelo do *Sapiens Parque*.

ERNANI BAYER

Diretor Administrativo Financeiro do Sapiens Parque
Consultor da UNIGRANRIO
Ex-Reitor da UFSC

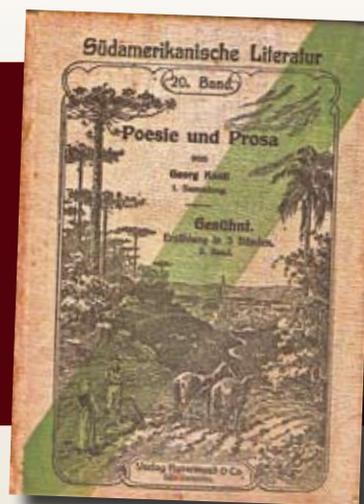
Os Imigrantes Alemães e sua literatura

VALBURGA HUBER

A mudança do foco de atenção de diversas áreas do saber e sobretudo da Literatura Comparada para os polos periféricos do mundo incluiu, nas últimas décadas, a Literatura das minorias étnicas de diversos países e continentes e, entre elas, as Literaturas de Imigração. Estas adquirem crescente importância nas questões da identidade nacional e cultural de países como o Brasil. É nesta ótica que trabalham atualmente pesquisadores da área (ver “Literatura brasileira de expressão alemã” no site do Instituto Martius-Staden de S. Paulo). Oficialmente, a imigração alemã inicia-se em 1824, com a fundação de S. Leopoldo no RS, e o fluxo imigratório estende-se à década de 1930, concentrando-se mais nos estados do Sul do país, sendo seus pontos altos na era de Bismark (1866-70 e 1881-90), e havendo fluxos menores no séc. XX antes e depois das Guerras Mundiais.

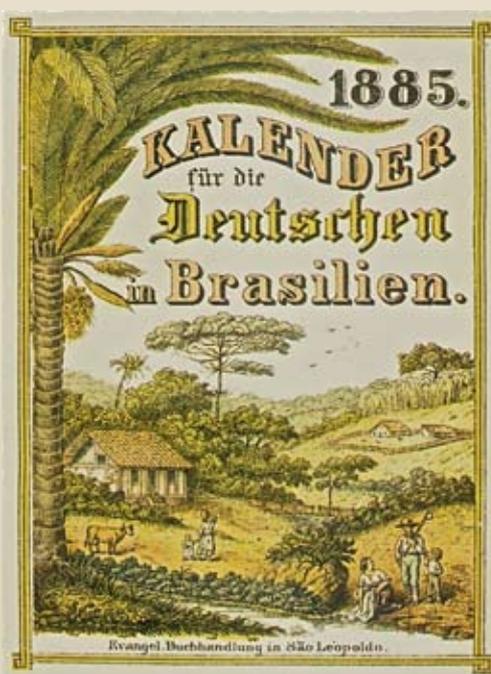
Os imigrantes alemães produziram uma Literatura própria, denominada teuto-brasileira, publicada nos conhecidos *Kalender* (anúários), em jornais, revistas e livros, como expressão do *Deutschtum* (patrimônio cultural alemão) que, no desenrolar do processo de integração ao novo país, torna-se um patrimônio cultural misto, o *Deutschbrasilianertum* (Patrimônio cultural teuto-brasileiro). Este patrimônio cultural em língua alemã, da imprensa a anúários e revistas, além de livros, bem como todo o ensino nas centenas de escolas alemãs vão ter um fim abrupto na 2ª Guerra mundial com a proibição do idioma alemão (no movimento da “nacionalização” compulsória do Estado Novo).

Os jornais alemães mais importantes a partir de 1861 foram: *Kolonie Zeitung* (Joinville/



SC), *Deutsche Zeitung* e *Koseritz Deutsche Zeitung* (Porto Alegre), além de diversos outros como: *Deutsches Volksblatt* (Diário popular alemão, Porto Alegre); *Blumenauer Zeitung* e *Urwaldsbote* (Jornal de Blumenau e Mensageiro da Selva – Blumenau/SC) e *Serra Post Kalender* (Ijuí/RS). Entre as revistas destacam-se as religiosas como a *SKT Paulusblatt* (Folheto de S. Paulo) e a *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien* (Folha dominical para as comunidades evangélicas no Brasil). Os primeiros *Kalender* – almanaques ou anuários – datam da década de 1870 e são os veículos de comunicação mais populares, pois abordam de literatura a informações práticas destinadas aos colonos. São tão populares que chegam a ter mais de 200 páginas e tiragens que ultrapassam os doze mil exemplares, em 1931. Destacam-se: *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* (Porto Alegre), fundado por Karl von Koseritz e o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (S. Leopoldo), fundado por Wilhelm Rotermond e publicado pela editora com seu nome. Estes são seguidos por muitos outros como o *Der Familienfreund* (O amigo da família), o *Serra Post Kalender* (Anuário do Correio Serrano), Ijuí; o *Kalender für die evangelischen Gemeinden* (Anuário para as comunidades evangélicas), S. Leopoldo; e o *LutherKalender für Südamerika* (Anuário Luterano para a América do Sul), Porto Alegre. Na década de trinta surgem, ainda, em São Paulo, publicações vinculadas ao Partido Nazista, com o é o caso do almanaque *Volk und Heimat*, editado de 1935 a 1938.

A temática mais constante da literatura teuto-brasileira é a própria emigração/imigração, a vida cotidiana nas colônias, o dualismo, a



divisão entre duas pátrias – a *Urheimat* (pátria ancestral) e a *Heimat* ou *Vaterland* (pátria) – duas culturas, o passado e o presente, a saudade e a esperança que, aos poucos, dá lugar ao afeto pela nova terra. Tanto a temática, quanto o seu valor estético estão essencialmente ligados ao *pathos* (do grego: sofrimento, dor) da emigração, elo entre escritores e leitores, pois plasmou neles uma sensibilidade especial, tanto para escrever como para entender esta literatura, nem sempre compreendida pelos europeus que não passaram por esta experiência existencial. Estes dualismos, sobretudo a ideia de pertencer a duas pátrias, também trarão conflitos, seja de ordem moral, seja de ordem prática, por ocasião das duas guerras mundiais.

Na literatura teuto-brasileira, os autores da primeira geração, todos nascidos na Alemanha, compõem um grupo heterogêneo e constituem o auge desta literatura na virada do século XIX para o século XX. Deste grupo fazem parte, entre outros, Wilhelm Ahrons, Theodor Amstad, Rudolf Damm, Franz Donat, Mathias Ganzweidt, Karl Kleine, Georg Knoll e Ida Knoll, Otto Meyer, Karl Friedrich Niederhut, Arno Philipp, Emil Schlabit, Mathias Schmitz, Ambros Schupp, Wilhelm Süffert, Alfred Wiedemann, Wilhelm Wustrow, Viktor Schleiff, Clara Sauer, Helmut Cullmann e Wolfgang Ammon. Como editores e mentores da vida cultural, além de escritores, destacam-se Karl von Koseritz e Wilhelm Rotermund. É a geração que expressa o encantamento do imigrante alemão ante a natureza brasileira, paraíso natural, e o canto de louvor ao paraíso construído, a colônia alemã, como o expressa esse poema de Georg Knoll:

Colônias

*Tu, formosa elevação, tu, verdejante vale,
 (...) Vós, montanhas cobertas de florestas,
 Tu, abismo escuro,
 Vós, águas espumejantes,
 Tu, brisa refrescante
 (...) Por onde eu sempre passo;
 Lá embaixo das palmeiras, ouço
 som familiar,
 Vida germânica ao longo dos vales.*

Kolonien

*Du liebliche Höhe, du grünendes Tal,
 (...) Ihr Berge bewaldet,
 du düstere Kluft,
 Ihr schäumenden Wasser,
 du kühlende Luft.
 (...) wo immer ich zieh;
 Da unter den Palmen hör ich
 traulichen Klang,
 Germanisches Leben, die Täler entlang*



A segunda geração de escritores é constituída por filhos de imigrantes colonizadores que ainda escrevem em alemão como: Ernst Niemeyer, Juanita Schmalenberg-Bezner, Emma Deeke, Gertrud Gross-Hering e Elly Herkenhoff, entre outros. Nascidos no Brasil, estes autores desejam expressar-se numa literatura própria e independente da qual Ernst Niemeyer é o maior mentor, como se vê neste trecho do seu estudo *Teutonen Literatur*:

Nós, alemães na nova pátria, temos vida própria e por isso devemos ter uma literatura própria... Outras plantas, outras montanhas nos cercam, um outro sol ilumina os nossos dias, outras estrelas cintilam em nossa noite... Nossa pátria é jovem... e novas canções devem celebrar esta terra. Teuto, observa o teu céu, canta a tua terra... És poeta, então a poesia está onde tu vives... Teutos, nós temos direito a uma literatura própria e nós a criaremos.

É o que percebemos também no seu poema “Salve Brasil” (*Heil Brasilien*):

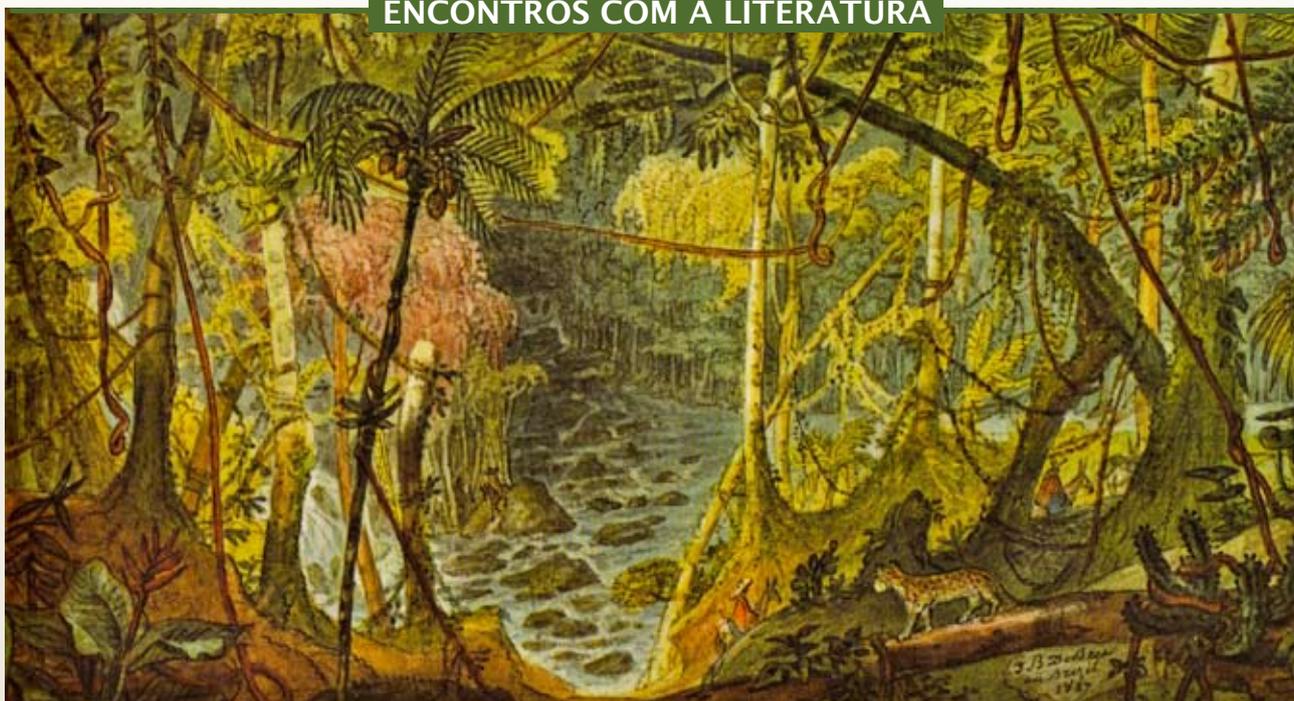
*Saúdo-te, pátria amada
 Maravilhosa em todos os sentidos
 Abundante nos frutos e nas cores
 Com pedras preciosas no seio das montanhas
 Deus te abençoou.
 (...) Saúdo-te, minha terra
 Em ti realizam se os sonhos das pessoas*

*Quem aqui labuta, da terra terá
 Trabalho, amor e alegria
 Sob os ramos das palmeiras*

*Heil dir, liebes Heimatland!
 Herrlich allerwegen!
 Aller Frucht und Farben Fülle,
 Edelsteine in Berges Hülle,
 Gab dir Gottes Segen.*

*(...) Heil, mein Land!
 In dir wird wahr, was die Menschen träumen
 Wer da ringt, dem wird auf Erden
 Arbeit, Lieb' und Freude werden
 Unter Palmenbäumen*

Poesia e prosa descrevem as maravilhas da natureza brasileira vestida de cores, perfumes e luzes da eterna primavera tropical. Na prosa basta ler



Grande Cachoeira do Sumidor na floresta de Picinguaba. Debret, 1827

obras de autores, por ex., do Vale do Itajaí/SC, como: *Am Rande des Brasilianischen Urwaldes* (*À beira da mata virgem brasileira*), de Therese Stutzer (escritora alemã que residiu muitos anos no Brasil) ou *Durch Irrtum zur Wahrheit* (*Do erro à verdade*), de Gertrud GrossHering, a maior romancista de Blumenau ou ainda *Liebe und Pflicht* (*Amor e Dever*) de Emma Deeke, também desta cidade.

Poucos descendentes de imigrantes de terceira geração ainda escrevem em alemão. Uma vez proibido o idioma na 2ª Guerra Mundial, essa literatura só ressurgiu, mas frágil, nas décadas de cinquenta e sessenta. A etnicidade teuto-brasileira volta a ser reconstruída, geralmente de forma etnocêntrica, baseada na “origem comum”, no uso da língua alemã, no estilo de vida, nos hábitos e tradições. Basta lembrar festas da cerveja, como a *Oktoberfest* de Blumenau.

Na terceira geração há escritores como Carlos H. Hunsche e Edith Freyse. No primeiro persiste a visão edênica do Brasil, expressa no poema:

Pátria Brasil

(...)

*Aqui é nossa pátria tão cara e com tanto valor
Onde nossa mãe nos ensinou a orar,
Onde nós afortunados em espaços sem fim
lembramos com saudade
os sonhos infantis*

Heimat Brasilien

(...)

*Hier ist unsere Heimat, uns teuer, und wert
Wo Mutter das Beten zuerst uns gelernt
Wo wir, beglückt in unendlichen Räume
Nachsannen den goldenen Kindheits träumen.*

A escritora Edith Freyse, por sua vez, escreve suas obras em alemão e as publica na década de 1980 com sucesso, na Alemanha. Destaca-se a trilogia de romances: *Brasilianische Sinfonie* (*Sinfonia Brasileira*, 1982), *Das*

Geheimnis der Campos (*O segredo dos campos*, 1984) e *Pionier am Paraná – Brasilianische Sinfonie II* (*Pioneiros no Paraná – Sinfonia Brasileira II*, 1985).

São escritores com horizontes estéticos mais amplos e temática mais variada, que abordam a imigração como um resgate das próprias origens.

Já na segunda geração, há também imigrantes que se destacam na literatura brasileira, no Movimento Modernista de 1922, como é o caso de Raul Bopp e Augusto Meyer. As raízes de descendente de imigrantes alemães de Bopp estão na visão europeia da Amazônia, imensa e exótica, que deixa transparecer ainda o olhar de um Colombo, de um Hans Staden e de tantos outros viajantes e também o dos ancestrais alemães. Em Augusto Meyer a natureza gaúcha, com a imensidão de seus pampas e coxilhas, está, tal como em Bopp, na gênese da sua obra. Nos livros *No tempo da flor* e *Segredo da infância*, ele resgata os antepassados imigrantes e sua poesia é profundamente regional, sendo este regionalismo a expressão genuína da sua brasilidade.

Referências

FOUQUET, C. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. da FURB, 1993.

_____. *A Ponte Edênica - Da Literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*. S. Paulo: Ed. Annablume/Fapesp, 2009

Kalender für die Deutschen in Brasilien. São Leopoldo: Rötermund, (1881/1941).

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC Ed., 1982.

VALBURGA HUBER

Prof.ª de Língua e Lit. Alemã - Fac. Letras/UFRJ
Pesquisadora da Literatura Teuto-brasileira

UM POEMA DE GOETHE

CARLOS NEJAR



Goethe, por Joseph Karl Stieler, 1828

Johann Wolfgang von **Goethe** (1749-1832) foi das mais destacadas figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, final do séc. XVIII e início do XIX, incursionando também no campo da ciência. Liderou com Friedrich Schiller o movimento literário romântico alemão *Sturm und Drang* (*tempestade e ímpeto*), reação ao racionalismo postulado pelo Iluminismo do séc. XVIII, e ao Classicismo francês, cuja estética influenciava a cultura europeia daquele tempo, sobretudo na Alemanha.

Sua vasta produção se compõe de romances, peças de teatro, poemas, escritos autobiográficos, reflexões teóricas sobre arte, literatura e ciências naturais. Sua correspondência epistolar com pensadores e personalidades da época é grande fonte de pesquisa e análise de seu pensamento.

Com a publicação do romance *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), rendeu-lhe fama em toda a Europa. Na fase madura de sua produção literária, e influenciado também por Schiller, tornou-se o mais significativo autor do Classicismo de Weimar. De sua vasta obra, destaca-se *Fausto, uma tragédia*, cuja versão definitiva, só seria publicada em 1808, trazendo à luz sua obra prima. Mas a problemática humana do Fausto continuou a intrigar o poeta e, em 1826, ele começou a escrever a segunda parte do poema, publicado postumamente sob o título de *Fausto. Segunda parte da tragédia, em cinco atos*.

Goethe é até hoje considerado o mais importante escritor alemão, cuja obra influenciou a literatura do mundo.

EIN GLEICHES

J. W. Goethe

Über Allen Gipfeln

Ist Ruth

In Allen Wipfeln

Spürest du

Kaum einem Hauch;

*Die Vögelein schweigen im
Walde.*

Warte nur, balde

Ruhest du auch.

OUTRA

(Tradução livre de Carlos Nejar)

Por todos os montes,

O reger da paz,

Ouve-se das frondes

A brisa, que é mais

Leve do que o pisar do ar;

E o bosque surdo:

Nem sequer uma ave.

Até que mais suave,

Breve, irás

Todo

Em viagem.

CARLOS NEJAR

Poeta, ficcionista e crítico

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filosofia

GOETHE, O BRASILEIRO

— SYLK SCHNEIDER —

Em 1932, bicentenário do nascimento de Goethe, os imortais da Academia Brasileira de Letras plantaram no jardim do Petit Trianon do Rio de Janeiro uma *Goethea*, malvacea endêmica das florestas brasileiras. No mesmo ano, foi inaugurada a segunda reserva natural do Brasil, a Reserva da *Goethea*, na restinga de Itapeba, Jacarepaguá, na cidade do Rio.

O então diretor da Seção de Botânica do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Sampaio, discursou:*

A Academia planta hoje uma Goethea, em seu jardim, para manter, com este símbolo florístico, uma lembrança viva das altas homenagens que hoje rende a Goethe.

Mas não apenas uma recordação, pois a Goethea que hoje aqui plantamos, ficará tão célebre, perante o mundo científico, quando o cedro que Jussieu levou ao Jardim de Plantas de Paris, como um exemplo de amor às coisas da natureza. É um presente do Museu Nacional à Academia, por iniciativa do eminente Professor Roquette-Pinto.

Este nome dá fôros de princesa às plantas a que pertence. E ademais o espécime original do gênero sempre conviveu com príncipes, desde que surgiu para a ciência! Foi descoberta a espécie-tipo por um príncipe de sangue, Maximiliano de Wied, em 1817, em floresta de Ilhéus, quando este ia a caminho do rio Itaípe, no sertão baiano. Batizaram-na dois grandes príncipes da ciência Nees von Esenbeck e o pai da botânica brasileira Carl Friedrich Phil. von Martius.

E Sampaio segue:

É de esperar, srs. Acadêmicos que o vosso gesto estimule as mais úteis efectivações no terreno florístico no Brasil; e são de tal vulto, científico e artístico as realizações a efectivar, que fogem a capacidades individuais, exigindo o dinamismo convergente de quantos como vós se tenham alado aos páramos do alto idealismo.

Daí a razão tenha partido de instituições artísticas e literárias a iniciativa dos Congressos Internacionais para a Protecção da Natureza, iniciativa a que as instituições científicas e os sábios do mundo inteiro deram desde logo, e darão sempre, a maior e a mais sincera cooperação; é que a Protecção à Natureza é antes de tudo uma prerrogativa das Letras e das Artes! Vosso exemplo chamará a atenção do Brasil inteiro para a nossa flora, escriptorio das Goetheas e viveiro de mil e uma essências do mais alto valor que devemos por igual proteger, como garantia da fertilidade do solo brasileiro e da grandeza do Brasil.



A *Goethea*, descoberta por Maximiliano de Wied, em 1817

Essa planta que tanto foi honrada no Rio de Janeiro é, até hoje, prova do grande interesse de Goethe pelo Brasil. Não só pelos jardins botânicos da Alemanha, em Bonn, Hamburgo, Frankfurt, Jena, Heidelberg e outros, mas também os de Nova York e o Kew Gardens, em Londres. Adoraria se as escolas do Brasil que ensinam alemão plantassem, com a *Goethea*, o espírito humanista de Goethe nos jardins da escola. A nova associação de Goethe do Brasil seguiu minha sugestão e escolheu a *Goethea* como logotipo da associação.

Goethe sempre se interessou por notícias de outras partes do mundo. Sabemos que, quando a Corte portuguesa fugiu das tropas de Napoleão para o Brasil, houve mudança na política lusa para o território brasileiro, até então fechado a estrangeiros. Essa abertura a outras nações significou uma segunda descoberta do Brasil. O interesse de Goethe logo despertou e foi aprofundado quando se tornou ministro de Estado da Saxônia-Weimar.

O duque Carlos Augusto, da Saxônia-Weimar, soube que, em razão do casamento de Leopoldina da Áustria com o príncipe D. Pedro, se promoveria

uma expedição científica para o Brasil. Goethe recebeu a incumbência do duque para averiguar se, para ela, seria oportuno enviar o ornitólogo Thienemann. A expedição científica não deu certo, por razões desconhecidas, mas, desde então, o pequeno ducado da Saxônia-Weimar tornou-se centro de recepção dos novos conhecimentos sobre o Brasil. E, neste centro, estavam o duque e Goethe.

O século 19 foi o século dos naturalistas. Goethe manteve correspondência com muitos dos que viajaram pelo Brasil e por outros países da América Latina, e conheceu muitos deles pessoalmente. O mais admirado por Goethe foi Alexander von Humboldt. Este, no entanto, nunca esteve no Brasil.

Mais contato teve Goethe com o chamado “pai da geologia brasileira”, Wilhelm Ludwig von Eschwege, que publicou suas primeiras obras na editora de Friedrich Justin Bertuch, em Weimar. Eschwege apaixonou-se por Sophie von Baumbach, mas os pais dela não permitiram o casamento. Achavam que Eschwege não era genro vantajoso. Desgostoso, o geólogo foi para Portugal (1808-10) e, mais tarde, para o Brasil onde o príncipe regente D. João (depois VI) nomeou-o diretor de seu gabinete geológico e diretor das minas de ouro (1810). Eschwege fundou a primeira usina de ferro no Brasil.

Quando retornou à Europa, rico e respeitado, sua primeira visita foi a Weimar, onde soube que Sophie von Baumbach se tornara dama daquela Corte. Só agora, 18 anos após a decepção inicial, os pais dela concordaram com o casamento. Goethe, que conhecia Sophie von Baumbach e as publicações de Eschwege, ficou feliz em conhecê-lo pessoalmente. Nos diários de Goethe, comprovei a ocorrência de mais de 20 encontros entre Goethe e Eschwege, e nos arquivos de Weimar existem várias cartas do Barão de Eschwege a Goethe.

Outro cientista e brasileiro que Goethe encontrou pessoalmente duas vezes foi o chamado “pai da botânica brasileira”, Carl Philipp von Martius. A maior obra científica botânica do mundo escrita até hoje é a *Flora Brasiliensis*, iniciada por Martius. Lendo suas obras, Goethe escreveu que “se sentia em casa nesse distante continente (o Brasil)”.

Goethe era tão conhecedor da botânica do Brasil que descobriu um equívoco na descrição do geólogo Eschwege sobre a planta *ipecacuanha*. Usou, então, sua rede de “brasilianistas e cientistas” para esclarecer o erro. Já naquela época existia grande interesse por novas plantas medicinais, e Goethe claramente reconheceu o enorme e valioso potencial da flora do Brasil para a cura de muitas doenças. Em sua biblioteca existe a obra de Martius *Plantas Mediciniais do Brasil*. Como se vem redescobrimo a força e o potencial da flora brasileira para fins medicinais, a ipecacuanha existe atualmente como produto medicinal semi-industrializado.

Até hoje a biblioteca de Goethe está intacta. Através do catálogo de Ruppert sabemos que livros Goethe possuía. Como pesquisador, tive o privilégio de ver os originais. Há dezenas que tratam de assuntos brasileiros. Obra belíssima é a descrição da viagem de Martius, que vem acompanhada de lindas gravuras, de 50x70 centímetros. Outra também com lindas gravuras é a descrição da viagem do príncipe Maximilian von Wied-Neuwied ao Brasil, que ali chegou em 1815, usando o pseudônimo de Max von Braunsberg.

Além do seu interesse pelo Brasil como ministro, geólogo e botânico, há mais uma razão que descobri nas cartas de Goethe: a vontade de viajar e o impedimento de fazê-lo, devido à avançada idade. “A visita dos viajantes me dá o prazer de viajar sem me deslocar”, dizia, ou “como não sou mais jovem, a alternativa é viajar por meio das bibliotecas”.

Goethe era grande colecionador. De suas coleções constavam, entre outras, moedas e pedras do Brasil, e até uma rede e adornos feitos por tribo de índios do Amazonas. É muito provável que ela tenha sido presente de Martius, porque é do mesmo tipo de rede de buriti descrita no seu livro de viagem.

A rede existe em estado original, bem conservada, nas coleções do Museu Nacional de Goethe, em Weimar. Pude vê-la pessoalmente, pela primeira vez, em outubro passado e fiquei surpreso com seu perfeito estado de conservação. Infelizmente não encontrei prova de que Goethe haja testado a rede, mas adoro imaginá-lo nela deitado, sonhando com o Brasil.



A viagem de Goethe ao Brasil. Uma viagem imaginária de um gênio

Referências

* “A Goethea no Jardim da Academia – Discurso em ocasião da comemoração do centenário da morte de Goethe”, 31 de março 1932. In *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n.º dedicado a Goethe, 1932. Minha gratidão a Luiz Antônio de Souza, Bibliotecário responsável pela BALM, por me haver possibilitado o acesso ao texto.

Mais informações: www.goethebrasil.de

SYLK SCHNEIDER

Economista

Especialista em estudos regionais da América do Sul (UFPE)
Curador de exposição sobre Ernst Feder – Museu da Cidade de Weimar

Autor de *Goethes Reise nach Brasilien. Gedankenreise eines Genies*. TLZ/WtV

Dr. Fausto no cerrado brasileiro

PER JOHNS

O livro *Na trilha de Lagoa Santa*¹, do escritor dinamarquês Henrik Stangerup (1937-1998), sobre Peter Wilhelm Lund (1801-1880), cognominado de “pai da paleontologia brasileira”, é e não é um romance, já que dá ao leitor a curiosa impressão de que o personagem, que é real (histórico), estava à espera justamente *daquele* autor para preencher as lacunas de sua biografia conhecida, mas insuficiente, tamanha é sua verossimilhança. Em outras palavras, o autor, que fugia do que chamava de “asfixia cultural” em sua terra natal, encontrou nos confins do Brasil um personagem de carne e osso, seu compatriota, que parecia trazer respostas adequadas à sua perplexidade.

As lendas que cercaram a vida do Dr. Lund, tanto quanto seus empreendimentos científicos, ao vasculhar as oníricas grutas calcáreas dos arredores de Lagoa Santa à procura de fósseis pré-históricos, intrigaram Stangerup vivamente, sobretudo porque havia um hiato, uma anormalidade que não consta nos manuais dessangrados da ciência ou da história. Dr. Lund vivera os últimos trinta anos de sua vida, na segunda metade do séc. XIX, nos confins de Minas Gerais, sem qualquer atividade científica, ao sabor de suas doenças imaginárias, como se quebrado, desfibrado, desossado por dentro.

Um intrigante enigma humano: o que teria feito um dinamarquês, tão culturalmente sofisticado, a meio caminho da vida, no auge de suas potencialidades, abdicar de tudo, como se *contra a vontade*, ou como se dirigido por invisíveis fios de destino, permanecendo inativo até a morte no Brasil?

A partir dessa pista, como se *possuído*, Henrik Stangerup mergulhou nas fontes disponíveis, que não eram muitas, embora houvesse um tesouro praticamente inexplorado: a vasta correspondência que o naturalista, enquanto ativo, manteve com familiares, inclusive com o filósofo Søren Kierkegaard, de quem era parente (as duas irmãs do filósofo eram casadas com os dois irmãos de Lund), e as figuras científicas mais representativas de sua época. Ras-



Peter Wilhelm Lund, por Tegner & Kittendorff, 1847. Royal Library, Copenhagen

treia-se vida e ciência (indissociáveis) do Dr. Lund, desde a sua infância em Copenhague, no início do séc. XIX, até sua morte em Lagoa Santa, em 1880, aos 79 anos.

Sua época, sabe-se, era ilimitadamente otimista quanto às possibilidades de se chegar à total compreensão *racional* do mundo, nos moldes do iluminismo europeu. Não era bem assim, entretanto. Passamos a numa atmosfera que se vai aprofundando em camadas cada vez mais complexas e densas da realidade, como se entrássemos nas próprias grutas do Doutor. A par de serem oníricas e fantasmáticas, continham imprevistos mistérios, a ponto de cada vez mais confundirem e conturbarem o quadro de clareza epistemológica que o cientista levava consigo antes de descobri-las. De repente, o mundo é do demônio e não mais de Deus. Nessa dolorosa desmontagem, reconhecemos uma das grandes fontes da tradição literária do Ocidente, a figura do Dr. Fausto², que vende a alma ao diabo para descobrir a verdade.

Mas o drama humano vai muito além. Advirta-se que o cientista Lund é sobretudo o europeu Lund, o homem que além da verdade científica carregava consigo toda uma tradição voluntária ou involuntariamente missionária ou catequista. O europeu Lund (assim como os europeus Santo Inácio de Loyola, Cortez, Colombo e Cabral, mais recentemente Albert Schweitzer³, no coração da África negra) trazia consigo um modelo de vida por assim dizer *indiscutível*, não só o certo, mas o único viável. A simples possibilidade de uma alternativa descoroço os próprios fundamentos de sua vida e obra.

Seu drama de desossamento e afinamento nasce aí, apressado pelas figuras antológicas, embora dotadas de motivações diferentes, do norueguês fracassado, o pintor e boêmio Peter Andreas Brandt, e o dinamarquês aventureiro, ancorado em Curvelo, Peter Claussen. Ilustram o desenraizamento de europeus que, ou dão a volta por cima e dominam o novo meio com sua prepotência, sem se deixar contaminar, ou sucumbem a meio caminho entre



Lund observando pinturas ruprestres, por Peter Andreas Brandt

o sonho europeu e a nova realidade “errada”, sobretudo no caso de europeus do Norte, protestantes e puritanos, muito mais infensos à mescla racial e espiritual do que os meridionais, em especial os portugueses. Aqui e ali ecoam certas argutíssimas observações de Gilberto Freyre, autor que Stangerup leu com atenção e proveito.

Além de ser um painel da mentalidade científica da época e da psicologia colonialista, subjaz em Na trilha de Lagoa Santa o relato mítico de um embate entre as forças da vida e da morte. *Eros e Tanatos*. Nesse particular, busque-se um dos fios da meada no mineiro de

Cordisburgo João Guimarães Rosa. Clara ou velada, a alusão à novela “O recado do morro”, por inúmeros detalhes da trama, é indiscutível. A essência dramática do romance de Stangerup toma corpo ali, no contraste entre o alienígena “espigo, alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada” e alguns loucos profetas destrambelhados, moradores em cavernas e grutas, guardiães dos tesouros da terra, que pressentem no ar uma ameaça como trovoadas em dia de céu claro (*sic*), como vem dito na composição do violeiro Laudelim Pulgapé:

Mas, um dia, veio a Morte vestida de Embaixador: chegou da banda do norte e com toque de tambor.

Nesse contraste de mundividências (e verdades) modifica-se não só o dominador que chega, com toque de tambor, como o dominado, que só aparentemente é subjugado. O misterioso trovão que se ouve nas entranhas da Lapa da Cerca Grande, com que se inicia o romance, é um *recado do morro* ao cientista europeu P. W. Lund. O homem que busca esqueletos nas entranhas da Terra, buscava a morte.

A morte é um velho esqueleto, diz a lenda. E esse velho esqueleto lendário é o Dr. Lund cavalgando sem descanso em seu Rocinante à procura do que não precisa ser procurado. Ao desfibrarem-no, as entranhas da Terra dão-lhe o último recado que poderiam dar a um homem que, para encontrar a verdade, precisa torná-la imóvel e hierática. Esvaziam-lhe a alma, assim como ele esvaziou as grutas de seus tesouros, e a fazem vagar sem destino. Castigo eterno para quem não soube ou não pôde abdicar de uma verdade que se quer acima e além da vida.

O relato ficcional de Stangerup contém verdades – embora inventadas – que se sonham nos chamados relatos fatuais (pobres em comparação). Veste todos os disfarces, para deixar transparecer um sentido verdadeiro.

E assim ressuscita um morto, duplamente morto, no esquecimento dos vivos e na memória dessangrada

Foto: Gustavoads



Gruta da Lapinha, na região de Lagoa Santa, descoberta por Lund em 1830

dos anais científicos. E, paradoxalmente, ressuscitando o homem, ressuscita a ciência com que lidava, costurada que estava no tecido de sua alma e existência. A par de sua qualidade literária, vai deixando aqui e ali preciosas referências à paisagem local e à fauna e à flora, aos costumes e às lendas que então circulavam naquele remoto rincão do território brasileiro. A rigor, é uma especialíssima brasileira em que não faltam curiosas pinceladas sobre visitantes ilustres ao Brasil do séc. XIX como Humboldt, Reinhardt⁴, Burmeister⁵, Warming⁶ (autor de um pioneiro estudo da ecologia vegetal do cerrado brasileiro) e o próprio Darwin, além do que já foi apontado anteriormente e se poderia chamar de um “diálogo íntimo” com a novela *Recado do morro*, de Guimarães Rosa, em que o personagem – externo à trama, mas influente nela – *seo Alquiste* (da Lundiana ou Lundlândia, *sic*) põe em tudo “um olhar ponteado, trespassante, semelhante de feiticeiro: que divulgava e discorria, até adivinhava sem ficar sabendo”.

Nas entrelinhas paira a grande pergunta: enterrou-se Lund em vida, desgostoso com sua bagagem científica, ou ressuscitou para uma outra dimensão? A narrativa é ao mesmo tempo de aventuras na descoberta de um país remoto e de desventuras pela súbita perda dos significados que sustentam uma vida. Acompanha-se passo a passo a lenta deterioração de uma visão do mundo que implica ver o mundo e a vida como se fossem coisa manuseável de que não se participa, redutível a um plano de conquista, puro objeto. A crise de Lund em sua ambígua luta demoníaca, em que cada nova vitória científica significa o cancelamento das anteriores (a exemplo da “evolução” de Darwin que reduz a pó a “teoria das catástrofes sucessivas” de Cuvier), afunda-o primeiro numa apatia existencial sem precedentes, até que por fim afloram nele aqueles valores considerados *secundários* ou francamente relegados, que o convertem num sábio sem saber. A negatividade em princípio, ou por princípio, da selvageria e desordem brasileiras metamorfoseia-se como num passe de mágica em uma positividade em outro plano, aquele plano em que as flores “conversam” e, quase se diria, dançam ao som de uma imaginária orquestra musical (como as flores da pequena *Ida* de Andersen), numa simbiose do silêncio com o indizível, como a atestar o enunciado de Wittgenstein⁷ de que “o vigor e o mistério do indizível estão em seu silêncio”.

O que há de novo e radical no romance de Stangerup, insista-se, é a clara – não mais velada ou envergonhada – inversão dos termos, no sentido de que quem acaba convertido é o Messias, absorvido e até dissolvido pela *realidade mais forte* daquele mundo que conquista o conquistador e o reduz ao silêncio. Lund converte-se imperceptivelmente num Pedro Guilherme misterioso e lendário que conversa com as flores, ouve as pedras e tudo que o rodeia numa comunicação que vai “além das palavras” e o vai minando por dentro ao mesmo tempo em que o ilumina, simplesmente porque passa a acreditar no inimaginável, traindo na essência sua própria mensagem. Se é adversário no início, por fim, e por ínvios caminhos, converte-se no que tinha vindo para mudar. Converte-se no próprio pai-de-santo que o cientista

tanto detestava. E se torna, por que não, um Macunaíma que descobre um Brasil anterior à *descoberta*.

No belíssimo céu da morte de Pedro Guilherme Lund, ao fim do romance, os livros que contêm a sùmula científica da época erguem-se literalmente nos ares, transformados em fogos de artifício. Festejam a morte que se torna outra vida de um Lund convertido.



Joannes Faustus. Pintor anônimo, sec. XVII

Referências

¹ *Lagoa Santa: vidas e ossadas*. Rio: Nórdica, 1. ed., 1983; *Na trilha de Lagoa Santa*. Rio: Record, 2. ed., 1999. Tradução de Per Johns.

² **Dr. Fausto**, de uma lenda alemã, que faz do médico, mágico e alquimista Dr. Johannes Georg Faust inspiração para a literatura. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), escritor alemão, produziu a mais famosa das obras, o poema de proporções épicas *Fausto* – tragédia protagonizada pelo homem de ciências que faz pacto com o demônio Mefistófeles, insuflado pela paixão à técnica e ao progresso.

³ Albert **Schweitzer** (1875-1965) teólogo, músico, filósofo e médico alemão, que se dedicou a missão humanitária e evangelizadora no Gabão. Foi prisioneiro francês durante a Guerra 1914-8. Fez conferências e escreveu livros para manter seu hospital em Lambarene. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1952.

⁴ Johannes T. **Reinhardt** (1816-1882) zoólogo dinamarquês, visitou Lund (1847), retornando à região de Lagoa Santa em períodos entre 1850-1856. Durante sua estada, reuniu valiosa coleção dos peixes da bacia do rio das Velhas, e, como resultado de suas coletas, publicou trabalhos taxonômicos, descrevendo as primeiras espécies em 1849.

⁵ Karl H. K. **Burmeister** (1807-1892) naturalista alemão, que esteve no Rio de Janeiro (1850) e, atraído pela fama de Lagoa Santa, passou cinco meses em companhia de Lund. Retornando à Europa (1852) publicou três obras sobre a viagem ao Brasil: *Reise nach Brasilien, Landschaftliche Bilder Brasiliens e Systematische Übersicht der Tiere Brasiliens*.

⁶ Eugen **Warming** (1841-1924) viveu em Lagoa Santa (1863-66), é considerado criador da ciência da ecologia por sua obra, traduzida em 1908, *Lagoa Santa: contribuição para a geographia phytobiologia*, e republicada: WARMING, E. & FERRI, M. G. *Lagoa Santa e a vegetação de cerrados brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1973.

⁷ Ludwig J. J. **Wittgenstein** (1889-1951), filósofo austríaco, naturalizado britânico, cujas principais contribuições foram feitas nos campos da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática e filosofia da mente.

PER JOHNS

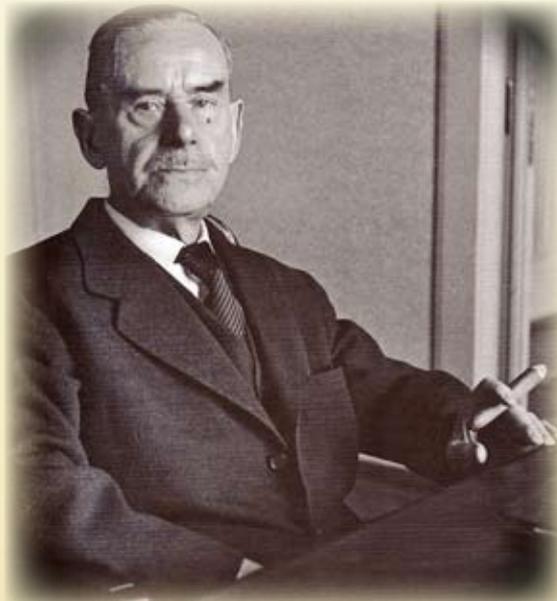
Ficcionista, ensaísta, tradutor
Autor, dentre outros, de *As aves de Cassandra*, (José Olympio, Prêmio Jabuti 1991), *Dioniso crucificado* (Topbooks, Prêmio ABL 2006) e *Hotéis à beira da noite* (Tessitura, 2010)

Thomas Mann e sua indômita mãe brasileira

CECILIA COSTA JUNQUEIRA

A história já foi contada inúmeras vezes, mas, como o tema é Thomas Mann e sua mãe brasileira, Julia, não há como escapar: tenho que recontá-la de novo. Filha do alemão Johann Ludwig Bruhns, rico proprietário de fazendas entre Santos e o Rio de Janeiro, e de Maria Luísa da Silva, brasileira de origem portuguesa, Julia Mann Bruhns nasceu em 1851 em plena Mata Atlântica. Sua mãe, quando transportada de calesa ou coche de Paraty para Angra dos Reis, sentiu as dores do parto e teve a filha no meio do caminho, entre árvores, pássaros, borboletas e macaquinhos. Este estranho nascimento parece ter marcado a alma da criança, que sempre traria um coração selvagem e livre dentro de si, como se fosse filha da mata brasileira.

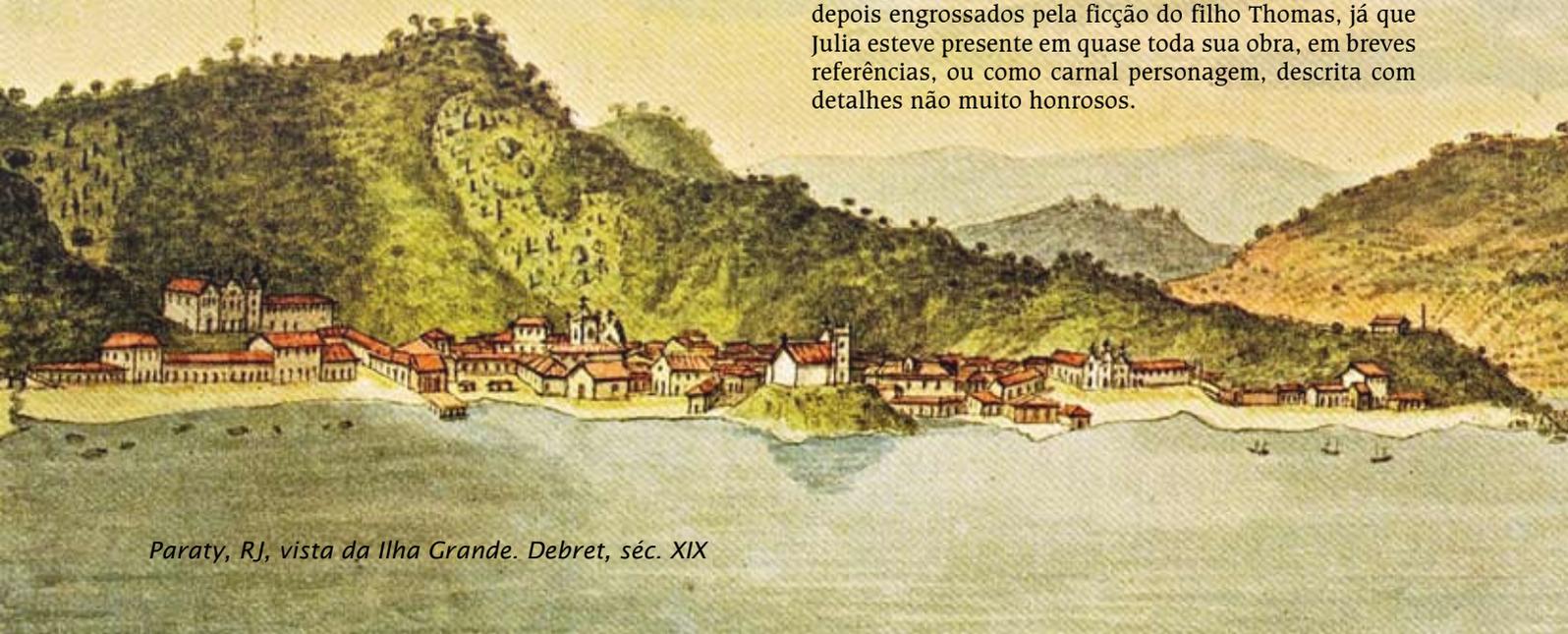
A casa dos pais, em Paraty, ficava à beira-mar. Ali, Julia seria criada, sentindo a úmida brisa marítima balançar as portas e venezianas do casarão colonial. Brincava na praia com os irmãos e os filhos dos escravos, catando conchas; cantarolava modinhas ensinadas pelas amas; ouvia histórias do folclore brasileiro; no carnaval, ia para a Ilha Grande, assistindo, ainda bem pequena, à festa de Momo da janela da casa dos avós maternos. A pequena foliã se divertia jogando serpentina e bexigas com água nos carnavalescos.



Thomas Mann, 1954. Foto de Ernst Maria Lang

Uma infância feliz cheia de liberdade para sonhar e brincar. Mas, quando Julia tinha apenas cinco anos, sua mãe Maria morreu. Perto de completar os sete, o pai decidiu que ela e a irmã mais velha iriam para Lübeck, Alemanha, tendo sido internadas num pensionato no qual aprenderiam a língua de Schiller e Goethe e receberiam educação compatível com sua classe social, a dos ricos burgueses alemães. Aos 14 anos, os estudos seriam dados por encerrados e, aos 17, a jovem, de porte imponente e beleza exótica, casar-se-ia com Thomas Heinrich Mann, 12 anos mais velho, de tradicional família de comerciantes.

O casal teria cinco filhos: Heinrich, Thomas, Julia, Carla e Victor. Apesar de abençoada com esta filharada, tudo indica, no entanto, que a união do futuro senador e administrador de Lübeck com a jovem esposa, transbordante de sensualidade, não seria muito feliz. Ficariam casados 23 anos, até a morte do respeitado político e burocrata, em 1891. Tempo suficiente para dar a impressão de relação estável. Mas existem versões sobre a morte do marido da estonteante mulher: câncer na bexiga, ataque de ciúmes, coração magoado... Assim como correram boatos na cidade hanseática¹ de que Victor seria filho adulterino da paixão de Julia por um músico. Boatos e versões depois engrossados pela ficção do filho Thomas, já que Julia esteve presente em quase toda sua obra, em breves referências, ou como carnal personagem, descrita com detalhes não muito honrosos.



Ao ler-se a obra de Thomas, é fácil verificar que Julia era uma espécie de fixação do filho escritor. Julia e sua estranheza ou brasilidade. E não é preciso “quebrar a cabeça” para se concluir que Thomas se tornou grande artista da palavra, consagrado com o Nobel, devido à divisão que sentia em seu coração, oscilando entre a lascívia e vida prazerosa proposta por sua mãe e a disciplina e ortodoxia conservadora do pai. Esta percepção de que a condição de artista nasceu desta fissura ou tensão não é apenas intuição ou ilação. Thomas escreveu sem cessar sobre essa contradição interna, tendo dedicado um livro inteiro à questão, a novela “Tonio Kroeger”, e vários contos e capítulos de seus romances. O celebrado escritor, aliás, facilitava muito a tarefa de seus biógrafos ou de quem xeretar sua vida, já que muito do que escreveu teve fundo autobiográfico. Não temia expor sua vida nem a de seus parentes. Com isso, facilitou as interpretações sobre suas motivações literárias, dores e emoções. Tendo revelado abertamente a obsessão pela mãe, que amava cantar, dançar e flertar, transformando-se em viúva alegre, após a morte do marido.

A frase que descreve Julia em *A morte em Veneza* é simples e significativa. Nesta novela, ela aparece como a mãe tcheca do protagonista Gustav Aschenbach. Era assim que Thomas costumava fazer: quando não a colocava, em suas narrativas, como mulher exuberante do sul do Equador ou de países mediterrâneos, a descrevia como eslava ou oriental, atribuindo às eslavas características próximas às das fêmeas latinas. Eis a descrição da descendência contraditória de Aschenbach:

Gustav Aschenbach nascera em L., capital de um dos distritos da Silésia, filho de um alto magistrado. Seus antepassados tinham sido oficiais, juizes, funcionários da administração, homens que haviam levado uma vida reta, decentemente parcimoniosa, a serviço do rei e do Estado. Uma espiritualidade mais profunda manifestara-se entre eles apenas uma vez, corporificada na pessoa de um pregador; um influxo de sangue mais agitado e sensual viera acrescentar-se à família na geração precedente, por intermédio da mãe do escritor, filha de um mestre de capela tcheco. Dela ele herdara as características de uma raça estrangeira patentes em sua aparência. A fusão de uma escrupulosidade profissional austera com impulsos ardentes e obscuros fez surgir um artista, este artista especial.

Ou seja, Aschenbach era fruto da retidão do pai e das curvas abissais da mãe estrangeira. Este choque de personalidades teria gerado o filho sensível, com alma de artista. O mesmo acontecendo com o moreno Tonio Kroeger, filho da latina Consuelo, e com Hanno Bruddenbrook, filho de Gerda Arnoldsen, a enigmática ruiva casada com Thomas Bruddenbrook, que o traía com o professor de violino do filho

sonhador. No caso de Gerda, também vale transcrever a descrição inicial:

Foi uma bela cena quando o cônsul, pela primeira vez, conduziu a noiva para a sala das Paisagens, e a apresentou à mãe, que lhe foi ao encontro com os braços abertos e a cabeça inclinada para o lado. Gerda, de talhe alto e esplêndido, movimentava-se sobre o tapete claro com graça soberba e desembaraçada. O basto cabelo ruivo-escuro, os olhos castanhos, pouco distantes entre si, orlados de finas sombras azuis, os dentes largos e brilhantes que mostrava sorrindo, o nariz reto e vigoroso, e a boca de forma assombroadamente aristocrática, davam a essa moça de vinte e sete anos uma beleza elegante, exótica, cativante e misteriosa. O rosto, de um alvo desmaiado, era altivo....

Exótica, talhe esplêndido...seria mesmo Gerda, ou Julia, a pessoa descrita de forma tão fenomenal? Também é esclarecedora a reação dos amigos de Lübeck à noiva de Thomas Buddenbrook:

Gerda Arnoldsen tornou-se logo célebre na cidade, e a sua pessoa foi o tema principal das palestras na Bolsa, no clube, no Teatro Municipal e na sociedade...‘Pirâmida!’, diziam os pândegos, com um estalo de língua, usando assim uma expressão recém-chegada de Hamburgo, que significava algo de fino e escolhido, fosse uma marca de vinho tinto, um charuto, um banquete ou a solvência de uma firma. Mas havia muitos entre os probos, sólidos e honrados burgueses que meneavam a cabeça... “Esquisito...essas toaletes, esse cabelo, esse porte e essa cara...um pouco esquisito demais!” Sorensen, o lojista, expressou-se assim: “Ela tem um certo quê...” E, com essas palavras, deu voltas e rodeios e franziu a testa como fazia na Bolsa, quando lhe ofereciam coisas que não prestavam.

Impressionante, não? Gerda-Julia era piramidal, esquisita, e, além do mais, não prestava... Um animal fabuloso que balançava os alicerces de Lübeck. E que daria nos nervos do marido, talvez o matando prematuramente.

Julia também serviu de modelo para a criação de seu *alter ego*, a senadora Roddes, no magistral romance de maturidade de Thomas, *Doutor Fausto*. Aí, ele realmente colou a mãe à personagem, não misturando aspectos falsos com os verdadeiros, como no caso de Gerda, que disse ser alemã com basto cabelo ruivo, filha de comerciante viúvo e milionário, apaixonado por violino. Sabemos que Julia, como boa brasileira, era moreníssima. Tinha bastos cabelos, mas não ruivos. Já seu pai era de fato viúvo e milionário, não havendo informações de que gostasse de violino. Sabe-se que Julia, sim, amava cantar e tocar piano, o que fez com que o filho sempre citasse a música em seus romances como arte de dois gumes: celestial, capaz de levar o ouvinte a êxtases, mas também ilimitada, indomável ou mesmo infernal.



Julia Mann, c. 1900.
Arquivo Thomas Mann, Zürich

Mas voltemos à senhora Roddes, a viúva alegre de *Doutor Fausto*, mãe de Clarissa e Inês, exatamente como Julia, que, além de Heinrich, Thomas e Victor, concebera as filhas Julia e Carla. Em seu livro sobre o pacto do músico Andrian Leverkühn com o Diabo, publicado em 1947, Thomas criou a senadora Roddes, viúva que fora para Munique após a morte do marido, exatamente como sua mãe. Na capital da Bavária, a senadora daria saraus, abrindo a casa a poetas, escritores e pintores, e flertaria com jovens. Suas filhas tinham vergonha de sua sensualidade madura. E havia ainda outro motivo para desconforto: a mãe costumava dar risadas agudas, “engraçadamente sensuais”, adorando ouvir histórias sobre mulheres “de costumes fáceis”.



Julia Mann e os filhos Julia Heinrich e Thomas, c. 1880. Casa Buddenbrook, Lübeck

Terminam aí os retratos que Thomas fez da mãe, em seus livros? Nem pensar. Ela é a sensual Clawdia Chauchat de *A montanha mágica*, uma desleixada epicurista que batia portas com estrondo; está no conto “O diletante”, como a mãe que incentiva o filho a ser artista, e, na novela *A enganada*, na pele da viúva Rosalie, que aos 50 anos se apaixona pelo jovem professor de inglês de seu caçula.

De todos os relatos do filho genial nos quais Julia está presente, o mais terrível, sem dúvida é o conto “Luizinha”. Nele, não poupou seus pais. A patética narrativa começa dizendo a que veio: “Há casamentos que nem a mais treinada imaginação de ficcionista poderia conceber. Mas temos que aceitá-los como aceitamos, no teatro, aquelas ligações paradoxais entre belas damas e velhotes senis, apresentadas como premissas da estrutura de uma trama”. É claro que Thomas Heinrich Mann, 12 anos mais velho do que Julia, não era senil. Como não o é o marido retratado em “Luizinha”, o advogado Jacoby, que tinha quarenta anos, enquanto a mulher Ana Margareth Rosa Amália, apelidada de Amra, tinha trinta. Mas a noção de quem era jovem ou velho, no século XIX, era bem diferente da atual.

Novamente, o modelo de Amra é Julia Mann:

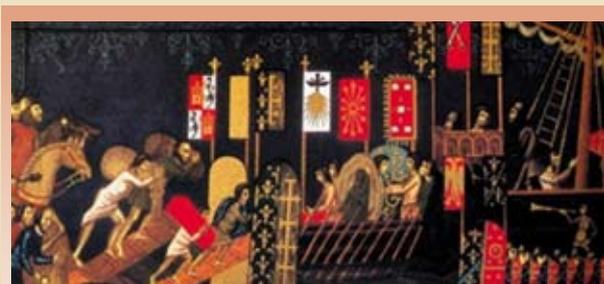
...sempre a chamaram de Amra; esse som exótico combinava com a personalidade dela. Pois, embora o cabelo basto e macio, repartido de lado e afastado da testa estreita, fosse da tonalidade do fruto da castanheira, sua pele era do tom moreno típico do sul, envolvendo formas que pareciam ter amadurecido ao sol dos trópicos. Seu viço indolente e voluptuoso lembrava o de uma odalisca. Seus movimentos preguiçosos e sensuais reforçavam a impressão de que, provavelmente, seu raciocínio era submetido às emoções. Bastava um só olhar de seus inocentes olhos castanhos, com as belas sobrancelhas arqueadas na delicada fronte, e percebia-se isso.

E assim vai... o perfil talvez fosse considerado “forte e carnudo demais”, mas a boca “era cheia, larga, perfeita, embora sem outra expressão a não ser a da sensualidade”. Amra adorava festas e tocava piano. E, como não podia deixar de acontecer, amada à loucura pelo marido, tinha

um amante, o popular e talentoso músico Alfred Lätutner. Para celebrar a chegada da primavera, a inquieta senhora resolve dar uma festa, na qual os convidados dançariam, ouviriam música, e assistiriam a uma apresentação teatral. Ela tocava piano acompanhada pelo amante. Ao advogado Jacoby, caberia se apresentar de cara empoadada, num vestidinho cor-de-rosa, como “Luizinha”, dançando e cantando. O que não faria por sua mulherzinha? Aceitou o encargo e estrebuchou, tendo morrido na noite do festim.

Teria acontecido realmente algo aparecido na mansão dos Mann? Impossível saber. O que sabemos, com certeza, é que Thomas Mann se tornou o grande escritor que foi devido às maluquices de sua mãe. Era alemão, claro. Foi com disciplina

germânica, herdada do pai, que concebeu sua grande obra. Mas em seu coração residia o artista vertiginoso, capaz de alcançar paraísos e infernos, por ser o filho da brasileira nascida na mata. Quanto ao irmão Heinrich, também escritor, apaixonava-se por cantoras de cabaré. Escreveu uma novela que, transportada para as telas, com o título de “O anjo azul”, eternizaria a beleza pálida de Marlene Dietrich. Quanto às irmãs, deram-se mal, muito mal: Carla, que quis ser atriz, se envenenou, e Julia, chamada pelos irmãos de Lula, após um casamento burguês, se tornaria viciada em morfina e também se mataria. Sobre Victor, o mais certinho, que escreveu um livrinho que eu gostaria muito de ler um dia: *Wir waren fünf*, ou seja, “éramos cinco”.



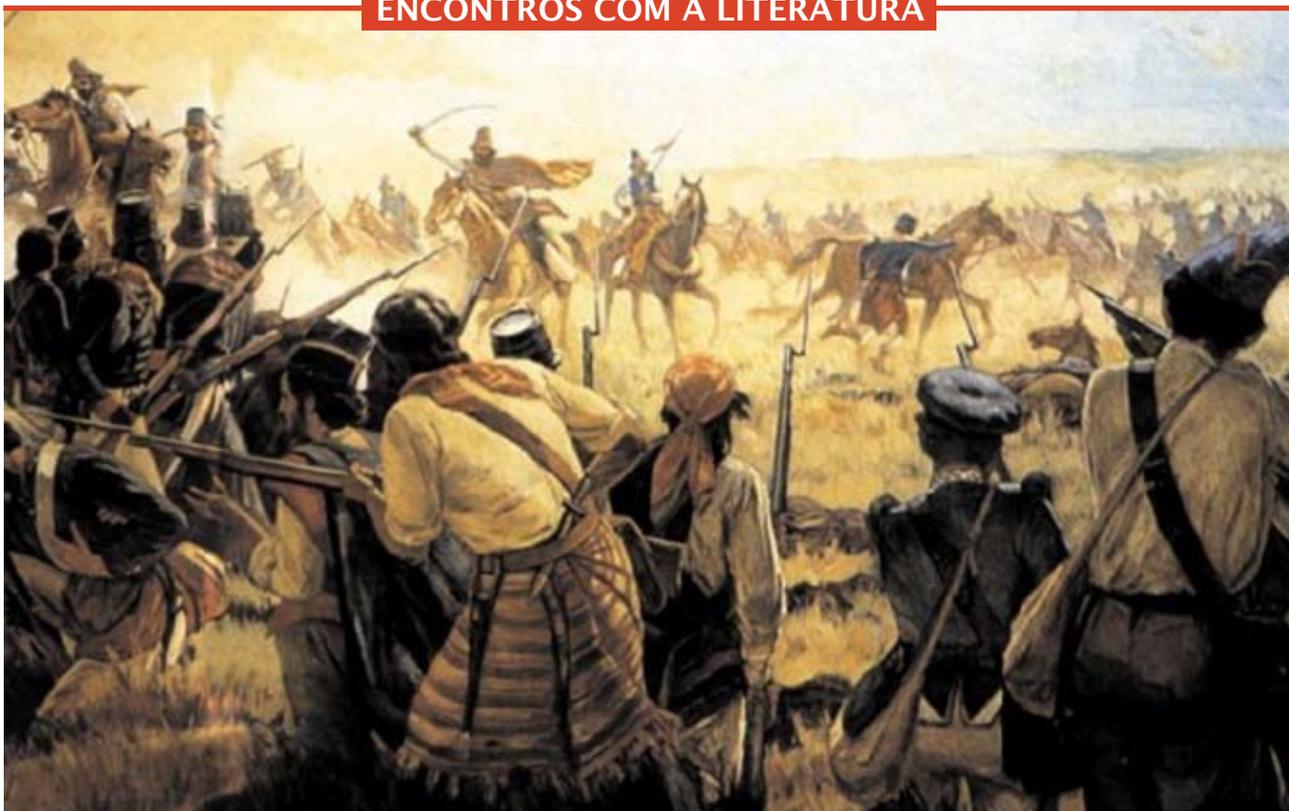
Embarque em porto medieval

¹ A Liga Hanseática ou Hansa (em alemão, *die Hanse*), de início aliança informal de comerciantes de cidades mercantis, que oferecia a seus associados proteção contra saqueadores e piratas e ajudava a concretizar os interesses comuns das comunidades, parece ter-se originado de duas antigas confederações agrupadas em torno de Colônia e Lübeck. De caráter essencialmente econômico, a Hansa desdobrou-se posteriormente em aliança política, estabeleceu e manteve monopólio comercial sobre quase todo norte da Europa e Báltico, em fins da Idade Média e começo da Idade Moderna.

CECILIA COSTA JUNQUEIRA

Jornalista e escritora

Autora, dentre outros, de *Damas de Copas* e *Julia e o Mago* (Record)



Guerra dos Farrapos, por José Washt Rodrigues. Acervo Prefeitura de São Paulo

Augusto Meyer: cria de imigrantes, neto de farroupilha

VALBURGA HUBER

Augusto Meyer, principal figura do modernismo gaúcho e melhor intérprete do gauchismo, nasce em Porto Alegre, 1902, e falece no Rio de Janeiro em 70. Seus bisavós maternos, da primeira leva de imigrantes, chegam a São Leopoldo em 1824, e o avô, Felipe Klinger, toma parte no Movimento Farroupilha. Isto leva Augusto Meyer a denominar-se “cria de imigrantes” e “neto de farroupilha”. Os bisavós paternos chegam em 1851 na leva de mercenários germânicos, contratados para lutar contra Rosas. Muitos desses legionários radicaram-se na província como artífices, pequenos industriais e professores. A infância em Cerro D’Árvore, vivências e amigos em Porto Alegre, em especial o tio Emílio Meyer, conhecido professor, deixam marcas indelévels em seu imaginário.

Com destacada atuação cultural no Sul e no Rio de Janeiro, Meyer foi o 1º presidente do Instituto Nacional do Livro, dirigindo-o entre 1937-54, e 1961-67. Vive na Alemanha e Espanha e, entre 1950-60, é professor de Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Brasil. Detentor do Prêmio Machado de Assis, eleger-se para a ABL em 60.

Poeta, ensaísta de profunda formação humanística, memorialista e cronista, projeta-se no Modernismo com *Coração Verde* (1926), cuja presença da terra introduz feição regionalista à poesia. Depois escreve *Giraluz* (28), *Poemas de Bilu* (29) e *Literatura & Poesia, poesia em prosa* (31), livros repletos da ambiência gaúcha, com

vocabulário próprio da paisagem camponesa e urbana. E ainda, *Últimos poemas* (55); *Poesias 1922-1955* (57); e *Antologia poética* (66). Da memorialística destacam-se: *Segredos da infância* (49) e *No tempo da flor* (66).

A partir de 1930, dedica-se mais ao ensaísmo e à crítica, onde sobressai *Machado de Assis* (35), e também: *Prosa dos pagos* (43); *À sombra da estante* (47); *Le bateau ivre* (55); *Preto & Branco* (56); *Gaúcho, história de uma palavra* (57); *Camões, o bruxo e outros estudos* (58); *A chave e a máscara* (64); e *A forma secreta* (65), em que escreve sobre *Cobra Norato*, de Raul Bopp, que conheceu nos círculos modernistas de Porto Alegre.

Os estudos mais conhecidos do folclore do Rio Grande do Sul são *Guia do folclore gaúcho* (1951) e *Cancioneiro gaúcho* (52). No primeiro, alude à literatura dos imigrantes alemães e à figura de Karl von Koseritz. Citado por Manfred Kuder, primeiro estudioso alemão da literatura teuto-brasileira, Meyer já é apontado, em 37, como poeta da terceira geração de imigrantes alemães, e destacado autor brasileiro.

Trazendo no nome o traço estrangeiro, visível na aparência e na formação – sua mãe lê autores europeus, sobretudo Heine, poeta predileto –, a obra de Meyer é pródiga em referências, vestígios e indícios da ascendência alemã. O acesso às origens familiares de “Carta a meus bisavós”, em *Segredo da infância*, gênese de seu fazer literário, estreita a relação entre a poética e a memorialística. No início da

carta, imagina a aparência do bisavô paterno, Felipe Klinger, morto na Guerra dos Farrapos (com quem muito se parece, segundo a família), sendo o herói do clã:

Nada sei, afinal da tua aparência no tempo, a não ser o que me contavam em casa, desde menino: que eras ruivo como eu, que vieste em vinte e quatro, com os primeiros colonos, e abandonaste logo a tua pobre lavoura, encravada nos matos de Sapucaia, para alistar-se entre os Farrou-pilhas. Por sinal que morreste na guerra grande - ah, isto sim, o guri curioso que eu era guardou para sempre num desvão da memória.

Na carta, descreve a heroína sobrevivente, a bisavó Maria Klinger, cuja aparência frágil esconde a mulher forte e determinada que luta pela terra e aprende português para enfrentar a burocracia:

Vejo-te assim, Maria Klinger, pequenina, humilde, balbuciando, na tua algaravia de colona alemã, diante das formidáveis Autoridades, não sei que vagas queixas, acerca de vagas terras. As mãos nodosas, de unhas maltratadas, falavam muito mais que as palavras. Enrolavam e desenrolavam o lenço grosseiro, que ajuda tanto a dissimular o embaraço, a encher os buracos de silêncio. Lá do alto das suas culminâncias (...) as Autoridades ouviam aquele cômico murmúrio...

O apreço e a admiração pela saga dos imigrantes alemães é expressa no trecho onde a bisavó assume, metaforicamente, o papel de todos os imigrantes. Mesmo impregnado de afeto, o texto é crítica à posição humilhante do colono, que quer a terra para trabalhar, num contraponto aos ricos e poderosos:

Mas tu não vês como és ingênua, avozinha, como és quase ridícula em tuas andanças quixotescas? Pois tu não sabes que as terras não são dos humildes, dos que as regam com o suor do rosto, dos que sujam as mãos no seu amanho quotidiano? Que há terras de sobra, dizes tu, um fartão de terras? No mapa, sim, e na propaganda, mas isto são altas cavalarias, de que não entendes patavina (...) Sacode a poeira dos sapatos e trata de voltar para a tua picada...

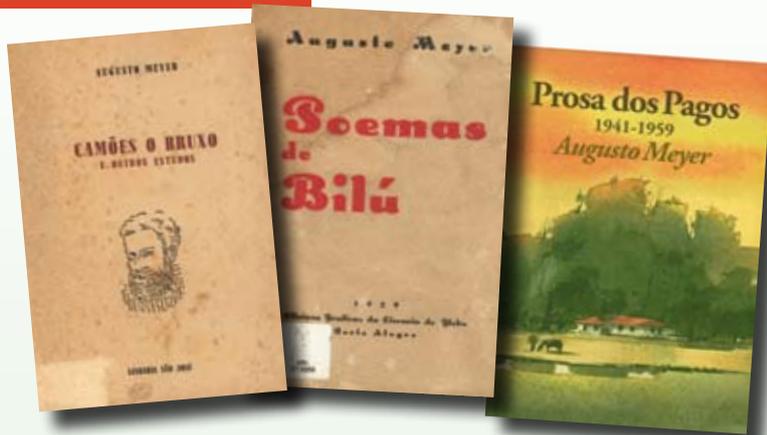
Na mesma obra, em “Férias em São Leopoldo”, Meyer refere-se ao avô materno, Carlos Feldmann, velho *Brummer* (membro da legião estrangeira), num misto de realidade e fantasia, pois, ao descrever a casa, imagina o avô recordando a própria despedida da Alemanha:

Naquele mesmo alpendre, o velho Brummer decerto recordava os bons tempos da mocidade, a partida de Bremen, por uma fria e nevoenta manhã, os emigrantes ainda voltados num último esforço de visão para os lados da terra natal, vaga linha de sombra no horizonte, e a longa travessia à vela, com estrelas desconhecidas brotando num céu novo (...). O velho Carlos recorda: lembra-lhe a partida como se fosse hoje (...) lhe resta um punhado da terra de Erfurt e este livrinho de meditações e sentenças morais, com as margens comidas de notas do seu punho...

Outra figura importante para os imigrantes alemães – os *Musterreiter* (caixeiros-viajantes que percorriam o interior a cavalo, vendendo mercadorias, e tema de numerosos poemas da literatura teuto-brasileira, muitos deles transformados em canções), também são evocados, nas férias passadas por Meyer em São Leopoldo:

Pela frente da nossa casa passavam os andantes que vinham das colônias, das picadas, do alto dos Dois Irmãos ou lá do fundo do Wallachei; o Musterreiter de traje aguçado ainda percorria na mula paciente ou a casco de cavalo, o interior do município; o colono vinha à cidade a liquidar qualquer negócio e fazer compras, apeando na loja de ferragens, na venda ou na farmácia...

Do livro memorialístico *No tempo da flor* encontram-se relatos sobre seus amigos e familiares, como em “Papel de Ramagem”:



Canções do Tirol... 'Auf der Alma dort'... ou 'Über Berg und Thal fließt a Wasserfall' ... mais tarde, ouvindo o 'Zither Frantz' logo me acudia a lembrança da tia Hermínia, toda nervos e arpejos, curvada sobre a caixa de ressonância daquela espécie de saltério com trinta e nove cordas, e casava-se a isto a imagem de uma alta montanha nevada, uma torrente, um pinheiro... qual o cromô ingênuo da varanda, em casa do Velho Meyer...

Meyer também se inspira em sua origem, da qual colhe relatos e vivências e deixa transparecer a tendência europeia dos estudos, quando cedo demonstra atração pelo *Fausto*, de Goethe. A sensação de ser ainda um pouco imigrante estrangeiro o acompanha, manifestando-se nos temas e no olhar que contempla a paisagem, buscando as origens. Nele, o dualismo, a cisão eu/outro, característica dos imigrantes, e a consciência de que a brasilidade se busca e se conquista.

Ponte entre seus conterrâneos e escritores do centro cultural do país, estabelece contato com as novas ideias, pelos encontros com Raul Bopp e a correspondência com Mário de Andrade, Tristão de Athayde, Guilherme de Almeida e Agrippino Grieco. Ao brasileiroismo programático e doutrinário modernista contrapõe o *regionalismo*, no qual vê mais qualidades de pureza e espontaneidade. E, buscando a brasilidade no regionalismo, volta-se para a terra natal – sua paisagem, seu folclore e sua gente. Já na lírica de *Coração Verde* introduzira assuntos locais. O poema “Serrano” desta obra tematiza o colono, elemento esporádico na literatura brasileira de então, aproveitando poeticamente os costumes e tipos locais:

*Há uma festa de cores pela estrada:
Laços vermelhos, pintalgados,
Colonos ingenuamente enfeitados,
Vão para a missa, que é um brinquedo na montanha*

O ambiente rural, descrito afetivamente pelo poeta, é lugar onde reina a felicidade e a harmonia.

*Eu devia nascer lá na serra, entre os pinheiros
Quando o ar cheira a resina, a campo novo e a lenha verde...*

Ele se inspira neste ambiente e o recria e, assim, encontram-se em seus textos os campos abertos, a várzea, o vento, o som da gaita, o minuano, as cantigas populares, todos elementos embebidos de localismo, mas que expressam o Brasil.

VALBURGA HUBER

Prof.^a de Língua e Lit. Alemã – Fac. Letras/UFRJ
Pesquisadora da Literatura Teuto-brasileira
Autora de *Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura* (1993)
e *A Ponte Edênica - da Literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer* (2009)

Augusto Meyer e Machado: ensaios*

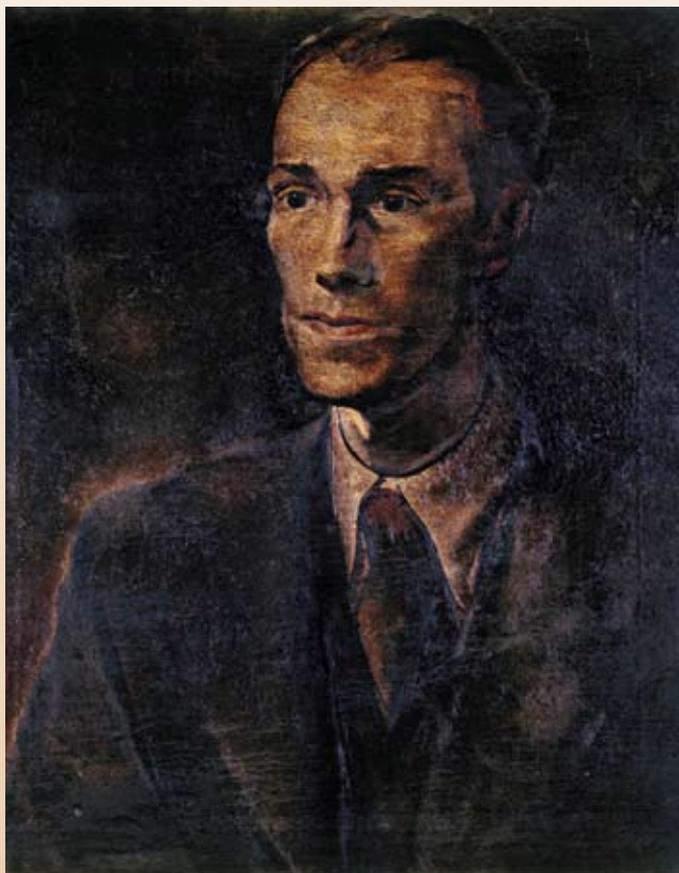
ALBERTO DA COSTA E SILVA

Em 1958, no cinquentenário da morte de Machado de Assis, Augusto Meyer reeditou o livrinho de estudos que sobre ele publicara, em Porto Alegre, em 1935. Juntou-lhe o texto que constava de *À sombra da estante* (1947) – um texto longo, quando comparado àqueles que estava acostumado a escrever – e uma dúzia de artigos estampados na imprensa durante pouco mais de vinte anos (1938-1958). O livro que dessa soma resultou é um dos mais importantes que temos sobre Machado de Assis, e nada justifica que tenha ficado por meio século quase fora do alcance de duas ou três novas gerações de leitores.

Desde o primeiro dos dez trabalhos que constam do voluminho de 1935, Meyer nos propôs uma leitura muito diferente da que até então prevalecia. Em vez de cético, o seu Machado de Assis – que passou a ser o nosso –, era, como escritor, um ser subterrâneo, demoníaco, trágico, perverso no seu ódio à vida, um monstro cerebral que esfolava com cuidado e perfeição as suas criaturas. Para ele, na prosa de Machado, o que chamava de piruetas formais destinavam-se a desviar o olhar do avental do açougueiro.

Não há um só dos textos recolhidos no volume de 1958, nem daqueles que publicaria depois, que não deixe de nos revelar algo que havia escapado à nossa leitura atenta. Até porque Meyer, de certo modo, copia Machado: também ele, devagar, com impiedoso desvelo, lhe estripa os romances, os contos e a vida.

Deu-se entre Machado de Assis e Augusto Meyer um desses encontros perfeitos entre autor e



Augusto Meyer, por Portinari, 1937. Col. part., Rio. Acervo do Projeto Portinari

leitor, nos quais são desafios de entendimento até as pausas e os silêncios. E, se Machado pudesse sair de seus livros e olhar por cima dos ombros de Meyer para o que este punha no papel, não hesitaria em reconhecer a sensibilidade, o apuro, a clareza, a elegância, a sobriedade, a graça e – acima de tudo – a amorosa admiração com que comentava a sua obra e, a partir dela, lhe traçava o retrato, um retrato que não correspondia à imagem que de si próprio tinha, quando diante do espelho ajustava o pincenê.

Quem está, porém, diante do espelho

em todas essas páginas é o mesmo Augusto Meyer. Pois aqui temos não apenas uma coletânea de estudos sobre Machado de Assis, mas uma série de ensaios – de ensaios na tradição de Montaigne, Charles Lamb e Alain – em que Machado dá os motes para que Meyer desenrole a ampla tapeçaria de suas leituras e nos mostre como lê, e se autointerroga sobre o mundo que fica além da sombra da estante, e sobre si próprio, e o seu semelhante, e a dolorosa beleza da vida.

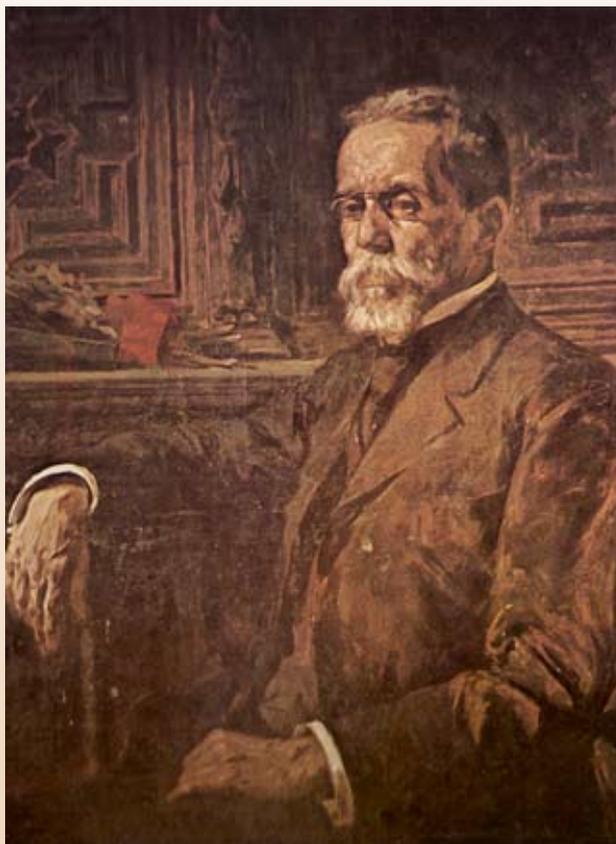
Nesses ensaios em geral concisos, a erudição não se exhibe, mas tampouco se oculta ou disfarça. Meyer é mestre em fingir que o seu leitor sabe o que ele, Augusto Meyer, sabe. E Meyer sabia muito, como poeta e como *scholar*. Aqui, afetuoso e sutil, insinua uma comparação; mais adiante, a propõe ou completa, discretamente, como se estivesse apenas refrescando a memória de quem o lê. Com a simplicidade de quem conhece como poucos como raspar um palimpsesto, e insiste em que, atrás de uma leitura, há

outras, e outras, e inumeráveis outras leituras. Não se cansa, por isso, em pôr Machado a conversar com Pascal. Com Pascal e com Pirandello, com Boécio, Swift e Leopardi, com Defoe, Proust, Flaubert e quem mais, da grande tradição literária ocidental, lhe ocorresse. E não hesita em trazer para o mesmo colóquio Flora e Capitu, Brás Cubas e Bentinho, Simão Bacamarte e o compositor de polcas que sonhava compor uma sonata.

Digo logo: eu me engano. Não é só com Machado que eles palestram nesses ensaios. É muito mais, ou quase sempre, com Augusto Meyer, que lhes ouve a voz ao ler Machado. Ao ler Machado, sem esconder – como ele próprio nos disse – o desejo de procurar nos seus textos o que neles o bruxo fugiu de escrever, suprimiu ou alterou.

De como se processavam os pequenos cortes e as pequenas mudanças ele faria ideia examinando os manuscritos de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* guardados nos arquivos da Academia Brasileira de Letras. Esses manuscritos só contam, no entanto, o fim da história, pois já se destinavam, apesar das emendas e rasuras, à tipografia. Os rascunhos anteriores, se os houve, é que Meyer gostaria de analisar. E isto como um magro substituto de uma ambição impossível: descobrir que situações, frases ou palavras, embora tenham ocorrido a Machado, este preferiu não escrever, para melhor jogar às escondidas com o leitor.

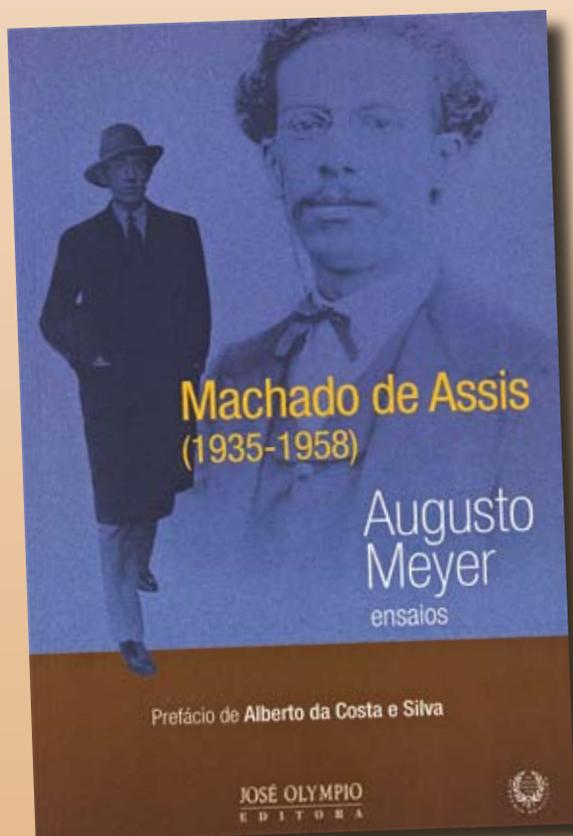
Em muitos parágrafos desses ensaios, Augusto Meyer nos indica por acenos que talvez esteja ali,



Machado de Assis, por Henrique Bernardelli, c. 1905. Acervo ABL

atrás daquela frase ou vestido com um adjetivo imprevisto, o que Machado quis ocultar. Pois Meyer estava convencido de que, no jogo de esconde-esconde, sempre podia ficar um rabo de fora. Algumas vezes, ao puxá-lo, logo descobria que o rabo era só rabo, não estava preso a corpo algum. Mas, noutras, lá vinha, inteira, uma revelação ou uma hipótese.

Esta coletânea de ensaios cobre mais de 25 anos de leituras de Machado de Assis e de indagações e reflexões sobre sua obra. Durante esse tempo, mudou o Natal e mudou o leitor Augusto Meyer. No entanto, nem o mais antigo desses textos envelheceu. São todos admiravelmente bem escritos, por quem sabia ser penetrante em sua análise e, mais do que conciso e claro, harmonioso. Somados, eles nos oferecem um dos melhores retratos que já se fizeram de Machado de Assis, do “genuíno Machado, feito do sopro das palavras gravadas no papel”. Como escreveu Augusto Meyer.



ALBERTO DA COSTA E SILVA

Embaixador, poeta, historiador, ensaísta
Membro da Academia Brasileira de Letras

De sua vasta produção, *Poemas Reunidos*. (Prêmio Jabuti, 2000), *Um Rio Chamado Atlântico* (2005), ambos Ed. Nova Fronteira, *Augusto Meyer: ensaios escolhidos*. José Olympio/ ABL, 2007

* Prefácio aos ensaios de A. Meyer na obra: *Machado de Assis (1935-1958)*

O Bruxo do Contestado*

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

– Aquelas estrelas são pedacinhos do dia no céu. É o que sobrou dele. Por isso gosto de ficar olhando.

– A Rosa não é retardada, Gerd, a gente vê. Como consegue dizer isso? Acho que ela compreende tudo!

– Não adianta se enganar, Juta. Ela agora vai ficar repetindo repetindo. Se fosse na Alemanha ou no Contestado não seria assim!

– Assim como?

– Você sabe!

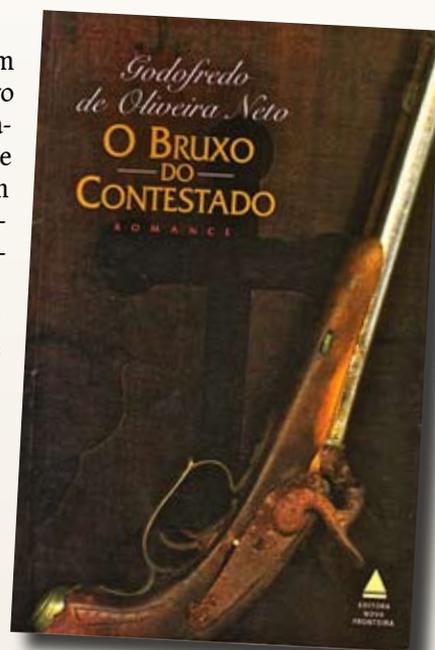
A casa ficava no fim de um vale verde e úmido, na localidade conhecida como Alto Diamante. Não tinha luz elétrica. Gerd Rünnel mudara-se para lá com Juta, de solteira Kellner, logo após o casamento, por volta de 1920. Nascido em 1900, passara uma infância difícil com o pai, Erich Rünnel, e com a madrasta, Joanna Hesse. A mãe, Sônia, morrera quando Gerd tinha sete anos, de *colera morbus*. Erich Rünnel, de personalidade violenta, sempre bêbado, exagerava no relato de suas próprias façanhas. A que mais citava era a da sua participação no combate contra os federalistas em 1893. Dizia ter matado uns oito na entrada de cima do Vale do Peixe, vários a golpes de facão. Sua coragem e arte na luta corpo a corpo ficaram conhecidas. Contava que os Rünnel eram assim, valentes e orgulhosos, e que seu pai já se havia tornado herói na Guerra do Paraguai. A destreza no manejo da baioneta calada o tinha tornado célebre. Passara na faca dezenas de paraguaios!

Gerd trazia as pernas marcadas pelas sovas com vara de marmelo que a madrasta lhe aplicava. Às vezes, após a sessão de surra, Joanna passava a vara para Erich, que continuava a tarefa. Quando a raiva e a bebedeira do pai e da madrasta eram maiores, Gerd permanecia de castigo preso no estábulo com as vacas, de onde ouvia as risadas do pai e da mulher. Costumava, nessas ocasiões, passar esterco nos sulcos das pernas doloridas e marcadas pelo marmelo, o que lhe provocava forte sensação de alívio. Seu irmão Alfonso, que também apanhava, era de pouco falar e tinha o hábito de se esconder, dias inteiros por vezes, em locais estranhos, de onde saía com os olhos inchados de chorar. Tinha uma cicatriz de dez centímetros no rosto, resultado de

uma ferida feita com vara de pessegueiro numa das surras dadas pelo pai. “Vou te dar uma coça” eram palavras que deixavam ambos em estado de pavor.

Pinantes conhecidos durante a construção da estrada de ferro da região, aprenderam logo a profissão de marceneiro com um tio e cedo se empregaram nas madeiras das cercanias.

Planos individuais para o futuro, Gerd pouco os tinha. Quer dizer, até teve! Mas foi talvez o único. Ele devia ter aí por volta de quatorze anos, talvez um pouco menos. O Rodolfo vai para o oeste! O Rodolfo vai para o oeste! Vai se juntar aos monges milagreiros, ouviu um dia numa festa de casamento. Rodolfo, sete anos mais velho, partia para se juntar ao exército de São Sebastião na região do Contestado. Lembra-se ainda do primo arrumando a bagagem, o facão delicadamente enrolado numa ceroula e tronando por cima de algumas roupas e objetos na pequena mala de couro duro. A mala foi fechada lentamente, e Gerd acompanhou com os olhos até o último vãozinho a ceroula e o cabo de chifre do facão Solingen saindo sobranceiro da pelúcia branca. Se pudesse ir dentro daquela mala! Diziam que nos campos do Irani e no arraial de Taquaruçu, no Contestado, graças ao monge José Maria, só havia fartura e alegria. Injustiça passava longe! Enfermidade nenhuma, só se viesse de fora! Era o reino da paz, da justiça e da fartura – nos rios corria leite, e algumas montanhas eram de beiju – mas, como podia!, o governo queria acabar com ele!



Beato João Maria, que influenciou o “monge” José Maria, líder dos “pelados”

Contestado

Este nome vem do litígio entre Paraná e S.Catarina sobre território que ia até a fronteira argentina. Nas matas locais havia pinheiros e erva-mate, que colonos paupérrimos extraíam, explorados por fazendeiros. As tensões cresceram desde a doação de grande faixa de terra, em 1900, para ferrovia e empresa madeireira, propriedades de um estrangeiro, a pretexto de “desenvolver” a região. Isto criou verdadeiro enclave norte-americano na área, expulsando moradores e aumentando mais as tensões econômico-sociais.

Como ocorre nessas ocasiões, os desvalidos buscam soluções transcendentais. Surge, então, Miguel Lucena de

Boaventura – o monge *José Maria* – que cria comunidade mística, buscando um mundo mais justo. Os proprietários de terras, preocupados com seus ganhos, como ocorrera com os quilombos, Canudos e outros episódios, pretextando riscos, envolvem o governo na questão. A *Guerra do Contestado*, de 1912 a 16, provoca milhares de mortos e feridos, após 8 expedições militares. Em 1915 usaram-se pela 1.^a vez aviões militares nas Américas, morrendo um dos pilotos. *O Bruxo do Contestado* resgata o episódio por um de seus atores, Gerd Rünnel, paradigma dos que viveram de perto o levante messiânico-político.

Mais informações: www.museudocontestado.com.br

Espalhar-se na época a crença de que o monge José Maria era irmão do monge camineiro, conselheiro e milagreiro João Maria, o Santo do Sertão, o anacoreta que pregava na região serrana do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina desde meados do século XIX. José Maria, à frente de um grupo de fiéis armados contra os soldados pecadores e republicanos que não concordavam



Caboclos armados, os “peludos”, contratados para combater os “pelados”. Museu do Contestado, Caçador – SC

com o novo reino de justiça, não tinha morrido na luta contra as forças paranaenses em 1912, como fora alardeado, e ia reaparecer e fundar cidades santas.

Naquela área do país, oeste de Santa Catarina e do Paraná, fronteira com a Argentina, entre os 26° e 28° de latitude sul e 50° e 52° a oeste de Greenwich, havia um sério conflito de jurisdição. A linha demarcatória dos limites entre o Paraná e Santa Catarina nunca fora definitivamente traçada, e existiam divergências quanto à sua posição – que se traduzia por centenas e centenas de quilômetros – e quanto à instância competente para julgar do merecimento do pleito de cada um dos estados sulinos. Daí o nome dado à região.

As forças estaduais do Paraná haviam atacado os seguidores dos monges com um duplo objetivo: acabar com os chamados fanáticos que, aos gritos de chega de pobreza, chega de pobreza, ameaçavam as grandes propriedades agrárias – os fanáticos tinham sido expulsos de Santa Catarina pela mesma razão – e desarmar o que parecia ser uma estratégia do estado vizinho para, na prática, empurrar os seus limites territoriais. A decisão do Supremo Tribunal Federal dera ganho de causa às pretensões catarinenses, e o estado do Paraná se recusava a acatá-la. As forças catarinenses alegavam o direito de perseguir os fanáticos e entravam no Paraná,

as forças estaduais paranaenses diziam estar atacando um movimento político-religioso manipulado e enviado por Santa Catarina. Os fiéis de José Maria valiam-se dessa disputa de fronteiras e movimentavam-se entre um estado e outro. O Rio de Janeiro viu-se obrigado a enviar tropas federais. Os prosélitos do novo reino iam se organizando.

Naquele ano de 1913 recrudesciam os combates entre os de-

fensores do reino de Cristo e os soldados, os *peludos*, nessa região de descampados, pastagens naturais a perder de vista, florestas virgens, exuberantes matas de araucárias, caívas e imensos ervais, disputada pelos dois estados e cada vez mais terra de seguidores de chefes espirituais. No momento da ida de Rodolfo para o Contestado, o exército de adeptos do monge José Maria, obrigado pelas tropas federais a fugir do arraial de Taquaruçu, cidade santa, estava em Caragotá, comandado por Elias Antônio de Moraes e Venuto Baiano e precisava de homens. A milícia do reino da justiça convocava os seus devotos.

Gerd lembrava-se da cabeça raspada do primo, característica dos seguidores de José Maria, do adeus curto, do piso certo e do passo convicto de Rodolfo em direção à guerra dos *pelados*. Durante muito e muito tempo se falou daquela viagem, e os relatos messiânicos sobre a Guerra no Contestado impressionaram o menino Gerd.

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Mestre pela Univ. Sorbonne – Paris III, Doutor pela UFRJ
Prof. de Literatura Brasileira – UFRJ
Autor, dentre outros, de *Ana e a margem do rio* (Record, 2002) e *Marcelino* (Imago, 2008)
* Fragmento de *O Bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p.19-22

A CATEDRAL DE COLÔNIA

AFFONSO ROMANO DE SANT' ANNA

PEDRA FUNDAMENTAL

A Catedral de Colônia
 é uma escura montanha
 de pedra, palavra e espanto
 numa aguda arquitetura.
 A Catedral de Colônia
 é um gótico cipreste,
 um cone de feno negro,
 um monte de trigo em prece.
 A Catedral de Colônia
 é a cachoeira de rezas,
 o evangelho de pedras
 e a clausura das quedas.
 A Catedral de Colônia
 para.

E recomença como
 uma antiga escritura
 vertida nos pergaminhos
 que aguardam nossa leitura.
 A Catedral de Colônia
 é a espinha da magra usura,
 a mais-valia das horas,
 a nossa frustra conjura.
 A Catedral de Colônia
 é o cantochão que se enrosca
 serpenteando maçãs
 e frutificando orações.
 A Catedral de Colônia
 se interrompe,

se fratura,
 pois falta cal, falta pedra
 e faltam juros e juras.
 A Catedral de Colônia
 é um oratório de pragas,
 a pomba das guerras púnicas,
 o corvo da paz futura.
 A Catedral de Colônia
 renasce, se gera ou cresce
 de suas próprias paredes
 como uma caixa chinesa
 ou jogo infindo de espelhos.
 A Catedral de Colônia
 é uma dura artimanha
 da pedra filosofal:
 é o *trivium* e o *quadrivium*,
 é o grafito de Deus,
 o carvão e seu cristal,
 o canto intercalado
 e o poema em vertical.



Nave central da Catedral de Colônia

A **Catedral de Colônia**, em estilo gótico, marco principal da cidade, erguida no local de um templo romano do século IV, teve sua construção iniciada em 1248 e levou mais de seis séculos para ser concluída, em 1880. Durante todo este tempo, resistiu a destruições e, mesmo aos bombardeios aéreos da Segunda Guerra Mundial, sendo, à época, o único monumento que restou na cidade.

No interior da catedral, segundo a tradição, estão guardados os restos mortais dos Três Reis Magos – Baltazar, Melchior e Gaspar, num relicário de ouro.

O autor do poema ali viveu em 1978, quando iniciou sua elaboração.



Foto: Andreas Tille, 2001

Colônia à noite, a Catedral à direita

ANTIMETAFÍSICA TROPICAL

A Catedral de Colônia
 é a visível costura
 do verso, da pedra e história.
 É a urdidura das classes,
 o concreto em nosso dorso,
 um calabouço de preces,
 asilo de velhas juras.
 A Catedral de Colônia
 é um caldeirão de pecados,
 um osso no meu pescoço,
 a minha fome na mesa,
 o meu remorso em fervura.
 A Catedral de Colônia
 é um buraco pelo avesso,
 o ex-voto pela cura,
 uma pedra de tropeço

onde o cego se amargura.
 É gravura de Bosch e Bruegel
 o interminável cordel
 alfinetando meu corpo
 nordestino e tropical.

Ai que vontade de viver aqui
 ao pé dos Alpes

ou num cartão-postal suíço qualquer
 pastoreando *eldeweiss*.

Aqui

filosofar é trivial. Tão natural
 quanto criar gerânios e violetas
 num prado banal de borboletas.

O que eu queria

era ver:
Nietzsche
Kant
Heidegger
Schopenhauer

matutarem

– ali no agreste.

O que eu queria

era ver

o nada
nascer
do nada

– e crescer

ali

onde cedo se aprende
a não ser nada

– e obedecer

ali

onde o homem não tem essência,
só fome, e a aparência é a carência
do próprio ser.

Queria ver filosofar

era ali

no Catolé do Rocha e Nanuque

ali

onde mulher derruba boi a muque
e enfrenta com o homem
os torneios da própria fome

ali

onde a mulher aprende a ingaia ciência
no curral da própria saia

ali

no ciclo bretão da seca
onde o boiadeiro tange o gado magro
dos 12 pares de França
e enfrenta Ferrabrás

e canta e dança

ali

no áspero sertão onde Rolando
se chama Lampião e morre na tocaia
e na trapaça

ali

na pedra do dia a dia
na Serra Talhada
onde se engole a sede aos tragos
e se inscrevem as façanhas
de Carlos Magno e Vilmar Gaia

ali

Lutero não reforma mais os seus mourões
nem corta o mato e o cupim

ali

Thomas Morus
com seu gibão de couro amarelo
pachorrento

se assenta nas barras do curral do dia
e ordenha com sabor de sal
a sua magra utopia.



Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.
Ao fundo, a Serra Talhada, no sertão
pernambucano, onde nasceu



Um astrônomo alemão na esquadra de Cabral?

Mapa-múndi de Andrea Bianco, 1436, do qual o de Pero Vaz Bisagudo seria reprodução

RONALDO ROGÉRIO DE FREITAS MOURÃO

O astrônomo e cosmógrafo Meister Johann, de Emmerich (Alemanha), primeiro alemão a chegar ao Brasil, viveu entre os sécs. XV-XVI, na Espanha e em Portugal, onde era conhecido como *Mestre João Faras, João Emenelau, Mestre Johannes*.

Em outra versão, Paulo Roberto Pereira afirma: “Judeu e espanhol, Mestre João transferiu-se para Portugal no reinado de D. João II (1481-1495) a fim de fugir da perseguição inquisitorial em sua terra natal. Evidências indicam que se formara em Salamanca, na Espanha, e tinha sido aluno do matemático e astrólogo Abraão Zacuto, autor do *Almanach perpetuum*, livro básico da astronomia náutica, publicado em 1496, escrito em hebraico e depois traduzido para o latim e o espanhol”.¹

Físico² e cirurgião do rei português Dom Manuel, viajou na frota de Pedro Álvares Cabral. Realizou as primeiras observações astronômicas brasileiras em 27 de abril, e foi autor da carta a Dom Manuel, de 1.º de maio de 1500, em que relatou observações e desenhou o céu próximo ao polo austral, identificando o Cruzeiro do Sul, Alfa e Beta do Centauro. A carta é considerada a “certidão de nascimento do Brasil”.

Na travessia Brasil-África, Mestre João relatou a presença de brilhante cometa, em 12 de maio de 1500. Existem menções a ele nas crônicas europeias

de abril e, nas chinesas, 08/05, próximo de *Beta Piscium*, como objeto de terceira magnitude. Após atravessar *Pegasus, Cepheus* e *Draco*, desapareceu em 10/06, como de quarta ou quinta magnitude.

Carta do Mestre João

Senhor,

O bacharel Mestre João, físico e cirurgião de Vossa Alteza, beija vossas reais mãos. Senhor, de tudo o que aqui passou, largamente escreveram a Vossa Alteza, Aires Correia³ assim como todos os outros, somente escreverei sobre dois pontos. Senhor, ontem,⁴ segunda-feira, 27 de abril, des-cemos em terra, eu, o piloto do capitão-mor⁵ e o piloto de Sancho de Tovar⁶; tomamos a altura do sol ao meio-dia e achamos 56 graus, e a sombra era setentrional,⁷ pelo que, segundo as regras do astrolábio,⁸ julgamos estar afastados da equinocial⁹ por 17 graus¹⁰ e, em consequência a altura do polo antártico¹¹ em 17 graus, segundo este manifesto na esfera. E isto é quanto a um dos pontos, pelo que saberá Vossa Alteza que todos os pilotos vão tanto adiante de mim, que Pero Escobar vai adiante 150 léguas, e outros mais, e outros menos, mas quem diz a verdade não se pode certificar [que] em boa hora chegaremos ao cabo de Boa Esperança¹² e, ali saberemos quem está certo, se eles com a carta¹³, ou eu com a carta e com o astrolábio.¹⁴ Quanto, Senhor, ao sítio [posição] desta

terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-múndi que tem Pero Vaz Bisagudo¹⁵ e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas aquele mapa-múndi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e ali achará Vossa Alteza escrita também a Mina¹⁶. Ontem quase entendemos por acenos que esta [terra] era [uma] ilha, e que eram quatro, e que doutra ilha vem aqui almadias¹⁷ a pelear com eles e os levam cativos. (...)

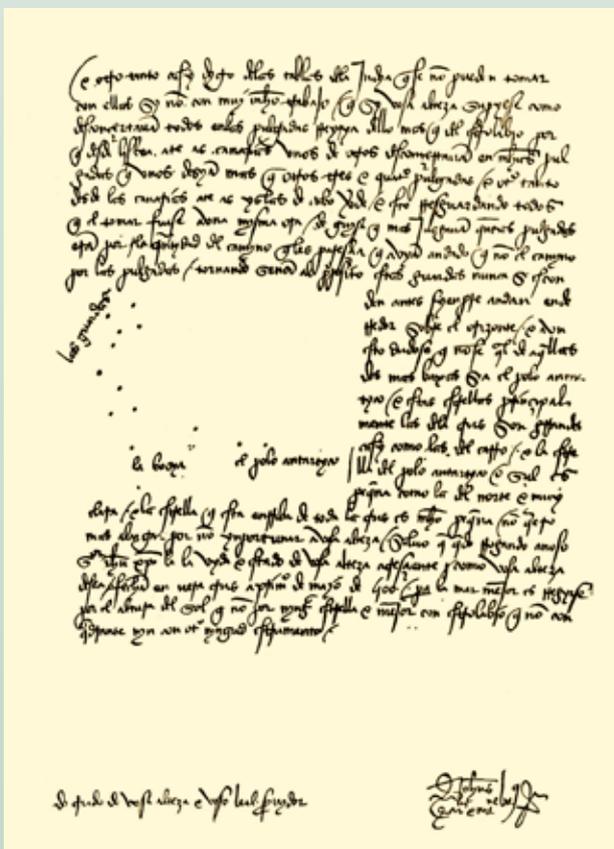
Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as estrelas do sul, mas em que grau está cada uma não o pude saber, antes me parece ser impossível, no mar, tomar-se altura de nenhuma estrela, porque eu trabalhei muito nisso e, por pouco que o navio balance, se erram quatro ou cinco graus, de modo que se não pode fazer, senão em terra. E quase outro tanto digo das tâbuas da Índia¹⁸, que se não podem tomar com elas senão com muitíssimo trabalho, que, se Vossa Alteza soubesse como desconcertavam todos nas polegadas, riria disto mais que do astrolábio; porque desde Lisboa até as Canárias desconcertavam uns dos outros em muitas polegadas, que uns diziam, mais [do] que outros, três e quatro polegadas, e outro tanto desde as Canárias até as ilhas de Cabo Verde, e isto, tendo todos cuidado [para] que o tomar fosse a uma mesma hora; de modo que mais julgavam quantas polegadas eram, pela quantidade do caminho que lhes parecia terem andado, que não o caminho pelas polegadas. Tornando, Senhor, ao propósito, estas Guardas¹⁹ nunca se escondem, antes sempre andam em derredor sobre

o horizonte²⁰, e ainda estou em dúvida que não sei qual de aquelas duas mais baixas seja o polo antártico; e estas estrelas, principalmente as da Cruz²¹, são grandes quase como as do Carro²²; e a estrela do polo antártico,²³ ou sul, é pequena como a do Norte e muito clara, e a estrela que está em cima de toda a Cruz é muito pequena. Não quero alargar mais, para importunar a Vossa Alteza, salvo que fico rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo que a vida e estado de Vossa Alteza acrescente como Vossa Alteza deseja. Feita em Vera-Cruz no primeiro de maio de 1500. Para o mar, melhor é dirigir-se pela altura do Sol,²⁴ que não por nenhuma estrela; e melhor com astrolábio, que não com quadrante²⁵ nem com outro nenhum instrumento. Do criado de Vossa Alteza e vosso leal servidor.

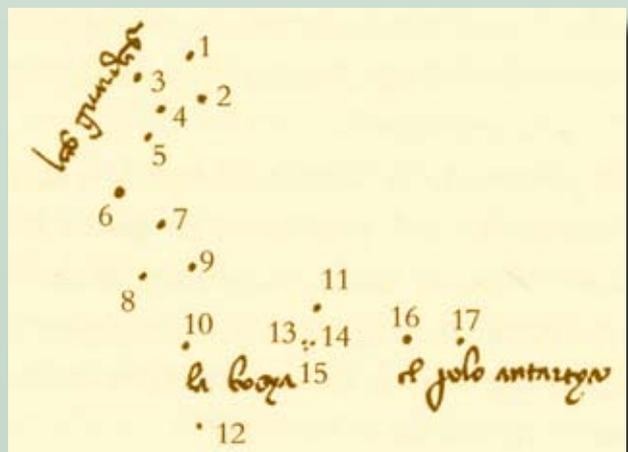
Johannes
artium et medicine bacalarius

A Carta do Mestre João, transcrita acima em português atualizado, foi escrita num misto de espanhol e português quinhentista, dando ciência ao rei de Portugal D. Manuel I acerca do “descobrimento”. O original, descoberto pelo historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, encontra-se na Torre do Tombo, em Lisboa, sendo publicado pela primeira vez na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, tomo V, n.º 19, pp. 342-344. Nela o autor revela a existência de um antigo mapa-múndi pertencente a Pero Vaz Bisagudo, em que já constaria o sítio desta terra.

No desenho, traçado na própria carta, que reproduzimos, Mestre João indicou 17 estrelas e, segundo diz, entre outras, estrelas do Cruzeiro e mais duas, das quais uma assinalando o polo sul: *Delta Crucis*, *Alpha Crucis* (*Acrux*), *Gamma Crucis* (*Gacrux*), *Beta Crucis*, *Beta Centauri*, *Alpha do Centauri* (*Rigil Kentaurus*), *Alpha Circini*, *Beta Triangulum Australe*, *Gamma Triangulum Australe*, *Alpha Triangulum Australe*, *Epsilon Apodis*, *Xi Pavonis*, *Delta Apodis*, *Gamma Apodis*, *Beta Apodis*, *Nu Octantis* e *Sigma Octantis*, pela sequência numérica.



Fac-símile da carta de Mestre João



Detalhe do desenho, identificando as estrelas

Para leitura da Carta

¹ In "GPS à moda antiga", *Revista de História da Biblioteca Nacional (web)*, 1/4/2010.

² Físico, na Europa (séc. XIII-XVII), designava quem exercia a medicina associada à astrologia e à astronomia.

³ Feitor régio responsável pela futura feitoria em Calicut, cidade do estado de Kerala, na costa ocidental da Índia. Aí aportaram os navegadores portugueses Vasco da Gama (1498) e Pedro Álvares Cabral (1500). Este último tentou, sem êxito, erigir uma feitoria para o comércio de especiarias. Em meio a essa construção, pereceu, em combate, Pero Vaz de Caminha.

⁴ A carta ao rei foi iniciada em 28 de abril, contrariando as versões, e a data se confunde com a do envio, 1.º de maio.

⁵ Afonso Lopes, piloto comandante da frota.

⁶ Pero Escobar, piloto de Sancho Tovar, subcomandante da frota.

⁷ Refazendo o cálculo com as tábuas do *Regimento de Munique*, não se obtém 17 graus, mas valor inadmissível de 51º de latitude norte. Se substituirmos setentrional por meridional, encontraremos o resultado fornecido por João.

⁸ O *Regimento de Munique* estabelece as normas para determinar a latitude a partir da altura do Sol e da declinação solar.

⁹ Designava a linha do equador.

¹⁰ 17 graus de latitude austral. Valor próximo do real, 16º austral, latitude da ilha da Coroa Vermelha, onde foi realizada a primeira observação astronômica das Américas.

¹¹ "...julgamos estar afastados da equinocial por 17 graus (...) altura do polo antártico em 17 graus"... Com a frase, João enunciou o teorema elementar da astronomia esférica: a latitude do lugar é igual à altura do polo.

¹² Ponto extremo sul da África. Cabo das Tormentas, até ser ultrapassado por Bartolomeu Dias, em 1487-8, abrindo o caminho marítimo às Índias.

¹³ Carta náutica ou mapa geográfico, que orientava os pilotos em alto-mar.

¹⁴ Instrumento que deu origem ao astrolábio náutico, invenção portuguesa usada para determinar a altura dos astros em relação ao horizonte.

¹⁵ Pero Vaz Bisagudo possuía um mapa-múndi onde era possível localizar o Brasil.

¹⁶ Costa da Mina, região africana ocidental "descoberta" pelos portugueses, séc. XV, onde havia muito comércio de ouro, obrigando Portugal a construir a fortaleza de São Jorge de Mina, 1482.

¹⁷ Embarcações indígenas construídas com troncos amarrados, como as jangadas.

¹⁸ Instrumento astronômico mostrado pelo "piloto árabe de Melinde" a Vasco da Gama. Os navegantes do Índico mediam a altura das estrelas em relação ao horizonte, usando o polegar. No porto da Queda, norte de Malaca, ao observar a Estrela Polar em sua culminação inferior, o piloto estendia o braço direito em direção ao horizonte, colocando o dedo polegar embaixo da Polar dirigido para a esquerda; o bordo inferior dele tocava o horizonte e a estrela ficava no bordo superior. Dizia-se que a altura da estrela era de uma polegada. Deste processo natural e primitivo surgiram as *Tábuas da Índia*, destinadas a medir a altura das estrelas. Era triângulo de réguas, duas móveis ao redor de uma charneira colocada junto do olho, uma dirigida ao horizonte e a outra à estrela.

¹⁹ Conjunto de duas estrelas de primeira magnitude, cujo alinhamento indica a direção do polo celeste sul. No hemisfério austral, as guardas são formadas pelas estrelas Alfa e Gama do Cruzeiro do Sul.

²⁰ "...nunca se escondem, antes sempre andam em derredor sobre o horizonte... Como de 9 de março, saída de Lisboa, até 1º de maio de 1500, quando concluiu missiva, o Cruzeiro do Sul estivesse sempre acima do horizonte à noite, João acreditou que as estrelas *Alpha* e *Gamma Crucis* fossem circumpolares.

²¹ Designação usada pela primeira vez por Mestre João para nomear a constelação constituída pelas estrelas Alfa, Beta, Gama, Delta e *Epsilon Crucis*: Cruzeiro do Sul.



²² Nome da constelação de Ursa Maior. Suas sete estrelas mais brilhantes sugerem a figura de um carro, daí Carro ou Grande Carroça, nome dado pelos romanos.

²³ A *estrela do polo antártico* que João acreditou ter visto não existe, ao contrário do hemisfério norte, onde a *Alpha Ursae Minoris* constitui a Estrela do Norte ou *Polaris*. Entre as estrelas da constelação *Octantis*, declinações austrais superiores a 77 graus, encontram-se a *Sigma Octantis*, cuja distância ao polo sul é de 51 minutos, valor inferior a da *Alpha Ursae Minoris*, situada a 58 minutos do polo norte. Apesar de *Sigma Octantis* estar mais próxima do polo celeste que a *Polaris*, em virtude do seu reduzido brilho, magnitude de 5,48, não constituiu marco visível. A fácil visibilidade da Estrela do Norte a transformou em marco fundamental para os viajantes no hemisfério sul, os portugueses usavam o Cruzeiro do Sul, a partir do qual estabeleceram o Regimento do Cruzeiro do Sul. Com o aparecimento do teodolito, instrumento ótico de medição, a *Sigma Octantis* passou a ser a Estrela do Sul.

²⁴ A determinação da latitude pela observação da altura meridiana do Sol permitia determinações muito precisas, com a condição de se conhecer previamente o valor da declinação solar no momento da observação, o que era possível através do *Almanach perpetuum* de Zacuto, que Mestre João conhecia.

²⁵ Instrumento usado nos sécs. XV a XVII, na determinação da altura dos astros em relação ao horizonte.

RONALDO ROGÉRIO DE FREITAS MOURÃO

Astrônomo e escritor

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB

Autor de mais de 85 livros, dentre eles: *A Astronomia na época dos descobrimentos* (Lacerda Ed., Prêmio Jabuti, 2001)

www.ronaldomourao.com

Humboldt e Langsdorff, dois viajantes alemães nas Américas

BARBARA FREITAG



Alexander von Humboldt, por Friedrich Georg Weitsch, 1806

Como é sabido, a Alemanha somente veio a constituir um Estado Nacional no final do século XIX (1872). Até então ela não participara dos descobrimentos do Novo Mundo no século XVI, nem da conquista e colonização deste mundo nos séculos subsequentes. Mas a partir do início do século XIX entraram em cena outros atores e novas circunstâncias. Os ideais iluministas (*Aufklärung*) de valorização do indivíduo, da razão e da ciência revolucionaram o Velho Mundo. A independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas sacudiram os reinos da Europa, alterando as relações de força entre as grandes potências. Criou-se assim um clima favorável para inúmeras expedições científicas e viagens de circum-navegação do mundo, que certamente também disfarçavam interesses imperialistas das nações que até então tinham tirado pouco proveito das grandes descobertas como a Áustria, a Alemanha, a Itália, a Rússia, para mencionar somente algumas.

Neste pequeno ensaio que caracteriza esse período de transição, gostaria de apresentar dois viajan-

tes alemães do século XIX que se tornaram famosos: Alexander von Humboldt (1769-1859) e Georg Heinrich von Langsdorff (1794-1852). Além de nobres, ambos eram barões, eram conterrâneos e contemporâneos, naturalistas e cientistas, e movidos por uma extraordinária sede de saber. Ambos alimentavam o mesmo sonho: desbravar e conhecer o Novo Mundo, descobrir animais, plantas, paisagens, fatos que divulgados na Europa os tornariam aplaudidos e admirados pelos seus pares e compatriotas. Ambos estudaram na então famosa Universidade de Goettingen e tiveram contato com circum-navegadores: o primeiro, com Georg Forster (1754-1794) que acompanhou James Cook em sua viagem pelo Pacífico; o segundo, com Johann von Krusenstern (1770-1846) a quem acompanhou, na primeira viagem de circum-navegação russa até o Japão, a Sibéria e o Alasca e a quem dedicaria sua primeira grande obra (Langsdorff: *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt* 1803-1807). Quando Langsdorff aportava pela primeira vez na costa brasileira em Santa Catarina (1803), Humboldt terminava a sua viagem pela Colômbia, Equador, Cuba e USA: *Voyage aux régions équinoxiale du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, 1804*, publicando-a em Paris em 1805.

Com tantos pontos em comum, não surpreende que também encontrássemos muitas diferenças entre esses dois viajantes ousados. A primeira e mais fundamental foram as diferentes regiões percorridas. Humboldt queria muito conhecer o Brasil e explorar o rio Amazonas mas seu requerimento dirigido ao então Príncipe Regente D. João foi indeferido. O nosso Príncipe “medroso” (L. Gomes) temia, na ocasião, espionagem. Em contrapartida, Langsdorff voltaria em 1813 ao Brasil, agora sede do governo português, como vice-cônsul do czar Alexandre da Rússia, depois do êxito de sua viagem acompanhando Krusenstern até St. Petersburgo. Enquanto Humboldt autofinanciou a sua expedição com a herança materna, Langsdorff receberia do czar, além da tarefa de representar a Rússia no Brasil, a incumbência de organizar uma expedição, financiada pela Academia de Ciências de St. Petersburgo, pelo interior do Brasil, até então pouco explorado por Spix & Martius, St. Hilaire, Eschwege, Maximilian von Neuwied, entre outros viajantes estrangeiros, que se teriam concentrado na região do Rio de Janeiro e do litoral Atlântico. Isso explica a diferença em duração das duas expedições.

Humboldt e Bonpland passaram cinco anos fora da Europa, escalando as cordilheiras andinas, estudando os vulcões da costa do Pacífico, as formações geológicas em diferentes altitudes, com sua vegetação diferenciada e sua vida animal ainda pouco conhecida. Langsdorff viveu quinze anos no Brasil e organizou uma expedição

possivelmente populosa e ambiciosa demais, regiamen-
te financiada com milhares de rublos russos.

Depois de voltar dos Andes, Cuba e Estados Unidos, Humboldt viveu em Paris e Berlim, publicando uma vasta obra que culminaria com *Cosmos*, sua obra-prima, publicada já no fim de sua vida de quase 90 anos. Humboldt foi cortejado e festejado pelo mundo todo, uma corrente marítima recebeu seu nome, em Berlim a Universidade criada por seu irmão Wilhelm leva o nome de *Humboldt-Universitaet*, símbolo do saber e excelência da pesquisa alemã. Ainda em vida, sua obra foi publicada em vários idiomas.

A partir de 1821 o destino e a sorte dos dois viajantes tomam rumos diferentes. Surge um atrito entre ambos em torno da obra do pintor Johann Moritz Rugendas (1802-58), que Langsdorff havia contratado para sua expedição no Brasil a partir de 1821. Um conflito aberto durante a primeira etapa da viagem da chamada “Expedição Langsdorff pelo Brasil” leva à ruptura do contrato. Rugendas volta à Europa com as gravuras, aquarelas e desenhos que, segundo Langsdorff, pertenceriam à Academia de Ciências de St. Petersburgo e deveriam ter sido entregues a ele. O conflito é levado ao tribunal. Humboldt toma partido por Rugendas e, graças ao seu prestígio, as pranchas acabam sendo publicadas em 1835, dez anos depois de sua volta, no livro *Viagem pitoresca através do Brasil*, que fará grande sucesso mas com um texto “bem inferior e menos fiel” (A. C. Vilaça) que de outros viajantes. Rugendas se torna então um “artista-viajante” que percorre o México, o Chile e, vinte anos depois, volta ao Brasil (1845) para fazer retratos da família real. Depois do conflito com Rugendas, a “maldição” parece abater-se sobre o até então respeitado e bem-sucedido diplomata e naturalista.

Em 1816 Langsdorff comprara a Fazenda Mandioca, ao norte da Província do Rio (hoje Magé), que passou a ser um ponto de encontro dos viajantes estrangeiros e curiosos que chegavam ao Brasil no contexto da vinda da Família Real para o Brasil (1808) e do casamento de D. Pedro I



Georg Heinrich von Langsdorff

com a Princesa Leopoldina. O próprio casal de Imperadores e muitos cientistas alemães e austríacos entre os quais Spix e Martius, St. Hillaire, Eschwege, mas também artistas como Thomas Ender e os franceses Hercule Florence, Nicolas Taunay e Jean-Baptiste Debret frequentavam a Mandioca. O local passou a ter duas funções importantes: ser uma espécie de “salão” para trocar ideias literárias, científicas e artísticas, de um lado; e de outro, ser uma fazenda experimental para levas de colonos alemães, força de trabalho livre, capaz de substituir a mão de obra escrava. Em 1821 Langsdorff lançou um Manual



Fazenda Mandioca. Thomas Ender, 1818

para colonos alemães que quisessem migrar para o Brasil e aqui cultivar suas lavouras. (*Bemerkungen ueber Brasilien: mit gewissenhafter Belehrung fuer auswandernde Deutsche*). Em 1826 a Mandioca foi vendida.

Negligenciando-se as primeiras excursões feitas em torno da Fazenda (1821-24), que coincidem com a Proclamação da Independência do Brasil e os primeiros anos atribulados da formação do Primeiro Reinado, a chamada “Expedição Langsdorff pelo Brasil (1921-29)” pode ser dividida (de acordo com os minuciosos *Diários* do Barão) em três etapas: a

viagem por terra do Rio para Minas Gerais até Tijuco, hoje Diamantina (1824-25); a viagem (por mar e terra) exploratória e preparatória do Rio até Itu/SP (1825-26); e, finalmente, a viagem fluvial de Itu (Porto Feliz) via Camapuã, Diamantino até Porto Velho, seguindo o rio Tapajós até Santarém onde este desemboca no Amazonas (1826-29).

Na primeira etapa, Langsdorff não se conformava com um problema inesperado, a dispersão das mulas e a dificuldade de reuni-las todas as manhãs, perdendo-se um tempo demasiadamente longo, que acabaria por encurtar o tempo de coletar insetos (entomologia), peixes (ictiologia) e escrever seu diário (em alemão). Isso pode explicar o seu entusiasmo pelas propostas feitas em Itu por Dr. Engeler, médico compatriota, e pelo fazendeiro brasileiro, Francisco Álvares Vasconcelos, de organizar uma expedição pelo interior brasileiro por vias fluviais. Tal empreendimento seria inédito para um estrangeiro cientista. A Expedição propriamente dita teve início em junho de 1826. Além de Langsdorff viajaram sob a bandeira russa, através das províncias de São Paulo, Mato Grosso e Amazonas até Santarém, o botânico Ludwig Riedel, o cartógrafo Nester Rubtsov, os pintores Hercule Florence e Aimé A. Taunay, este contratado para substituir Rugendas, remadores experientes, caçadores, ajudantes e escravos, num total de aproximadamente 40 pessoas. Os viajantes partiram em 8 embarcações: Jimbo, a maior, Beroba, um pouco menor, 4 batelões e 2 canoas, carregados de mantimentos, materiais e instrumentos para as pesquisas, roupas, armas, pólvora, armas de fogo e brancas e presentes ou objetos de troca para eventuais encontros com índios (Bororo, Guató, Chamacoco, Cabexi, Apicá, Mundurucu) que acabaram acontecendo.

Tudo parecia estar sob o controle do olho vigilante de Langsdorff, que então já contava 51 anos de idade. No início, todos os integrantes pareciam estar felizes e satisfeitos. Mas isso não duraria muito tempo. As condições climáticas, as correntezas e quedas de rios (a expedição movia-se por vezes rio-acima, como no caso do rio Pardo), o calor e as chuvas, a fome e as doenças,



Habitação dos Apicá no rio Arinos. Hercule Florence, 1828

desentendimentos entre os integrantes estrangeiros da expedição e, antes de mais nada, os insetos (especialmente mosquitos e formigas), tornavam a viagem cada vez mais difícil e desconfortável, para não dizer um verdadeiro suplício! O chefe da expedição registra algumas dificuldades de relacionamento entre os membros da expedição. Exemplo: desavenças com Aimé Taunay, semelhantes às havidas com Rugendas ou o pedido de cancelamento do contrato de H. Florence, querendo voltar para São Paulo. Este último acabou permanecendo no grupo, ao lado de Langsdorff. Graças ao relato e aos desenhos desse francês, ficamos sabendo da doença física e mental do chefe da expedição, que já a caminho de Santarém foi acometido de febres intermitentes (provavelmente malária) e de perda de memória, fato que forçou os seus companheiros a encerrarem a expedição antes do previsto. Depois de o grupo separar-se em Cuiabá (1828), de onde Riedel e Taunay seguiriam pelo rio Madeira, enquanto os outros seguiriam pelo Tapajós, aconteceu outra tragédia. Durante uma tempestade, o jovem Aimé Adrien Taunay, tentando atravessar o rio Guaporé a cavalo, morreu afogado aos 22 anos. Tratava-se do neto de Nicolas Taunay, que viera com a Missão artística francesa para o Rio em 1815 a convite de D. João VI.

Todos os membros (sobreviventes) da Expedição inclusive os brasileiros ficaram doentes, provavelmente de malária. Langsdorff deixa de fazer anotações em seu diário, que termina abruptamente em 20 de maio de 1829, antes de chegar a Santarém. Em 1830, deixou o Brasil com a família e viveu em Freiburg im Breisgau, Alemanha, nada mais lembrando da malfadada Expedição, até morrer em 1857. Seus materiais de pesquisa contendo coleções de pedras, diamantes, insetos raros, peixes e outros animais empalhados como macacos, preguiças, onças, entre outros, tinham sido enviados durante os anos de sua permanência no Brasil para a Academia de Ciências em St. Petersburgo, que o contratara para realizar essa viagem. Seus diários, rela-

tórios, prestação de contas, troca de cartas, álbuns de imagens e desenhos, mapas tinham sido encaminhados pelo cartógrafo Nester Rubtsov e pelo botânico Ludwig Riedel, para St. Petersburg, finda a expedição. Inicialmente ninguém se interessou por esses materiais, até que o cientista russo Bóris Komisaroff os localiza no entre-guerras em um dos porões da Academia de Ciências (na época) de Leningrado, quando o rico material começou a ser classificado, traduzido para várias línguas e cientificamente explorado.

Humboldt, como vimos, já era famoso aos 35 anos. Foi festejado e homenageado no mundo inteiro, realizando, em vida, o seu sonho de desbravar o Novo Mundo. Enquanto isso, Langsdorff permaneceu esquecido durante 170 anos, e seu sonho de “servir ao Brasil e à humanidade” adiado por todo tempo em que seus materiais ficaram abandonados nos porões da Academia de Ciências russa. O próprio Langsdorff, durante os 25 anos de vida que lhe restaram, viveu sem cura e sem lembrança da grande expedição que realizara.

Com a redescoberta dos materiais da Expedição Langsdorff foi criada na década de 90 a Associação Internacional de Estudos Langsdorff – AIEL, com sede em Campinas. Em 1997 a FIOCRUZ Rio lançou a versão brasileira de seus *Diários de viagem pelo Brasil*, em 3 volumes, convidando novos pesquisadores a inéditas incursões científicas.



Buritis do cerrado de Mato Grosso, desenhadas em Quilombo, distrito de Chapada. Aimé-Adrien Taunay, 1827

Contudo é bom lembrar que o romancista brasileiro Visconde de Taunay, sobrinho do Taunay engolido pelas águas do Guaporé, realizou em sua obra literária, *Inocência* (1867), a consagração que o Barão de Langsdorff sonhara ter e que de fato merecia. É o romancista brasileiro quem confere ao “caçador de borboletas”, Meyer, perdido em Camapuã, o prêmio da Academia de Ciências de Magdeburgo por sua descoberta da mais bela borboleta encontrada em Camapuã, denominada *Pappilio Innocentia*.



Lilium humboldtii, nome em homenagem a Alexander von Humboldt, descobridor da espécie

Leituras sugeridas

LAGSDORFF, G.F. *Bemerkungen Ueber Brasilien*. Heidelberg, 1821.

LAGSDORFF, G.F. *A Voyage around the World 1803-1807*, Canada-Alaska, 1993; tradução do original alemão: *Bemerkungen zu einer Reise um die Weltt (1803-1807)*.

LAGSDORFF, G.F. *Diários de viagem pelo Brasil*. Fiocruz (3 vols.): Rio, 1997.

CARELLI, Mario (org.). *A Descoberta da Amazônia - os diários do naturalista Hércules Florence*. Ed. Marca D'Água: São Paulo, 1995.

FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Edições do Senado Federal, vol. 93: Brasília, 2007.

KOMISSAROW, B. et al. *A expedição científica de G.F.Langsdorff ao Brasil (1821-1829)* - Catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Fundação Nacional Pró-Memória, Brasília, 1988.

MANIZIER, G.G. *A Expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)*. Brasiliana, vol. 329. Cia. Ed. Nacional: São Paulo, 1967.

PRADA, C. Tesouro inestimável. Revista *Problemas Brasileiros*. Ano 38, n.º 342, nov./dez. 2000.

SANTA ROSA, N. S. *Sarewa: uma viagem com a Expedição Langsdorff*. Ed. Pinakothke: Rio, 2004.

BARBARA FREITAG

Livre-docente e doutora pela Universidade Livre de Berlim
Professora Emérita pela UnB (Brasília)

Professora visitante da Universidade de Humboldt e Universidade Carolina (Praga)

Autora, entre outros, de: *Die brasilianische Bildungspolitik, Dialogando com Habermas, Itinerâncias urbanas*



Karl Friedrich von Martius

ARNO WEHLING

Um pequeno texto de cerca de vinte páginas, premiado em concurso promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1843, escrito por um botânico e não por um historiador, foi capaz de influenciar decisivamente o estudo da formação histórica brasileira.

Trata-se do opúsculo *Como se deve escrever a história do Brasil*, da autoria de Karl Friedrich Phillip Von Martius (1794-1868), botânico bávaro que, anos antes, visitara o Brasil na companhia do também naturalista Spix (Johann Baptiste von Spix). Produto dessa visita foi o livro *Viagem ao Brasil*, importante fonte para o conhecimento do país às vésperas da independência.

A premiação se explica. O então recém-fundado IHGB propunha-se a realizar um trabalho científico de coleta, análise e divulgação de documentos históricos e etnográficos, mas sua atividade não se resumia à pesquisa científica desinteressada. Ele também tinha como objetivo cultivar – e na verdade construir – a memória nacional, a partir de alguns valores claramente enunciados, como o nacionalismo, a unidade nacional e a monarquia constitucional como forma de governo.

O texto premiado de Martius revela um autor afinado com esses valores, e defendendo os princípios da “historiografia filosófica e pragmática”. Esta expressão traduzia a perspectiva iluminista, que implicava produzir uma história interpretativa à luz de preceitos filosóficos e que tivesse como desdobramento o aperfeiçoamento da socie-

MARTIUS E A FORMAÇÃO BRASILEIRA

dade. Inspirada em autores como Voltaire, Kant e Hegel, esta interpretação admitia um providencialismo cristão e uma perspectiva humanista, típica do Iluminismo.

Aplicado à história do Brasil, o texto de Martius afirmou algumas teses, reconhecidas por diferentes historiadores como relevantes para a interpretação do país mesmo quando suscitaram polêmicas, como a levantada por Sílvio Romero, que considerava as posições de Martius muito influenciadas pelo mito rousseauniano do “bom selvagem”.

Essas teses foram: as três etnias contribuíram de diferentes modos para a constituição do povo brasileiro; ocorreu predomínio do elemento branco, português; existia número reduzido de indígenas; os grupos indígenas seriam remanescentes de uma “grande civilização”; as instituições municipais eram, particularmente, fortes no Brasil colonial; havia, desde a colônia, grandes diferenças regionais que precisavam ser consideradas em qualquer análise histórica; e os caminhos para o interior foram importantes vias para a consolidação do país.

As teses de Martius sobre a formação brasileira foram muito discutidas em nossa historiografia, em diferentes momentos. Aceitas ou não, tornaram-se entretanto ponto de referência importante para o estudo da formação brasileira. Não foi pouco para um texto que, não obstante premiado, era afinal um ensaio sintético sobre os principais aspectos que deveriam ser relacionados ao se estudar a História do Brasil.

A estas teses podemos acrescentar algumas, cuja paternidade não tem sido atribuída a Martius por muitos de nossos historiadores, mas cuja prioridade de enunciação sem dúvida lhe pertence: a formação das elites brasileiras pela incorporação da base social, por sua vez o *locus* da miscigenação entre brancos, negros e índios; a da integração do Brasil no mercado internacional como consequência da expansão portuguesa e o estabelecimento de um mercado interno; a da hostilidade do governo metropolitano à força das ordens religiosas; e a da existência de relações jurídicas entre os indígenas brasileiros, considerando institutos como o casamento, a propriedade, a troca e identificando os fundamentos da autoridade tribal.

O vigor dessas teses foi reconhecido mesmo quando a pesquisa histórica de natureza científica ainda engatinhava no país. Por isso pôde Joaquim Manuel de Macedo, ao fazer seu elogio no Instituto Histórico em 1869 afirmar, citando um de seus biógrafos, que se tratava do “conquistador intelectual do Brasil.”

ARNO WEHLING

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

VON SPIX: zoológico e pesquisador do Brasil

MARCELLY PEDRA REZENDE E LORELAI KURY

Em 1817, aportava no Rio de Janeiro a esposa do príncipe D. Pedro, a arquiduquesa Maria Leopoldina. Amante da botânica e das ciências, era muito culta e trouxe cientistas, pintores e botânicos, na *missão austríaca*. Dentre os mais famosos: Karl Friederich von Martius, Thomas Ender e Johann Baptist Ritter von Spix.

Autorizados por D. João VI, Martius e Spix realizaram incursões pelo Brasil, coletando dados sobre ciências naturais, geografia, etnografia e costumes indígenas, para o governo austríaco. Thomas Ender os acompanhou por curto período, registrando belas paisagens e espécimes botânicos e zoológicos.

Os viajantes percorreram aproximadamente dez mil quilômetros durante os três anos que permaneceram no Brasil. Eles desembarcaram no Rio de Janeiro e, a partir da Corte, foram para a região nordeste. Em seguida, exploraram a Amazônia. Martius e Spix reuniram volumosos dados sobre a fauna e a flora brasileira.

A HERANÇA HUMBOLDTIANA E A BIOGEOGRAFIA

Viagens são necessárias à transformação do conhecimento da natureza em ciência. O exemplo mais conhecido de quanto são insubstituíveis é o de Alexander von Humboldt. Grande defensor das impressões estéticas experimentadas pelo viajante, acreditava que eram



Johann Baptist Ritter von Spix, em desenho de Rhomberg, Munique

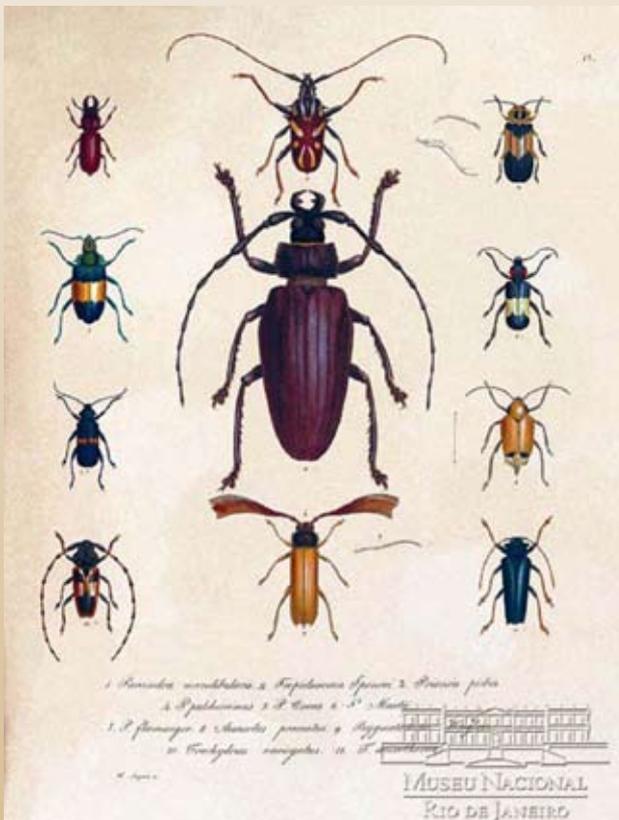
parte da própria atividade científica e não poderiam ser substituídas por descrições ou amostras retiradas de onde foram coletadas. Para ele os seres vivos só podem ser compreendidos relacionados aos lugares onde vivem e aos seres com os quais coabitam.

Na época discutia-se a conciliação entre as origens da humanidade e a distribuição de animais e vegetais no planeta. As concepções biogeográficas de Humboldt consideravam a viagem atividade central nessa contextualização, pois percepções diversas intervêm para formar o conjunto. A abordagem humboldtiana da natureza previa que o viajante avaliasse sistemática e precisamente os fatores físicos que intervêm em cada lugar estudado: temperatura, altitude, pressão, umidade e a interação homem-natureza.

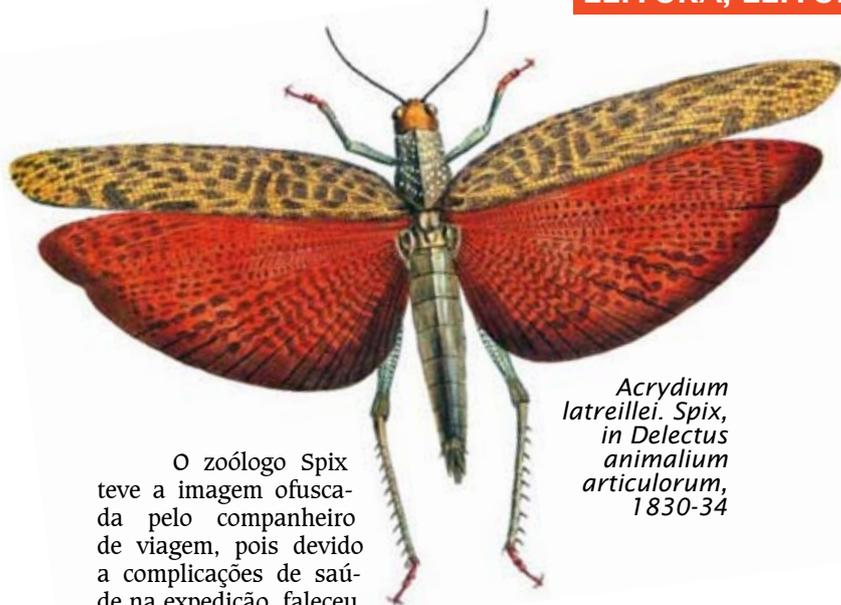
O trabalho de Humboldt na América espanhola se tornou referência para outros naturalistas, e era o exemplo para expedições científicas. Embora não tenha vindo ao Brasil, Humboldt foi grande incentivador da vinda de jovens artistas e naturalistas ao país.

A viagem de Spix e Martius tinha como referencial o trabalho de Humboldt. Percorreram regiões do Brasil muito diversas, e por isso o material que coletaram e estudaram fornece um panorama extenso e global da América portuguesa.

Martius se tornaria grande e renomado conhecedor do Brasil, escrevendo trabalhos como *Flora Brasiliensis*, o mais famoso, que organizou, reunindo em 40 volumes os estudos de botânicos sobre nossa flora, e alguns sobre os indígenas e a história do país. Com Spix fez o relato da expedição: *Viagem ao Brasil*, em 4 volumes.



Insetos brasileiros classificados por Spix. Museu Nacional



Acrydium latreillei. Spix, in *Delectus animalium articulorum*, 1830-34

O zoólogo Spix teve a imagem ofuscada pelo companheiro de viagem, pois devido a complicações de saúde na expedição, faleceu seis anos após voltar à Europa. Zoólogo de grande importância para o estudo da fauna da América do Sul e do Brasil, segundo Ernst Josef Fitkau, não teve seu mérito reconhecido.

A FORMAÇÃO DE SPIX

Johann Baptist Ritter von Spix nasceu em Höchstaedt, 1781, e cedo demonstrou capacidade intelectual e gosto pelo estudo. *Um menino de constituição física débil, porém dotado de inteligência excepcional*. Doutor em filosofia aos 19 anos, foi educado em atmosfera impregnada pela *Naturphilosophie* e pelas obras científicas de Goethe. Foi aluno de Schelling, que o influenciou com ideias românticas sobre filosofia natural. Spix pôde estudar com Cuvier, Lamarck e Saint-Hilaire, em estágio financiado pelo rei Maximiliano José I, em Paris, no Museu Nacional de História Natural. Na capital da zoologia, Spix aprendeu a conciliar a mente filosófica com o espírito racional e sistemático dos naturalistas franceses.

Responsável pela instalação do Gabinete de Zoologia na Academia de Ciências da Baviera, Spix coletou volumoso material durante viagens pela costa britânica, e do Mediterrâneo, publicando quando retornou a Paris *A história e a crítica dos sistemas de zoologia, em seu desenvolvimento, desde Aristóteles até os nossos dias* e *Cephalogenesis*, comparando crânios de mais de cem vertebrados, intuindo como ocorria a evolução da cabeça às vértebras, trabalho elogiado por Goethe, autoridade em anatomia comparada e morfologia. A sólida formação e experiência à frente do setor de Zoologia na Academia de Ciências Naturais de Munique deram-lhe segurança para coordenar e planejar a expedição científica com Martius.

SPIX E O BRASIL

A viagem de Spix e Martius representava grande feito para a comunidade científica europeia. Nossas terras eram alvo de grande curiosidade e interesse dos estudiosos. As poucas informações disponíveis diziam respeito aos anos iniciais da colonização e às informações colhidas pelos holandeses na ocupação nordestina. Os resultados da expedição bávara foram esperados com grande expectativa pelos estudiosos europeus que pouco conheciam da natureza tropical.

O próprio Spix se mostrou deslumbrado quando aqui chegou, como registrou em discurso na Academia

Real de Ciências da Baviera ano seguinte do seu retorno:

A lembrança da Europa é, nesse meio tempo, cada vez mais longínqua. Deixando para trás as ruas da cidade, temos diante de nós a livre, majestosa e bela natureza: palmeiras e bananeiras que agitam suas folhagens (...) cuja beleza é realçada pelo sussurro de coloridos beija-flores e pelas formas e magníficas cores das borboletas, que voam ao nosso redor. Em segundo plano, veem-se as montanhas, que se elevam com a beleza silvestre e eternamente verde da fria floresta de árvores de troncos colossais (...) o montão de diferentes espécies de aves, borboletas e outros insetos que competem em esplendor de cores e brilho com o sol, e com os sons que emitem, encantam os ouvidos humanos. Tudo prendeu nosso olhar e nos permitiu sentir a totalidade das diferenças de plantas e animais, que nos fizeram considerar de forma nova e exuberante, com sua natureza, a existência de um mundo mais belo e feliz que a Europa.

O zoólogo maravilhado com o trópico foi dos primeiros a estudar espécimes amazônicas, e um dos principais responsáveis por parte fundamental do conhecimento existente sobre os vertebrados do continente, colecionando uns 500 espécimes, entre moluscos e vertebrados. Publicou trabalhos sobre macacos e morcegos, 1823, sobre tartarugas e sapos, 1824, e sobre aves, lagartos e cobras, 1825. Após sua morte, 1826, Martius organizou o trabalho sobre moluscos e peixes com J. A. Wagner e Louis Agassiz.

A formação filosófica de Spix permitiu-lhe ir além das observações estritamente zoológicas, chegando a representar em suas obras cenas que retratam a relação homem-natureza, como em *Selecta Genera et Species Piscium*, onde retrata índios e suas técnicas de pesca, para mostrar as interações entre seres de um mesmo *habitat*: homem e natureza interagem em sua obra.

Spix coletou dados sobre geografia, geologia, população, economia, história do Brasil, e sobre os indígenas e seus costumes, tudo registrado nos diários e compilado por Martius, responsável por escrever e preparar os três últimos volumes da *Viagem ao Brasil*. As coleções reunidas por Spix serviriam de base a estudiosos da fauna brasileira, como Agassiz e outros, e servem, até hoje, como testemunho documental sobre nossa terra.

Referências

FITTKAU, Ernst Josef. Johann Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador do Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 8 (supl.) Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: www.scielo.br.

KURY, L. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 8 (supl.), p.863-880. Rio de Janeiro, 2001.

MARCELLY PEDRA REZENDE

Graduada em História/UERJ

Transcreveu manuscritos de Lima Barreto - *Contos Completos* (org. Lilia Schwartz, 2010)

LORELAI KURY

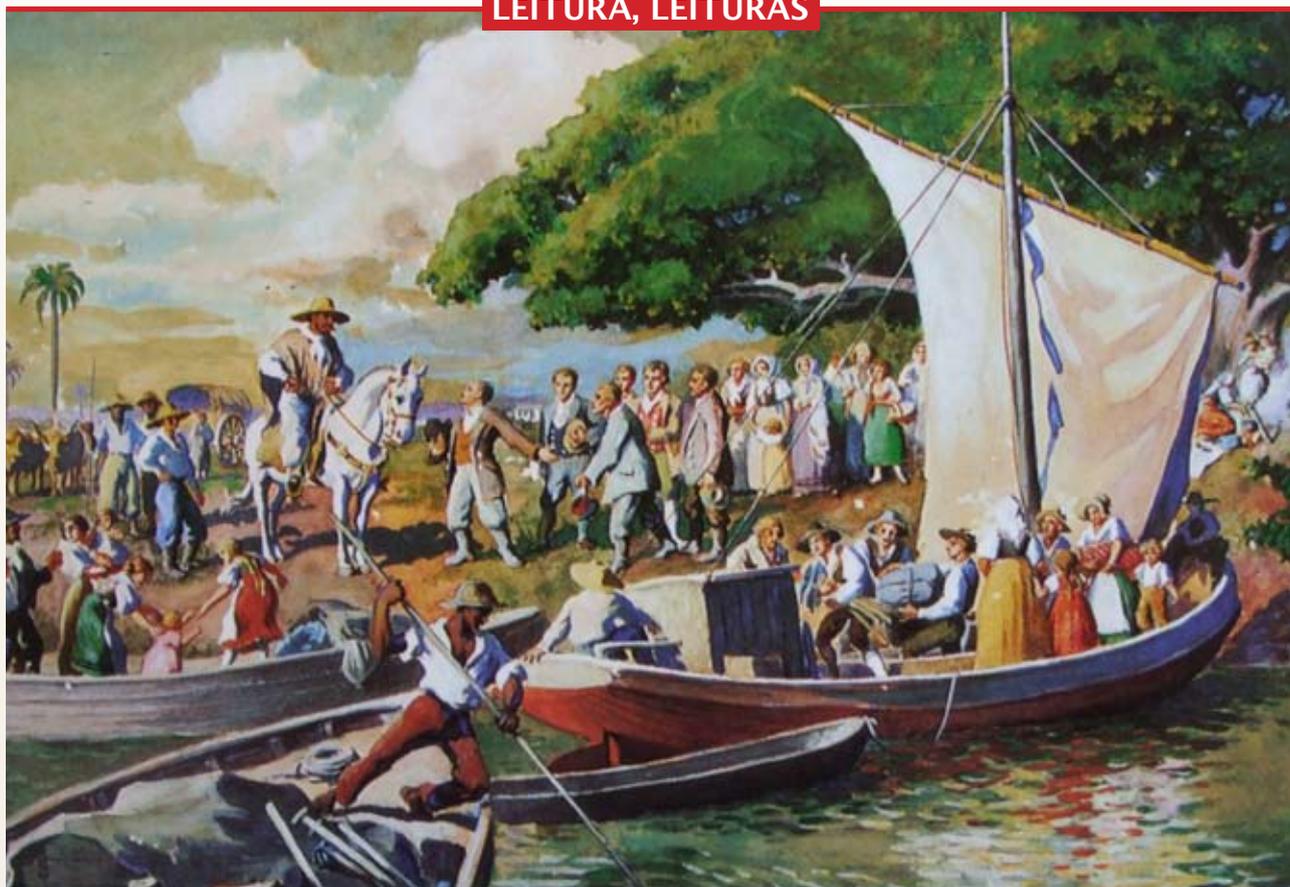
Doutora em História pela EHESS - Paris

Prof.^a do Departamento de História/UERJ

Prof.^a e pesquisadora do Programa de Pós-grad. em

História das Ciências e da Saúde/Fiocruz

Autora, dentre outros, de *Histoire naturelle et voyages scientifiques*, Paris, l' Harmattan, 2001



Chegada da primeira leva de imigrantes alemães, em 1824. Ernst Zeuner, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, RS

A imigração Alemã: alguns aspectos históricos

— GIRALDA SEYFERTH —

Em 1818, D. João VI iniciou a “colonização estrangeira” no Brasil, autorizando a vinda de famílias suíças para formar colônia (agrícola) na região serrana do Rio de Janeiro, que deu origem a Nova Friburgo. Após a Independência, o governo imperial brasileiro retomou o projeto de colonização para ocupar terras devolutas, principalmente no Sul, concedendo pequenas parcelas de terra a famílias trazidas da Europa. O Imperador Pedro I encarregou o major G. A. Schäfer, de sua guarda pessoal, a agenciar colonos nos Estados Alemães¹, e também mercenários para compor os batalhões estrangeiros. Dessa forma, os primeiros alemães classificados como imigrantes chegaram em 1824 e se dirigiram para o Rio Grande do Sul (RS), fundando a colônia de São Leopoldo, às margens do rio dos Sinos, e para Nova Friburgo, ocupando lotes abandonados pelos suíços.

No contexto da abertura dos portos (1808), os alemães se estabelecem na cidade do Rio de Janeiro, na maioria gente mais abonada e dedicada ao comércio e artesanato. Segundo o Registro de Estrangei-

ros, em 1822, eram cerca de 200 indivíduos que não foram considerados imigrantes, e muitos retornaram ao país de origem. O grupo tinha certa visibilidade entre os estrangeiros e fundou a primeira associação cultural e recreativa de perfil étnico no Brasil, em 1821 – a *Gesellschaft Germania*, onde se reuniam os sócios da “comunidade alemã” e viajantes, empresários da colonização e outros estrangeiros de passagem pela Corte. Assim, os primeiros comerciantes não assumiram a condição de imigrantes dadas as características de suas empresas de exportação/importação e navegação, mas ao longo do séc. XIX número significativo de alemães fixou-se no Rio, criando associações culturais, beneficentes, além de escolas, empresas, etc. (cf. Seyferth, 2000).

Ainda assim, a fundação de São Leopoldo (25/07/1824) é considerada o marco inicial da imigração alemã, pois o Sul (e, depois São Paulo) tornou-se o destino preferencial dos imigrantes. As primeiras colônias surgiram entre 1824 e 1830, no RS e Santa Catarina (SC), sob os auspícios do governo imperial, interes-



Sede atual da Sociedade Germânia, na Gávea, Rio, antiga residência de Eptácio Pessoa Filho, adquirida nos anos 1980 e adaptada às atuais destinações. Passados quase duzentos anos, o quadro social da Germânia espelha a integração da Sociedade à comunidade carioca

sado no povoamento e na consolidação das fronteiras internacionais em duas províncias com baixa densidade demográfica. Não foi, portanto, imigração espontânea. As estatísticas de entradas não são precisas, mas naquele período o Brasil recebeu cerca de sete mil imigrantes alemães para os núcleos coloniais. A proibição de gastos com a colonização estrangeira, em 1830, interrompeu o fluxo, retomado no meio da década de 1840, quando o governo imperial, com a colaboração de alguns governos provinciais, promoveu a fundação de novos núcleos de imigrantes alemães no Sul, no Espírito Santo (ES) e no RJ (onde surgiu a colônia de Petrópolis, implementada em terras da família imperial).

Com a nova regulamentação fundiária (a Lei de Terras de 1850) o governo brasileiro pretendia atrair maior contingente de colonos europeus, e os alemães tiveram papel importante nesse processo de ocupação territorial. Eles foram maioria nos núcleos coloniais até 1875, quando começou a grande imigração italiana; sua precedência e continuidade na formação de uma estrutura agrária camponesa baseada na pequena propriedade familiar policultora pode ser observada nas duas centenas de “colônias alemãs” que surgiram nas três províncias do Sul, na segunda metade do séc. XIX.

Novos imigrantes e os descendentes das primeiras levas participaram da expansão do processo colonizador no planalto setentrional, no início do séc. XX, formando comunidades culturalmente diferenciadas. Muitas colônias surgiram da iniciativa governamental, administradas pelo poder público. Alguns dos núcleos mais importantes, porém, foram estabelecidos por empresas particulares criadas para essa finalidade por empreendedores estrangeiros e mesmo por descendentes de imigrantes. Blumenau, em SC, é talvez uma das mais conhecidas colônias alemãs, resultante de iniciativa do Dr. Hermann Blumenau.

Nos números da imigração, os alemães estão bem atrás dos italianos, portugueses e espanhóis, apesar de sua importância no contexto da colonização. Existem discrepâncias, assinaladas na bibliografia pertinente, mas as estimativas, dependendo do critério empregado, indicam entre 230 e 360 mil imigrantes no período 1824-1950c.² O número menor está baseado na nacionalidade registrada nos documentos (passaportes), mas dois dos principais estudiosos da imigração alemã, Willems (1946) e Fouquet (1974), mostraram a importância dos critérios lin-

guístico e cultural que marcam a identidade germânica de imigrantes procedentes de países como a Polônia e a Rússia, entre outros, e que no Brasil se integraram às comunidades teuto-brasileiras. Afinal, a língua alemã foi o principal critério de distinção até a década de 1940, e seu uso persiste ainda em muitos lugares, especialmente no Sul, e na forma dialetal pomerana nas comunidades capixabas com predominância dos descendentes de alemães originários da Pomerânia (território hoje pertencente à Polônia).

A influência germânica é mais visível nas regiões onde predominou o regime de colonização em terras devolutas, caso, por exemplo, do Vale do Itajaí e noroeste de SC, da bacia do rio Jacuí e regiões próximas, no RS, do município de Santa Maria do Jetibá (entre outros) no ES, dos municípios de Lapa e Ponta Grossa, no Paraná (PR). Mas ela existe também em diversos centros urbanos fora das áreas coloniais, especialmente nas 3 capitais do Sul, e nas cidades de São Paulo e Campinas, que receberam tanto imigrantes recém-chegados como egressos do regime de colonização. Isso ocorreu de modo mais intenso nas primeiras décadas do séc. XX, particularmente nos dois períodos que registraram o maior volume de entradas: os anos que antecederam a 1ª Guerra Mundial e a década de 1920, marcada pela crise econômica na Alemanha de Weimar.³

No início da colonização, as guerras europeias, a pobreza, a expropriação do campesinato (pelo avanço do capitalismo no campo) e as crises agrárias eram as causas mais óbvias da imigração, daí predominarem lavradores. Na década de 1920 (quando o Brasil recebeu mais de 70 mil alemães), gente mais qualificada e com boa escolaridade emigrou devido à crise econômica do pós-guerra. Mas não devem ser subestimadas as motivações políticas (que antes trouxeram ao Brasil muitos participantes das malogradas revoluções de 1848,⁴ por exemplo), ou mesmo a eficácia da propaganda e dos subsídios prometidos pelos agenciadores de imigrantes.

Resumindo, a visibilidade da imigração alemã está relacionada, por um lado, à concentração espacial nas áreas de colonização e, por outro, à formação de bairros etnicamente configurados em algumas cidades brasileiras. Tal visibilidade diz respeito a uma paisagem cultural bem mais evidente no passado, mas ainda persistente hoje, no qual se destacam os estilos arquitetônicos (entre os quais as casas em enxaimel), os usos da língua alemã



Ceifa alemã. Pedro Weingärtner, 1903, Pinacoteca de São Paulo

(aos poucos transformada em dialeto teuto-brasileiro), as associações recreativas e culturais (como as sociedades de atiradores, as *Schützenvereine*, o cuidado com jardins), os hábitos alimentares (combinando tradição alemã e ingredientes brasileiros), as formas de sociabilidade, a marcante diferença da estrutura agrária e da formação urbana.

No Sul também despontou uma literatura em língua alemã, produzida por imigrantes e descendentes até 1939, em grande parte voltada para os temas da colonização e da relação com os brasileiros, expressando entre outras coisas, as ambiguidades da identidade (cultural) teuto-brasileira. Junto à rede de escolas particulares com ensino em alemão, extremamente importante no contexto colonial, diante da carência de escolas públicas, essa literatura foi objeto de crítica do nacionalismo brasileiro e suas premissas assimilacionistas.

A campanha de nacionalização realizada pelo Estado Novo (1937-45), visando à assimilação mais rápida dos imigrantes, proibiu o ensino fundamental e todos os tipos de publicação em língua estrangeira, bem como o funcionamento de instituições comunitárias, como escolas e associações. Os alemães e descendentes foram mais duramente atingidos por dois motivos: o forte sentimento de pertencimento à etnia alemã, expressado através da identidade teuto-brasileira (cf. Seyferth, 1999), e a presença nazista e posterior envolvimento do Brasil (1942-5) na 2ª Guerra Mundial contra a Alemanha. Entre outras coisas, a campanha extinguiu a imprensa e a literatura e contribuiu para o uso mais restrito, doméstico, da língua alemã. Apesar da crise motivada por essa violenta imposição do “abrasileiramento”, manteve-se alguma identidade cultural, enfatizada hoje por manifestações de sociabilidade, de numerosas festas com apelo turístico ou não, da literatura sobre a imigração escrita em português, num contexto mais democrático de reconhecimento das diferenças.

Como ficou evidenciado desde os estudos de Willems, alemães e descendentes estavam a seu modo integrados à sociedade brasileira, fato indicador da dinâmica própria da mudança cultural, sem comprometer a popularidade enfatizada nas representações da identidade teuto-brasileira vinculada à experiência histórica da bem sucedida colonização.

Notas

¹ *Estados Alemães* A Alemanha foi unificada entre 1800-71. Após as Guerras Mundiais (1914-8 e 1939-45) ela ganhou e perdeu territórios.

² Segundo dados atribuídos ao IBGE, entre 1824-99 chegaram ao Brasil 78.009 alemães; de 1900 a 39, foram 143.048 e de 1940 a 69, caíram para 29.109.

³ *Alemanha de Weimar* República parlamentar instaurada na Alemanha após a 1ª Guerra e derrubada com a ascensão do nazismo.

⁴ *As Revoluções de 1848 ou Primavera dos Povos* abalaram monarquias autocráticas na Europa central e oriental, surgiram de crises econômicas e ausência de democracia. Foram revoluções liberais, democráticas e nacionalistas que exigiam governos constitucionais. Trabalhadores e camponeses se rebelavam contra os excessos capitalistas.

Referências bibliográficas

FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo, Instituto Hans Staden; São Leopoldo, Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

SEYFERTH, Giralda. “A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito”. In: Boris Fausto (org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. A imigração alemã no RJ. In: Ângela de C. Gomes (org.) *Histórias de imigrantes e de imigração no RJ*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1946.

GIRALDA SEYFERTH

Doutora em Ciências Humanas /USP

Mestre em Antropologia Social /UFRJ

Prof.ª do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ

Foto: Wilson Mello



H. J. Koellreutter. Acervo Ayon

KOELLREUTTER

um mestre alemão na música brasileira

EDINO KRIEGER

Conheci Koellreutter em 1942, quando realizei um concerto em Brusque (SC), minha cidade natal, um concerto com a harpista Mirela Vita. Como de hábito, após o concerto meu pai me apresentou aos artistas como o jovem talento musical da cidade.

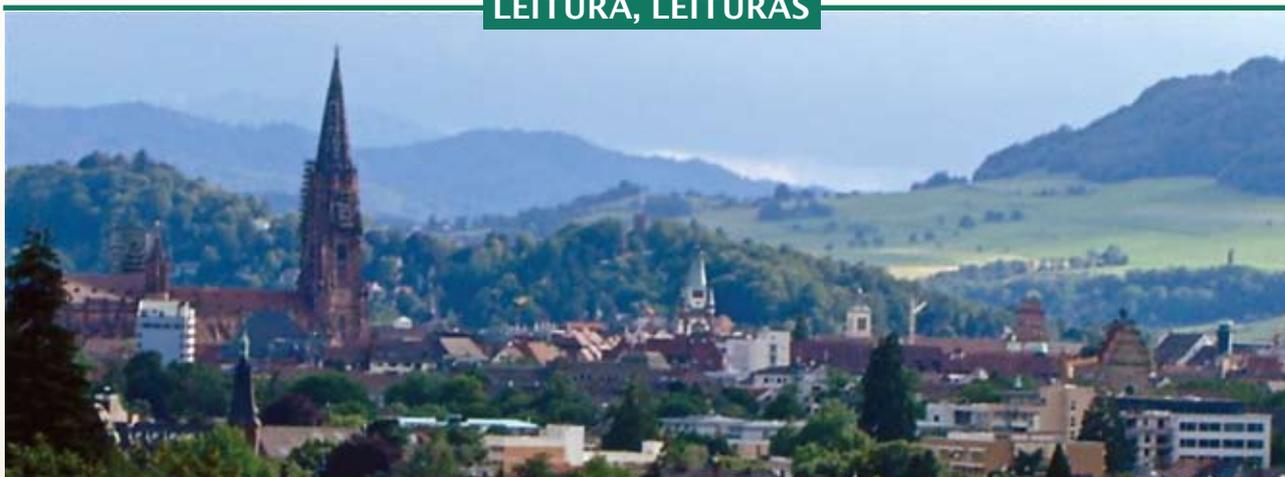
Naquele mesmo ano, realizei um concerto no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, com a pianista Wanda Zaguini, de Itajaí. Ao final, o então governador Nereu Ramos me ofereceu uma bolsa de estudos para o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, onde cheguei em março do ano seguinte, aos 15 anos.

Nos primeiros dias, vi no Conservatório pequeno cartaz que informava que o Professor Koellreutter realizava ali curso livre de composição. Ao cruzar com ele no corredor, me apresentei como o jovem que o conhecia em Brusque e manifestei, não sei bem por que, o desejo de frequentar seu curso de composição. Perguntou-me se já compusera algo e, receoso de ser recusado, disse que sim e marquei hora para

o dia seguinte. Passei a noite em claro rabiscando alguma coisa e, quando lhe mostrei o que fizera, ele olhou e disse sorrindo: “Isso não é nada. Vamos começar do começo”.

Eu já tinha algum conhecimento teórico, mas com Koellreutter comecei realmente a conhecer a base da estrutura musical, os princípios e as leis de sustentação. Aprendi a construir um *cantus firmus* gregoriano e a compreender seus princípios estruturais. Paralelamente fui orientado a utilizar esses conhecimentos na criação livre – uma *Missa* para coro *a cappella* – e a usar meus próprios *cantus firmus* nos exercícios de contraponto, da primeira espécie – nota contra nota – ao contraponto florido. A cada novo conhecimento era solicitado a utilizá-los em exercícios de composição livre, inclusive para instrumentos.

Passo a passo, fui conhecendo a didática de Koellreutter, que fazia o discípulo percorrer ontogeneticamente o caminho histórico da música ocidental, conhecendo, compreendendo e praticando seus prin-



Vista parcial de Freiburg, Alemanha

cípios e suas leis de construção em exercícios e na composição livre. Esse conhecimento era assimilado não como meras regras, mas com a compreensão das leis acústicas que determinaram, inconscientemente, a sua aplicação ao longo da história.

Essa consciência do *porquê* das leis e das regras era um dos diferenciais de sua metodologia: enquanto no ensino tradicional, habitualmente, o aluno é orientado a seguir regras, Koellreutter explicava as razões acústicas que levaram essas regras a serem estabelecidas. Por exemplo: no ensino do contraponto e da harmonia tradicionais, uma regra é a proibição de quintas e oitavas paralelas. Normalmente o estudante recebe essa regra e a aplica. Koellreutter revelava as razões acústicas: no contraponto clássico, um dos princípios básicos era a independência das vozes. Ora, a oitava e a quinta são os primeiros intervalos da série harmônica – uma sequência de sons gerados por qualquer som que se produza, fenômeno físico-acústico que corresponde ao prisma emanado pela luz. Sendo os intervalos mais próximos do som fundamental, gerador, esses sons se confundem com ele e comprometem a independência das vozes. O mesmo princípio da independência das vozes e regras se aplicaram à harmonia renascentista, que surgiu da polifonia medieval, do contraponto.

Quem era esse jovem mestre alemão chegado ao Rio de Janeiro em 1937, aos 22 anos de idade?

Hans-Joachim ou simplesmente H. J. Koellreutter, como se assinava, nasceu em Freiburg, Alemanha, a 2 de setembro de 1915. Seu pai era um médico bastante conservador, mas desde jovem o filho vinculou-se aos círculos de vanguarda da música alemã. Estudou flauta com Marcel Moyse, composição com Kurt Tomas e Paul Hindemith e regência com Hermann Scherchen.

Fugindo, como tantos outros intelectuais alemães, das perseguições nazistas às correntes estéticas e filosóficas de vanguarda, o acaso o trouxe ao Rio de Janeiro, onde conheceu muitas privações e dificuldades nos primeiros anos. Para sobreviver, tocava flauta e saxofone em bares e cabarés da Lapa, dor-

mia num depósito da *Casa e Jardim* da Rua Buenos Aires (cujo proprietário, Teodor Heuberger, se tornaria um dos seus melhores amigos e patrocinadores), trabalhou como gravador em chumbo numa editora musical, o que lhe valeu uma intoxicação que quase lhe custou a vida.

Mas seu temperamento dinâmico e sua força interior o levaram a superar as dificuldades e a definir sua verdadeira vocação – a de professor de composição. O contrato como terceira flauta da Orquestra Sinfônica Brasileira, fundada em 1940, talvez tenha sido a chave que abriria essa porta, pois foi certamente ali que conheceu Claudio Santoro, jovem violinista da orquestra, que se tornaria o seu primeiro discípulo de composição e até mesmo o levaria a aprofundar os conhecimentos que trouxera da Alemanha. Foi Santoro que o levou a estudar mais profundamente a então nova técnica de composição, o dodecafonismo, criado por Arnold Schoenberg, que propõe a substituição das escalas tonais tradicionais por séries básicas formadas por uma sequência descontínua dos 12 sons da escala cromática. Depois de Santoro, outros discípulos da escola de Koellreutter também se interessaram em conhecer e experimentar esse controverso sistema de organizar musicalmente os sons – entre eles Guerra-Peixe e eu próprio.

O talento pedagógico de Koellreutter, sua dedicação total a essa atividade e seu espírito empreendedor o levaram a criar o que chamou de Escolas Livres de Música também em São Paulo e na Bahia, verdadeiros laboratórios de conhecimento e criatividade, onde transmitia não apenas os conhecimentos teóricos da composição tradicional e as novas técnicas e linguagens da música contemporânea, mas também de Análise, Harmonia Funcional, Estética e Regência. Na verdade, ele via o conhecimento musical em sua maior abrangência, envolvendo paralelos com a física, a matemática, as artes plásticas e a arquitetura. E seu interesse pela música não se limitava à música nova: em aulas coletivas de análise, enfatizava a importância não só do conhecimento das

Sonatas de Beethoven ou da *Sagração da Primavera* de Stravinsky e da música contemporânea, mas também dos mestres da Idade Média e do Renascimento, cujas obras dirigiu nos concertos dos Cursos Internacionais de Férias que organizou em Teresópolis a partir de 1950 e em outras ocasiões.

Essa visão integrada da música, a diversidade das informações que transmitia e a maneira instigante com que o fazia talvez expliquem a diversidade de interesses dos músicos que procuravam sua orientação – compositores como Santoro, Guerra-Peixe, Eunice Catunda, Tim Rescala, Tato Taborda, Willy Correa de Oliveira, Esther Scliar, Sérgio França, Arrigo Barnabé, Damiano Cozzella e dezenas de outros, no Rio, em São Paulo e na Bahia; regentes como Isaac Karabtchevsky, Ligia Amadio, Julio Medaglia e outros; compositores e arranjadores de música popular como Tom Jobim, Maestro Cipó, Severino Araújo, Paulo Moura, K-Ximbinho, Lindolfo Gaya e vários outros, que buscavam em Koellreutter informações sobre harmonia funcional (sistema criado por Hugo Riemann que relaciona todos os acordes da estrutura harmônica tradicional com as três funções principais – tônica, subdominante e dominante, espécie de pilotis da harmonia) e também harmonia moderna, para aplicação em seus arranjos de música popular. Ainda não foi devidamente dimensionada a possível contribuição de Koellreutter para o surgimento da bossa-nova, com suas harmonias novas, transmitidas aos seus discípulos da área da música popular.

O fato de ter transmitido a diversos discípulos informações e conhecimentos sobre o dodecafonismo acabou estigmatizando-o como o introdutor e defensor desse sistema no Brasil, quando esse era apenas um dos muitos conhecimentos que ele transmitia. E nem todos os seus discípulos se interessaram ou praticaram o serialismo: lembro que havia entre nós um jovem de origem russa que compunha óperas no estilo de Rimsky-Korsakov, e Koellreutter analisava e discutia problemas composicionais da partitura com o mesmo interesse. Outro compunha música impressionista à Debussy – *Clair de lune* era seu modelo favorito. Por isso nos pareceu injusta a famosa Car-



Edino Krieger e H. J. Koellreutter no CCB, 1998

ta Aberta de Camargo Guarnieri, no início dos anos 50, condenando o ensino do serialismo por Koellreutter como algo pernicioso para a música brasileira. No Grupo Música Viva, formado por Koellreutter e discípulos, já se levantara a questão da compatibilidade do serialismo com as características da música brasileira. Para mostrar a compatibilidade, Guerra-Peixe compôs um *Trio* para cordas cujo segundo movimento, serial, era uma seresta brasileira, e eu compus um *Choro* serial para flauta e cordas, com todas as características rítmicas e até melódicas do choro popular brasileiro.

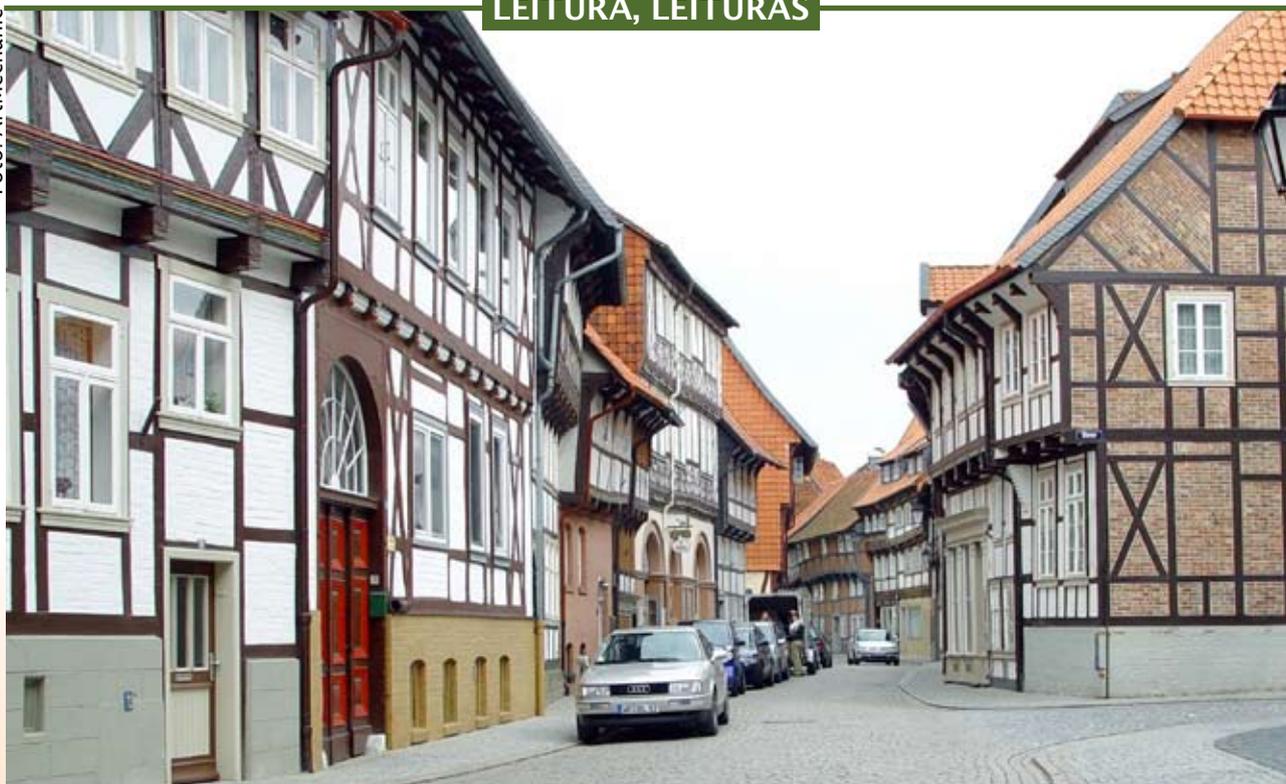
Além de grande pedagogo, Koellreutter era grande agitador cultural. Criou o Movimento Música Viva, integrado por compositores e intérpretes interessados na divulgação da música contemporânea, e que incluía, além de Villa-Lobos, patrono do movimento, compositores como Luís Cosme, Brasília Itiberê e Frutuoso Vianna, além de excelentes instrumentistas como Moacyr Liserra, Antão Soares, Ulrich Dannemann, Oscar Arany e outros, que realizavam, gratuitamente, concertos de música contemporânea na ABI, ACM e Casa do Estudante do Brasil. Criou o programa semanal *Música Viva*, na Rádio MEC, produzido por ele e seus discípulos. Como professor, tinha a cabeça aberta, destituída de preconceitos, procurando extrair de cada discípulo o melhor que pudesse dar, estimulando sua criatividade e a busca de seu próprio caminho. Como resultado, os compositores saídos de sua escola não se parecem uns com outros, não trazem marcas de determinada estética ou linguagem, tendo cada qual sua personalidade e, em comum, apenas razoável bagagem de conhecimentos técnicos. Esse, talvez, seja o melhor atestado da importância da contribuição desse mestre alemão para a música brasileira.

Koellreutter faleceu em São Paulo em 13 de setembro de 2005.

EDINO KRIEGER

Compositor

Membro do Conselho Estadual de Cultura do RJ e da Academia Brasileira de Música



Uma rua de Hornburg, Alemanha, com casas enxaimel

A LEGITIMIDADE DO ENXAIMEL

MARIA LIGIA FORTES SANCHES

Como o estilo neocolonial, a arquitetura “enxaimel”, comum no sul do Brasil, tem gerado acaloradas discussões sobre sua legitimidade.

Conhecida pelos etruscos, habitantes da península itálica, desde o séc. VI a. C. ou, talvez mais remotamente pelos egípcios ou povos da Mesopotâmia, a milenar técnica enxaimel, totalmente manual, foi desenvolvida de início na área campesina e levada nos sécs. XVI e XVII ao meio urbano. Difundiu-se, no período renascentista, na Normandia e Bretanha, França, e na Alemanha.

Enxaimel ou *enxamel*, significa “enchimento”, nome dado no Brasil para o Fachwerk alemão. Não é estilo arquitetônico como o neocolonial, mas técnica construtiva trazida pelos alemães, no séc. XIX, que ocuparam os Vales do Itajaí, Santa Catarina, e dos Sinos, Rio Grande do Sul, onde se tornou uma das maiores expressões do caráter do povo.

Embora a técnica não fosse utilizada quando os primeiros alemães chegaram ao Brasil, eles a consideravam apropriada, pelo baixo custo, alta resistência e simplicidade construtiva, que permitiam capacitar muitas pessoas como construtores. Alguns proprietários saudosistas importavam materiais e equipamentos da terra natal.

Na região catarinense, o enxaimel está presente em Indaial, Blumenau, São Bento do Sul, Timbó e Pomerode, a “cidade mais alemã do Brasil”, concentrando no bairro Testo Alto o maior número de construções enxaimel fora da Alemanha. Ali criaram a “Rota do Enxaimel”, para visitar essas edificações, tombadas pelo Patrimônio Histórico,

com “o objetivo de buscar elementos que melhor representassem a cultura alemã e a arquitetura enxaimel em harmonia com a paisagem local”, segundo Selma Tronco, no livro *Rota do enxaimel: uma trilha de histórias em Pomerode* (2. ed., Blumenau: Odorizzi, 2010). Ela percorreu a “Rota”, colhendo depoimentos dos moradores, que retratam o enraizamento da cultura germânica no Brasil.

No RS, destacam-se São Leopoldo, primeira colônia alemã do Sul, e os municípios de Ivoni, Dois Irmãos, Picada Café, Santa Maria do Herval, Morro Reuter, Linha Nova, Nova Petrópolis e Gramado. A cidade mais germânica do PR é Marechal Cândido Rondon, encontrando-se exemplares rurais em Rolândia e Cambé.

Apesar da técnica aqui implantada não ser a original, sua relevância se deve à adequação às condições subtropicais em que foi empregada e na representação do modo de vida que contribuiu para a cultura e a identidade locais, integrando-se à cultura brasileira.

O *Fachwerk* se originou do estilo *blockcase* (de ‘block’, bloco + ‘haus’, casa), com paredes maciças de madeira, formadas pela sobreposição horizontal de troncos retos. Tornando-se a madeira insuficiente, com o crescimento populacional, desenvolveu-se nova técnica que exigia menos madeira. Ela substituiu paredes maciças por estrutura de madeira autoportante – *prateleiras*, com fundação com uns 10 m de profundidade e pilares nas arestas do cubo ou prisma – prisma – em função da planta –, encaixados nos vértices, com escoras transversais para estabilidade. As paredes são de filetes de bambu preenchidos com argila,

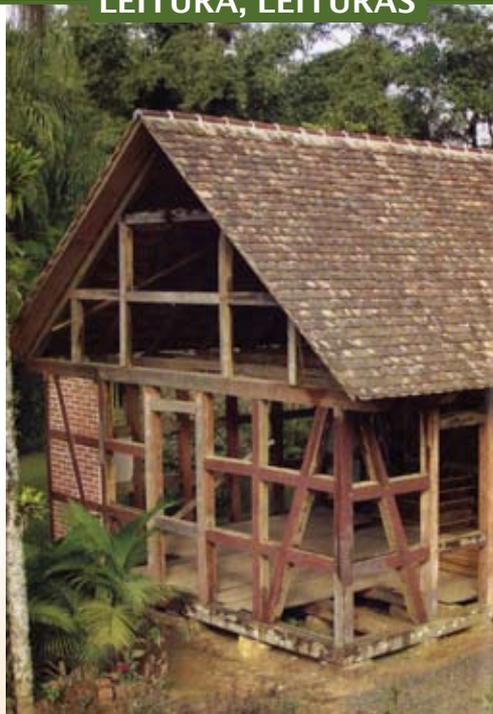
pintados de branco ou com tijolos aparentes, sobrepostos longitudinalmente aos barrotes do piso. A estrutura do telhado é coberta por placas de madeira, substituídas por telhas planas de argila ou de ardósia. Madeiramento esculpido e floreiras trabalhadas se mesclam como decoração. As esquadrias de portas e janelas têm caixilhos vermelhos e folhas verdes, cujas faces externas exibem pinturas de guirlanda de flores.

Na Europa, o gabarito máximo destas edificações é de seis pavimentos; aqui, de três. No imóvel em dois níveis, o térreo destina-se a salas e cozinha, e o superior, a quartos.

A técnica sofreu modificações ao longo da colonização, acompanhando a evolução financeira do colono. No período inicial, a construção tinha caráter provisório, aguardando o preparo do terreno e o início da plantação, e reduzia-se a um único compartimento com cozinha anexa. Com troncos roliços de palmito, a edificação era assentada sobre chão batido e coberta com palmácea.

No segundo período é implementada a técnica do *Fachwerk*. A estrutura de peças de madeira falquejadas a enxó ou a machado – podendo os esteios serem serrados –, pintadas de preto ou castanho-escuro. O entramado de madeira serve de contraventamento nas construções. A vedação das paredes é feita com mistura de barro, capim e estrume de gado, entremeada por treliçada de madeira falquejada, fixado na estrutura principal. As janelas de abrir são de duas folhas de madeira. Como não há chaminé, para minimizar os riscos de incêndio, a cozinha se comunica com o corpo da casa por corredor lateral. No telhado, de acentuada inclinação para suportar e escoar a neve, são utilizadas telhas planas.

O “enxaimel” adaptado ao clima subtropical, surge no terceiro período. As peças estruturais, em geral de canela preta, peroba ou cedro, passam a ser cortadas por serras, movidas a roda d’água, mas as de grandes dimensões con-



Casa Wachholz, a mais antiga de Pomerode - SC (1867), em reforma

Foto: Selma Tronco

tinuam falquejadas. Os barrotes fixados entre si por tornos de madeiras ou sambladuras sem ferragens, exibem a estrutura travejada com encaixes. As fundações em madeira são substituídas por pedra devido à umidade, como na Europa e, em alguns casos, os barrotes-baldrames são de tijolo. Os vãos estruturais são preenchidos com tijolo e argamassa, sem reboco. A casa recebia acréscimos com o aumento da família. Originalmente se compunha de sala, quarto, varanda e cozinha, situada na parte posterior da edificação devido à inserção de chaminé – geralmente de chapa de ferro fundido – junto ao fogão. O banheiro é anexo minúsculo com um buraco na terra. O telhado não tem inclinação superior a 45°, como o europeu, mas torna-se fundamental a incorporação da varanda em direção oposta à cozinha, estendendo-se pela fachada frontal – com guar-

da-corpo em tijolo vazado. Ao gerar área de sombreamento e de proteção das chuvas, assegura o conforto da edificação. O sótão é usado como depósito e, devido ao desconforto térmico, alguns apresentam lanternins ou lucarnas para ventilação e iluminação naturais. As datas destas construções são, geralmente, inscritas sobre a porta principal.

Enquanto a residência é composta por quatro compartimentos, os estabelecimentos comerciais abrangem maior área, reservando a parte posterior para moradia. Entre os poucos edifícios de maior porte, do séc. XX, destacam-se as estações ferroviárias de Blumenau e de Joinville, nas quais há torres para relógios.

Como visto, os exemplares enxaimel do Sul do Brasil apresentam características comuns, em que pese sua diversidade tipológica, resultado de projetos desenvolvidos por arquitetos europeus de passagem e de produções de revistas e publicações europeias.

No meio rural, a arquitetura enxaimel tornou-se dominante e mais autêntica do que nas cidades. Como explica o professor Vilmar Vidor, o enxaimel campesino “se caracteriza como obra de grande efeito plástico, decorrente da exposição de materiais tectônicos, sem nenhuma cobertura, sem adereços, fazendo com que os tijolos, telhas e madeiras brilhem de acordo com a intensidade da luz”, em perfeita interação com o ambiente natural. Na área urbana, a técnica sobressai pelos requintados relevos e detalhes artesanais, sobretudo nos telhados e nos guarda-corpos dos alpendres. Em Blumenau, por exemplo, há uma edificação na rua XV de Novembro, em que o peitoril da sacada, os acabamentos do beiral e do frontão da cumeeira são primorosamente trabalhados em madeira.

Essa diferenciação se percebe, também, no modo de preenchimento dos vãos estruturais. Em SC, a vedação é, geralmente, de tijolo maciço aparente, enquanto no RS há fechamentos com taipa, barro socado e tijolo maciço rebocado.

Tendo em vista a relevância arquitetônica e cultural das construções enxaimel, a partir de 1970



Casa típica em enxaimel, Joinville - SC. Museu Nacional de Imigração e Colonização

foram instituídas leis de incentivos fiscais, por iniciativa das prefeituras municipais.

Lei Complementar sobre as imunidades e isenções tributárias, de Joinville, isenta do IPTU em troca da conservação do “imóvel qualificado na categoria enxaimel”, herança da arquitetura germânica. Isto impulsionou a remodelação das edificações, resultando num tipo equivocado do enxaimel, com predominância do *Fachwerk* alemão. Dificuldades financeiras dos proprietários para preservar as edificações enxaimel inviabilizam a concretização dos anseios da municipalidade.

Blumenau concede, por lei, favores fiscais a casas típicas que forem construídas na área urbana, e beneficia construções recentes que utilizarem a técnica. Mas se a lei atende ao apelo turístico, estimula o surgimento de edificações cenográficas sem valor arquitetônico ou expressão cultural.

Nesse aspecto, as edificações enxaimel se aproximam das neocoloniais: nelas proliferaram “falsa arquitetura”. Ainda que as imitações objetivem o resgate e a preservação da tradição germânica e, no outro caso, o culto à tradição, a maioria das edificações apresenta amálgama de técnica e material que não se coadunam com a identidade arquitetural do enxaimel ou do estilo colonial, tornando-as meras reproduções fachadistas das cidades alemãs e das edificações nacionais do período colonial, respectivamente.

Desse modo, a afirmativa do arquiteto e historiador Paulo Santos de que a legitimidade do estilo colonial se fundamenta “na perfeita ajustagem entre a arquitetura dessas velhas casas e o sistema de vida que elas expressavam”, pode ser estendida à técnica enxaimel.

Na tentativa de imitar a técnica original, as construções enxaimel aplicam chapas de madeira ou pintura de faixas sobre a argamassa, com a intenção de reproduzir as formas geométricas da estrutura. De modo análogo, no estilo neocolonial o arcaço autoportante e rudimentar da casa colonial é substituído pelo de concreto armado, ao qual se aplicam peças de madeira ou revestimentos texturizados, para simular o sistema construtivo original. Nestes casos, as características que dão autenticidade às construções enxaimel e colonial se limitam à representação estética, perdendo seu significado tectônico.

A análise desses parâmetros permite admitir que o dissimulado “resgate da tradição” não se adequa ao contexto contemporâneo. No entanto, é importante ressaltar que a leitura moderna da técnica enxaimel, na qual o conceito estrutural é preservado mas reinterpretado, poderá gerar obras arquitetônicas de eloquente manifestação cultural.



Lojas da Vila Germânica, Blumenau - SC



A ideia de trazer alemães para o Brasil, surgida no contexto da emancipação do Brasil de Portugal, levou D. Pedro I, influenciado por José Bonifácio, a investir na migração para o Sul do país, alvo de disputas territoriais. De um lado, havia razões socioeconômicas, como a formação da classe média rural, a europeização da população brasileira, que se entendia “desvalorizada” pelo número de negros e mestiços, e a necessidade de militarizar as fronteiras para a segurança nacional. Especula-se se a escolha de imigrantes de origem germânica fora reforçada pelo fato de a imperatriz Leopoldina da Áustria ter sangue germânico. De outro, havia o interesse dos imigrantes – em especial alemães – em tentar a sorte em outro país, devido à baixa qualidade de vida, intensificada pelo poder dos latifundiários, e pelo perigo de epidemias, ocasionados pelo inchaço populacional da Europa pós-Revolução Industrial, e porque a Alemanha não possuía colônias para absorver seu excedente demográfico.

A dificuldade dos países europeus em liberarem seus soldados para outros em vias de se emancipar de suas metrópoles, como o Brasil, levou à ideia do recrutamento de voluntários, a pretexto de colonização. Os primeiros alemães que embarcaram sob o título de agricultores chegaram ao Brasil em 1824, destinavam-se a Nova Friburgo/RJ e São Leopoldo/RS, instalando-se em SC somente em 1829. As atividades nos núcleos de colonização consistiam em cuidar da criação e da agricultura de subsistência, empregando-se ocasionalmente na abertura de estradas.

É curioso lembrar que, durante a Segunda Guerra Mundial, quando se iniciou no Brasil o processo de “nacionalização” dos imigrantes, os alemães, temendo represálias, revestiram com reboco as paredes de suas residências, com o objetivo de dissimular os traços arquitetônicos que identificavam sua procedência.

MARIA LIGIA FORTES SANCHES

Arquiteta e Urbanista
Doutora em História PUC-Rio
Professora Associada FAU-UFRJ

Lauro Müller e a construção do porto do Rio

NINA MARIA DE CARVALHO ELIAS RABHA

Em 1902, o paulista Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919), advogado, ex-presidente de província e de estado, deputado, senador e ministro assumiu a Presidência da República. Durante seu governo, realizou amplo programa de obras, desencadeando profundas transformações na fisionomia do Rio de Janeiro, capital do país.

Há tempos idealizavam-se projetos para reconstruir a cidade colonial. Na pauta: o inadequado sistema de circulação urbana, com vias estreitas e tortuosas; a insalubridade decorrente de serviços públicos incompatíveis com o crescimento da população e a arcaica infra-estrutura portuária desarticulada de sua importância para a economia nacional. Havia ainda o temor disseminado nos portos do mundo sobre as endemias que aqui grassavam, justificativa à fuga de passageiros e investimentos para a mais “europeia” cidade da América Latina, Buenos Aires.

A equiparação da capital brasileira aos padrões urbanos internacionais era antigo sonho acalentado por capitalistas e políticos, culturalmente ambientados aos hábitos e costumes europeus.

Rodrigues Alves compartilhava deste sonho. Reconhecia a urgência e o significado de outra simbologia urbana. No governo do Estado de São Paulo, empreendera ações contra a febre amarela e a peste bubônica, além de ter realizado obras públicas e cuidado do saneamento. Candidato a presidência, preparara-se para promover plano mais abrangente. Eleito, em seu primeiro pronunciamento declarou, como plataforma de governo, agir para que a Capital da República não continuasse a ser “sede de vida difícil”, sobretudo quando seu potencial era consolidar-se como o “mais notável centro de atração de braços, de atividades e de capitais nesta parte do mundo.”

Para eliminar os “defeitos” comprometedores do “desenvolvimento nacional”, drásticas intervenções seriam necessárias. O padrão de urbanismo requerido para considerarem o Brasil como nação moderna, inserida no circuito internacional, deveria garantir “salubridade”, com “urgentes melhoramentos materiais”.

O foco das transformações centrou-se na operação portuária, “base do sistema”, obra que melhoraria “as condições do trabalho, as do comércio, e o que não

Foto: Jorge Kfuri



Porto do Rio de Janeiro e Avenida Central. Serviço de Documentação da Marinha. In Rio de Janeiro: Imagens da aviação naval, 1916-1923. Argumento Ed., 2001

deve ser esquecido as da arrecadação de nossas rendas”.

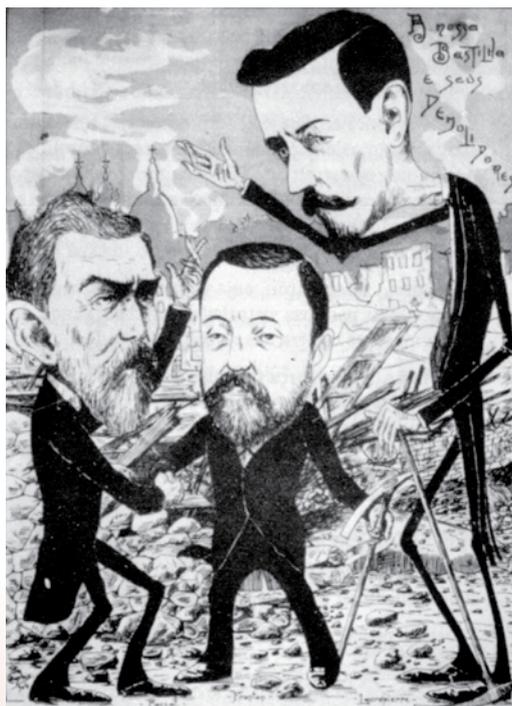
O ambiente mais favorável, decorrente da estabilização e saneamento das finanças nacionais, respaldou-se na intenção do presidente, ou em expressão atual, sua enorme “vontade política” para concretizar em quatro anos tão ambicioso programa. Ainda que polêmico e sujeito a críticas, a magnitude das obras efetuadas revela a habilidade administrativa de Rodrigues Alves na montagem de equipe de notáveis, destacados por qualidades profissionais, responsáveis por reconstruir a capital e, como decorrência, um novo conceito de nação, inserida no século XX. O acerto das escolhas consagrou nomes como José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, o engenheiro Francisco Pereira Passos, nomeado prefeito da capital, o médico e cientista Osvaldo Cruz, diretor geral da Saúde Pública, assim como Paulo de Frontin, engenheiro responsável pela construção da Avenida Central, hoje Rio Branco.

Cumprir, entretanto, resgatar um dos baluartes da equipe: Lauro Severiano Müller, ministro da Viação, Indústria e Obras Públicas, responsável pelas obras federais na capital e gestor de seus amplos recursos.

Lauro Severiano Müller (1864-1926) natural de Santa Catarina, ingressou na Escola Militar (1885) no Rio de Janeiro, formou-se engenheiro militar e iniciou carreira política. Como republicano de primeira hora, foi nomeado governador provisório de SC, após o 15 de novembro de 1889, exercendo até a morte, forte domínio na política local. Deputado, senador, presidente de Estado, ministro por duas vezes, poderia ter sido sucessor de Rodrigues Alves por seu desempenho na administração pública.

Müller mesclava sua habilidade política e administrativa ao conhecimento técnico da engenharia para transformar o porto e a cidade do Rio num imenso canteiro de obras. Merece registro a eficiência demonstrada para articular, com incrível rapidez, inúmeras decisões, necessárias em distintas áreas administrativas, legais, financeiras e, sobretudo, técnicas. Em apenas um ano prepararam-se medidas que garantiram recursos às futuras obras, encamparam-se concessões destinadas à construção do porto do Rio, alteraram-se a lei de desapropriações em vigor, aprovaram-se o projeto, plantas e orçamentos para o porto, contrataram-se obras e definiram-se equipes e frentes de trabalho para atuar simultânea e complementarmente.

Como engenheiro e ministro foi notável a participação de Lauro Müller no processo. “Fazendo en-



A queda da nossa Bastilha: Passos, Frontin e Müller. In *O Malho*, 16-07-1904

genharia”, presidiu a Comissão que definiu os elementos técnicos do projeto do porto, aprovado em 1903. Foi ele quem decidiu incluir no programa de obras portuárias largas avenidas destinadas à melhoria das conexões-viárias, visando concretizar as metas de governo em prol do saneamento e da salubridade da cidade.

A dimensão, a complexidade e a logística para realizar tais intervenções urbanas ao início do século XX na cidade do Rio de Janeiro ainda hoje impressionam. Além disso, a organização dos trabalhos revela modelagem administrativa sofisticada e moderna, dotando de autonomia e delegando competências para comissões de obras do porto e da Avenida Rio Branco, uma formidável inovação.

Em que pese o destaque aos executores de tais obras, é

impossível esquecer a importância de Lauro Müller como administrador de visão e de palavra, sobretudo quando é lembrada uma de suas frases, no Senado, em 1901: “Para sanear o Rio de Janeiro, vale a pena ser-se ministro. (...) Quem fizer isto (...) há de ser muito acusado, mas pode escolher a praça, onde quer que fique sua estátua”. Ainda que não tenha busto em praça pública do Rio, as obras do porto lhe serviram de lastro para outras honrarias em sua brilhante carreira militar e política.

Sucessor de Rio Branco como ministro das Relações Exteriores entre 1912-17, não foram poucos os desafios enfrentados na condução da política externa do país em função da I Grande Guerra, quando sua ascendência alemã era utilizada para difamá-lo devido à inicial neutralidade brasileira no conflito. Aos seus críticos, renunciando ao ministério, apresentou-se o general do exército brasileiro, “à disposição das autoridades” para participar de todas as missões decorrentes da posição tomada pelo país ao abandonar sua neutralidade e declarar guerra à Alemanha.

Destaque-se, ainda, seu fino humor. Em biografia de Rodrigues Alves, Afonso Arinos de Melo Franco relata que, eleito em 1912 para a vaga de Rio Branco na Academia Brasileira de Letras, ao lhe perguntarem que obras justificariam a indicação, respondera com malícia o senador catarinense: “As obras do porto”.

NINA MARIA DE CARVALHO ELIAS RABHA

Arquiteta e Urbanista

Doutora em Geografia pela UFRJ

Autora, entre outros, de *Porto do Rio de Janeiro - construindo a modernidade*, com Augusto Ivan de F. Pinheiro (Andréa Jakobsson, 2004)

A presença alemã no desenvolvimento brasileiro

CARLOS LESSA

A presença e a influência alemã são multiformes ao longo dos dois séculos de formação nacional brasileira. Pelo menos um dos presidentes da república, Ernesto Geisel, era de descendência direta da antiga colonização alemã no Rio Grande do Sul. Este artigo trata da contribuição alemã ao desenvolvimento das forças produtivas no Brasil.

Em primeiro lugar, é preciso destacar seu peso demográfico. É corrente a estimativa de que são 18 milhões de descendentes de alemães, praticamente 10% da população brasileira. Há extensa rede de cidades instaladas ou reforçadas pela presença alemã. Os primeiros colonos alemães no Brasil chegaram na década de 1820. Na província do Rio de Janeiro foram para Nova Friburgo, usando seus próprios recursos financeiros. Quatro anos depois, mesmo sem os subsídios oficiais recebidos pelos suíços de D. João VI, já os superavam economicamente. No setor industrial da cidade ainda subsistem empresas criadas por alemães.

O início da penetração na Região Sul se deu em 1824, nas cercanias da cidade de São Leopoldo, RS. Em Santo Amaro, SP, eles chegaram em 1828.

Até 1940, foi permanente a imigração alemã para o Brasil. No Rio Grande do Sul, surgiram Santa Cruz, Novo Hamburgo, Colônia de Santo Ângelo (atual cidade de Agudo) Três Forquilhas e outras. A região do Vale dos Sinos também foi densamente ocupada por migrantes alemães. Em Santa Catarina, a cidades de Blumenau e Joinville têm a mesma matriz. No Paraná, Castro, Rolândia, Cambé. Em Curitiba ainda há bairros com antiga arquitetura colonial alemã.

Foi decisiva a presença alemã no desenvolvimento de Juiz de Fora, MG, a partir de 1856, quando chegaram para trabalhar como colonos



A centenária Usina Hans, 1911, fornecia eletricidade a fábricas de N. Friburgo - RJ

ou nos empreendimentos da Companhia União e Indústria, que esteve na vanguarda da industrialização brasileira. Muitos alemães com ofícios de sapateiro, alfaiate, carpinteiro, pedreiro, padeiro, relojoeiro, marceneiro, ferreiro, funileiro, serralheiro criaram prósperos empreendimentos. Chegou a haver ali nove cervejarias e cinco delas, criaram, ao lado de suas fábricas, montaram parque de diversões, salões para bailes, jogos e encontros familiares.

O primeiro traço a sublinhar a influência econômico-social alemã foi a formação de colônias de pequenos produtores rurais, utilizando a força de trabalho familiar. Este tipo de ocupação de terra gera vilas e tem magnos desdobramentos. Artesãos se instalam e, em muitos casos, são o embrião de organizações industriais. As famílias de pequenos produtores, quando bem-sucedidas, se desdobram em criar atividades para seus filhos.

Os alemães foram notórios desbravadores de novas frentes agrícolas. A presença de gaúchos atravessa todo o Centro-Oeste e chega à ocupação de zonas do Acre e do Rio Branco. Entretanto, a forma de ocupação da terra que, nos Estados Unidos, gerou mercado de trabalho interno valorizador do salário – pois deslocar mão de obra para a indústria exigia bom salário – , no Brasil do século XIX, com o escravagismo e a grande propriedade agrícola cafeeira, não imprimiu dinamismo ao mercado.

Mesmo enfrentando as restrições de uma economia voltada para a atividade primária expor-



Brahma, uma das empresas integrantes do grupo Ambev



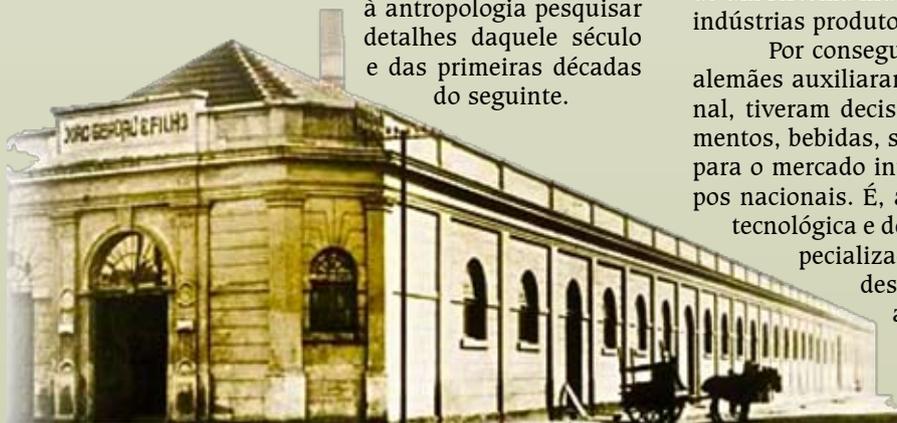
A Marcopolo, desde 1949, produziu mais de 200 mil ônibus



Produto da Karsten, sucessora da tecelagem Roeder, Karsten & Hadlich, de 1882

tadora e, em termos relativos, com limitado mercado interno, é impressionante a sementeira de pequenas indústrias derivadas de iniciativas de germano-brasileiros. Algumas delas evoluíram e deram origem a grandes empresas no Brasil. A Ambev, gerada por diversas incorporações de inúmeras pequenas cervejarias de origem alemã nos séculos XIX e XX, expressa a introdução e a ascensão da cerveja no cotidiano do país, ganhando dimensões de empresa não brasileira, a partir de sua fusão com um grupo belga.

Norberto Odebrecht, brasileiro filho de um alemão, formado engenheiro na Bahia, fundou a construtora que é a maior empresa de construção civil do Brasil com significativos reflexos no exterior. No comércio do livro e na edição, a família Laemmert teve êxito já no século XIX e publicou um almanaque que permite à antropologia pesquisar detalhes daquele século e das primeiras décadas do seguinte.



Primeira fábrica da Gerdau

A fabricação de ônibus é uma especialidade da Marcopolo (Caxias do Sul – RS), líder mundial em carrocerias. A Tramontina, especializada em ferramentas e utilidades domésticas, tem a assinatura de seus fundadores germano-brasileiros. A porcelana fina, de origem de família de Pomerode (SC), os Schmidt, hoje um dos maiores fabricantes mundiais, opera o maior forno especializado do mundo. A centenária Karsten e a cinquentenária Buddemeyer, catarinenses do ramo da tecelagem, produzindo roupa de cama, banho, e mesa (a primeira), expandiram-se para o mercado internacional. Há também a gesta da família Gerdau. Em 1869, chega ao Rio Grande do Sul, oriundo da Prússia, Johannes Heinrich Kaspar Gerdau. Seus descendentes criaram um gigante, o Grupo Gerdau, que, a partir da Siderúrgica Riograndense, evoluiu para o complexo siderúrgico que se desdobra além das empresas no Brasil, pelos Estados Unidos, Canadá, Peru, Espanha, Venezuela, Uruguai, Colômbia, México etc.

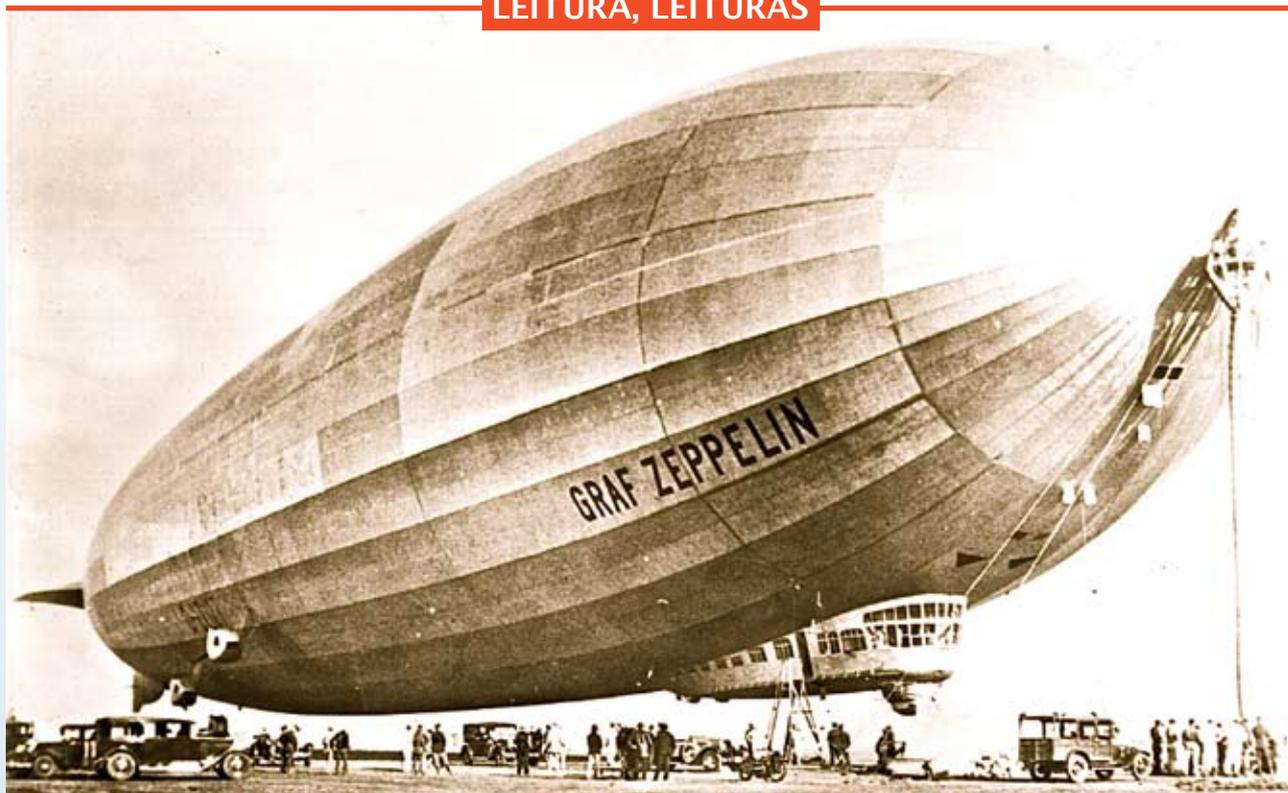
Desde o início da industrialização, o Brasil acolheu filiais de empresas alemãs. A Grande São Paulo abriga a maior concentração delas: cerca de 800 filiais das 1200 instaladas no país ali estão sediadas. A atuação da Volkswagen e da Mercedes Benz, no salto industrial dos tempos de JK, foi decisiva para a aceitação de índices progressivos de nacionalização em peso das autopeças. Inicialmente, as norte-americanas Ford e General Motors pretendiam circunscrever sua atuação aqui à simples montagem de veículos. Entretanto, a firme atuação do governo brasileiro, no tocante à nacionalização das peças automotivas, foi a chave da política de industrialização voltada para o mercado interno e com o horizonte de desejos de salto tecnológico e da montagem de um sistema industrial integrado, com a presença das indústrias produtoras de máquinas e equipamentos.

Por conseguinte, os brasileiros com ascendentes alemães auxiliaram a consolidação do território nacional, tiveram decisiva importância na produção de alimentos, bebidas, semimanufaturados e manufaturados para o mercado interno e deram origem a grandes grupos nacionais. É, assim, inquestionável a contribuição tecnológica e de aperfeiçoamento de mão de obra especializada que foram subprodutos relevantes desta instalação em massa de empresas alemãs e de filiais delas no Brasil.

CARLOS LESSA

Economista

Professor Emérito e ex-Reitor da UFRJ



Graf Zeppelin, observando-se a gôndola que abrigava passageiros e tripulantes, 1929

ZEPPELINS

A era dos grandes dirigíveis

DANIEL HENRIQUE DOS REIS

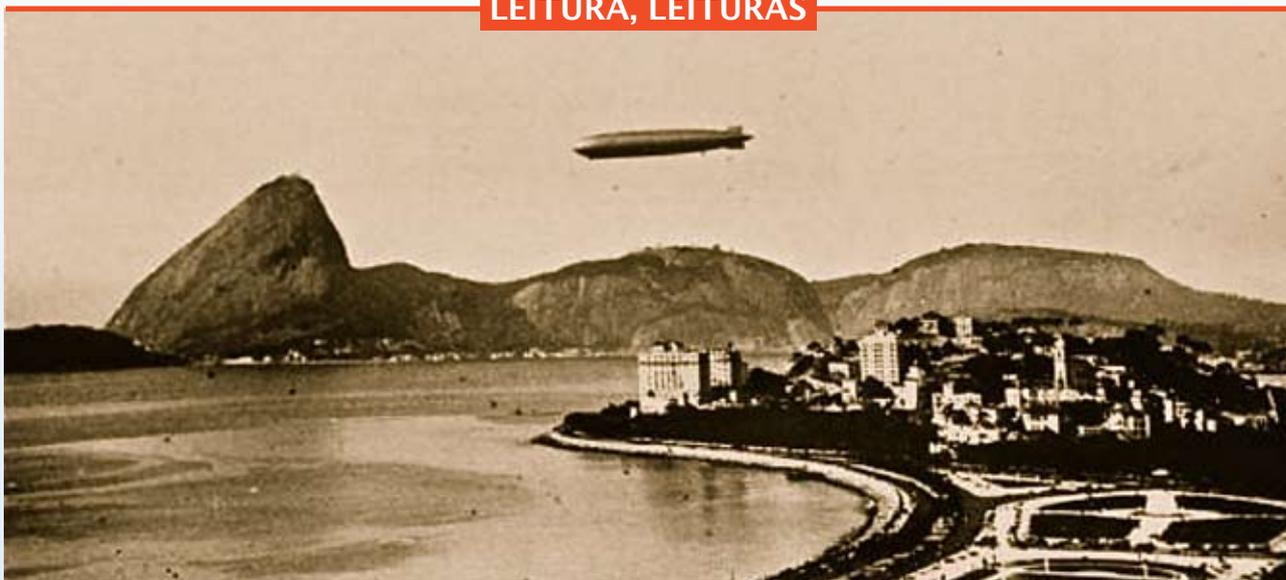
A ideia do transporte aéreo de passageiros em grandes balões é antiga. O conde alemão Ferdinand von Zeppelin em seu diário, datado de 25 de abril de 1874, já se referia à construção de balões dirigíveis para o transporte de passageiros. Entretanto, apesar das muitas tentativas de vários inventores, os balões somente se tornaram dirigíveis por intermédio do brasileiro Alberto Santos-Dumont que, em 20/9/1898, conseguiu manobrar com êxito o seu dirigível *N.º 1* nos céus da França. Mais tarde, mesmo com o sucesso obtido com o dirigível *N.º 6*, em 19/10/1901, quando ganhou o Prêmio *Deutsch de la Meurthe* por ter contornado a Torre Eiffel em menos de trinta minutos, Santos-Dumont abandonou o desenvolvimento dos balões dirigíveis para se dedicar aos estudos que culminaram com a invenção do avião.

Contudo, os dirigíveis não foram esquecidos. Na Alemanha, o Conde Zeppelin construiu, com êxito, o primeiro balão dirigível de estrutura rígida da história, o *LZ-1*, que fez o seu primeiro voo em 2/7/1900. Após quase uma década de fracassos e sucessos surgiram a Fundação Zeppelin, que englobava várias fábricas voltadas para a construção de dirigíveis, e

a primeira companhia de transporte aéreo do mundo, a Deutsche Luftschiffarts A.G. – DELAG, fundada em 16/11/1909. A companhia operou seus dirigíveis sem problemas, fazendo a ligação aérea entre várias cidades alemãs (Friedrickshafen, Baden-Baden, Frankfurt, Dusseldorf, Leipzig, etc.) até o começo da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

Iniciado o conflito mundial, a DELAG encerrou suas atividades e cedeu seus nove dirigíveis à Divisão de Aeronaves do Exército Alemão. A guerra promoveu a grande evolução técnica dos dirigíveis rígidos que seriam utilizados no transporte de passageiros nas décadas de 1920/30. Essa nova fase de desenvolvimento dos dirigíveis rígidos alemães não contou com a presença do Conde Zeppelin, falecido em 1917.

Terminada a guerra, 1918, a Fundação Zeppelin ficou sob o comando do Doutor Hugo Eckener – braço direito do Conde desde os tempos do *LZ-1*. Na época a empresa enfrentou sérias dificuldades financeiras, devido às restrições impostas à Alemanha (derrotada) pelo Tratado de Versalhes, chegando a ter todos os dirigíveis comerciais confiscados pelos países aliados. Contudo, manobras políticas do Doutor



Graf Zeppelin sobrevoa a Baía da Guanabara, 1930



Graf Zeppelin visto de Niterói, 1930

Um balão sobe por possuir cavidade preenchida com gás de menor densidade que o ar atmosférico, seja ar quente, ou gases como hélio ou hidrogênio. O empuxo para cima, sendo maior que o peso do envoltório e da carga, o faz flutuar na atmosfera.

O Brasil tem longa relação com os balões, desde Bartolomeu de Gusmão, jesuíta nascido em Santos/SP, que criou o primeiro – a *Passarola*. Seu pequeno balão de ar quente subiu aos céus, maravilhando a corte portuguesa em 5/8/1709 e o Núncio Apostólico, futuro papa Inocêncio XIII, em Lisboa.

Em 1783, os irmãos franceses Jacques e Joseph Montgolfier construíram um balão de linho, usando o sistema do padre. Aquecido por uma fogueira, subiu 300m, voou 10 minutos e percorreu 3 km.

A dirigibilidade dos balões foi resolvida oficialmente por Santos-Dumont em 1901, quando o brasileiro contornou a Torre Eiffel.

Outros brasileiros ilustres também fizeram experiências com balões. O paraense Júlio César Ribeiro de Sousa (1843-87), professor, poeta, jornalista, ex-diretor da Biblioteca Pública do Pará, que fez voos públicos em Paris, em 8 e 12/11/1881. E o maranhense Augusto Severo de Albuquerque Maranhão (1864-1902), professor, político e jornalista que, em 1901, mandou construir o dirigível *Pax*, cujos ensaios ocorreram em 4 e 7/5/1902. Em 12/5/1902 o *Pax* explodiu, matando Augusto Severo e seu mecânico Sachet.

Eckener, conseguiram contrato para a construção de um grande dirigível rígido, o *LZ-126 Los Angeles*, para a Marinha dos Estados Unidos. Esse contrato salvou a companhia da falência e lhe resgatou a credibilidade internacional. O êxito do *LZ-126* – que cruzou o Atlântico Norte em 12/10/1924 – motivou a construção de um novo dirigível de maiores dimensões, o *LZ-127 Graf Zeppelin*. Este cruzou o Atlântico várias vezes, deu a volta ao mundo e sobrevoou o Polo Norte. O *Graf Zeppelin* foi o dirigível alemão de maior sucesso. Ele esteve no Brasil pela primeira vez em 1930, pousando em Recife no dia 22 de maio para reabastecimento de gás. Chegou ao Rio de Janeiro em 24 e teve que aguardar no ar o amanhecer de 25, domingo, para pousar no aeródromo militar do Campo dos Afonsos.

O Brasil fazia parte da estratégia alemã de implantação e exploração de rotas aéreas no Cone Sul. Para isso, a Companhia Zeppelin firmou acordo com o governo de Getúlio Vargas (1930-45), para a construção de um gigantesco hangar para abrigar dirigíveis, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, inaugurando-o em 26/12/1936. Entretanto, desde 31/03/1934, o *Graf Zeppelin* já operava oficialmente uma linha aérea regular entre o Brasil e a Alemanha. Em março de 1936, o novo dirigível *Hindenburg* que, segundo o Doutor Eckener destinava-se principalmente à rota da América do Sul, fez a viagem inaugural para o Rio, mostrando a importância estratégica dessa rota em detrimento dos voos para os Estados Unidos.

As viagens internacionais de dirigíveis encerraram-se em 6/5/1937, quando uma descarga de eletricidade estática (versão oficial) destruiu completamente o *Hindenburg* durante as manobras de aterrissagem em Lakehurst, EUA. Esse acidente pôs fim à era dos grandes dirigíveis rígidos alemães.

DANIEL HENRIQUE DOS REIS

Graduado em História / UERJ

Historiador Aeronáutico do Museu Aeroespacial



Desfile na Oktoberfest 2010

A OKTOBERFEST DE BLUMENAU

A FESTA

A Oktoberfest de Blumenau ostenta um número admirável: em suas 26 edições reuniu mais de 17 milhões de pessoas nos pavilhões do Parque Vila Germânica. Isto significa que um público superior a 700 mil pessoas, em média, por ano, participou da festa desde a sua criação, em 1984. O segredo para este sucesso é simples. A Oktoberfest de Blumenau é um produto que se mantém autêntico, preservando as tradições alemãs trazidas pelos colonizadores há 160 anos. E são as belezas desses traços que conquistaram o país inteiro. Consagrada como a segunda maior festa alemã das Américas, a Oktoberfest vai muito além do prazer de uma bebida gelada. É confraternização de gente de todas as partes. E ela nasceu inspirada na maior festa do chope do mundo, a Oktoberfest de Munique, Alemanha, que deu seus primeiros passos em 1810, no casamento do Rei Luis I da Baviera com a Princesa Tereza da Saxônia.

Em Blumenau, a Oktoberfest está na alma do povo, faz parte da história de cada um. Por isso outubro é um mês especial. São 18 dias de festa, em que os blumenauenses se integram com visitantes de todo o Brasil e do exterior. E não há quem não se encante



com os desfiles, com a participação dos clubes de caça e tiro ou com a apresentação dos grupos folclóricos. À noite, é nos pavilhões do Parque Vila Germânica que todos se encontram e fazem da Oktoberfest um acontecimento incomparável.

Todas as tradições alemãs afloram na sua máxima expressão, através da música, da dança, dos belos trajes, da refinada culinária típica e do saboroso chope. A cordialidade do povo, a paz e a beleza da cidade também tornam a festa inesquecível.

HISTÓRIA

A Oktoberfest teve sua primeira edição em 1984 e logo demonstrou que seria um evento para entrar na história. Em apenas 10 dias de festa, nesse ano, 102 mil pessoas foram ao pavilhão da Proeb – Fundação Promotora de Exposições de Blumenau, número que na ocasião representava mais da metade da população da cidade. O consumo de chope foi de quase um litro por pessoa. No ano seguinte, a festa despertou o interesse de comunidades vizinhas e de outras cidades do país. O evento passou, então, a ser realizado em dois pavilhões. O sucesso da Oktoberfest consolidou-se na terceira edição e tornou-se necessária a construção de

mais um pavilhão e a utilização do ginásio de esportes Sebastião da Cruz – o Galegão – para abrigar os turistas vindos de várias partes do Brasil, principalmente da região Sudeste, e também de países vizinhos. O evento acabou fazendo de Blumenau o principal destino turístico de Santa Catarina no mês de outubro.

Mas, para quem não sabe, a *Oktoberfest* não é só cerveja. É folclore, é memória, é tradição. Durante 18 dias de festa os blumenauenses mostram para todo o Brasil a sua riqueza cultural, revelada pelo amor à música, à dança e à gastronomia típicas, que preservam os costumes dos antepassados vindos da Alemanha para formar colônias na região Sul. A cultura germânica o turista confere pela qualidade da festa, dos serviços oferecidos, através de sociedades esportivas,

recreativas e culturais, dos clubes de caça e tiro e dos grupos de danças folclóricas. Todos eles dão um colorido especial ao evento, nas apresentações, nos desfiles pelo centro da cidade e nos pavilhões da festa, por onde circulam, animando os turistas e ostentando, orgulhosos, os seus trajes típicos. É por essa característica que a festa blumenauense, versão consagrada da *Oktoberfest* de Munique, transformouse, a partir de 1988, numa promoção que reúne mais de 700 mil pessoas. E foi, também, a partir dela que outras festas surgiram em Santa Catarina, tendo a promoção de



Foto: Marcelo Martins

Foto: Divulgação



Gastronomia alemã, presença indispensável na festa

Vila Germânica. Oktoberfest 2010

Blumenau como carro-chefe, fato que acabou por tornar o território catarinense caminho preferido dos turistas no mês de outubro.

A *Oktoberfest* de Blumenau, que em apenas uma década se tornou uma das festas mais populares do Brasil, foi inspirada na festa homônima alemã, que teve origem há 192 anos em Munique. Tudo começou em 12 de outubro de 1810, quando o Rei Luis I, mais

tarde Rei da Baviera, casou-se com a Princesa Tereza da Saxônia e, para festejar o enlace, organizou uma corrida de cavalos. O sucesso foi tanto, que a festa passou a ser realizada todos os anos com a participação do povo da região. Em homenagem à princesa, o local foi batizado com o nome de Gramado de Tereza. A festa ganhou uma nova dimensão em 1840, quando chegou a Munique o primeiro trem transportando visitantes para o evento. Passaram a ser montadas barracas e promovidas várias atrações. Neste local apareceram também os primeiros fotógrafos alemães, que ali encontraram excelente ambiente para fazerem suas exposições. A cerveja,

proibida nos primeiros anos, só começaria a ser servida em 1918. Logo depois, os caricaturistas já retratavam a luta pelos copos cheios de cerveja e, pela primeira vez, pôde-se apreciar nas telas dos cinemas a festa das mil atrações. Por consequência das guerras e pela epidemia de cólera, a *Oktoberfest* deixou de realizar-se 25 vezes. De 1945 até hoje, aconteceu ininterruptamente. Atualmente, a *Oktoberfest* de Munique recebe um público anual de quase 10 milhões de pessoas. O consumo de cerveja chega a 7 milhões de litros.

In Brasil de Mochila – O Portal dos Mochileiros
Fontes: Secretaria de Turismo de Santa Catarina
Parque Vila Germânica
www.oktoberfestblumenau.com.br

Foto: Marcelo Martins



Realeza para a Oktoberfest 2011

Restaurantes e bares alemães no Rio de Janeiro

ALEXEI BUENO

A relação entre o carioca e as culinárias nacionais é no mínimo curiosa. Quantas cidades de seis milhões de habitantes, no mundo, não possuem um único restaurante grego, e apenas um indiano? A verdade é que, sem haver recebido a múltipla e maciça carga imigratória de São Paulo, há culinárias que *pegam* no Rio de Janeiro, e outras não. Pondo de lado as cozinhas portuguesa e francesa, por motivos óbvios, é inegável que a japonesa, tão distante da nossa, *pegou*, assim como a sírio-libanesa – esta ligada a uma colônia importante –, a italiana, também unida a uma imigração significativa, e a alemã, com um contingente bem menor por estas plagas. Se uma das colônias mais numerosas do Rio de Janeiro oitocentista foi a inglesa, aí entramos no terreno do *fish and chips*, ou da não-culinária, que, por isso mesmo, não deixou rastros...

A culinária alemã, sem qualquer dúvida, entrou em nossos hábitos, com seus inumeráveis enchidos de porco, seu repolho e muita cerveja, bebida que avassalou o Brasil, e que aqui começou a ser fabricada, correndo o monopólio do vinho português, lá pela época da Regência, ao que tudo indica na Rua do Riachuelo, então caminho de Mata Cavalos, de acordo com velhos anúncios encontrados no *Jornal do Commercio* e outros periódicos coevos. Tal fato é de grande importância, pois não se imagina a implantação do hábito da comida alemã sem o hábito da cerveja.

De fato, no *Jornal do Commercio* de 26 de outubro de 1836 pode-se ler:

Vende-se na Rua de Mata Cavalos, n. 92, e Rua Direita, n. 86, a Cerveja Brasileira acolhida favoravelmente e muito procurada. Essa saudável bebida reúne a barateza e um sabor agradável à propriedade de conservar-se muito tempo, qualidades estas que serão mais apreciadas à medida que o uso da dita cerveja se tornar mais geral. Compram-se as garrafas vazias a 60 réis cada uma.



O centenário Bar Luiz, hoje na Rua da Carioca, 39

O decano da categoria, como todos sabem, é o Bar Luiz, o mais antigo em funcionamento na cidade, mas não o mais antigo no mesmo imóvel. Foi fundado originalmente na Rua da Assembléia, 102, a 3 de janeiro de 1887, com o nome de *Zum Schlauch* – “a mangueira”, em alemão, referindo-se à serpentina para o chope – pelo petropolitano filho de suíços Jacob Wendling. Em 1901 o bar se mudou para outra casa, a de número 103, na mesma rua, com o nome de *Zum Alten Jacob* – Ao Velho Jacob – em homenagem a seu fundador, sendo dirigido a partir de então por seu afilhado Adolf Rumjaneck. Em 1915, sete anos após o retorno do velho Jacob para a Suíça, uma das sempre inúteis leis de defesa do vernáculo determinou o apertuguesamento do nome do estabelecimento, que passou a se chamar Bar Adolf. Seu nome popular era “Braço de Ferro”, pois em suas mesas se praticava a famosa queda de braço, na qual, aliás, o proprietário se distinguia.

Adolf Rumjaneck morreu em 1926, ficando o bar com sua filha Gertrud e seu ex-sócio, o austríaco Ludwig Vöit. Mudou-se então para a sua sede atual, na Rua da Carioca – continuação natural da Rua da Assembléia – número 39, uma das casas de aluguel da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência que ocupam boa parte do lado direito da via. No início da década de 1940, com os trágicos torpedeamentos de nossos navios mercantes pelos submarinos alemães, o Bar Adolf, que tinha a duvidosa honra de estampar o nome do *Führer*,

Fotos: J. W. Freire



Bar Lagoa, aberto em 1934, conserva o interior em art déco



quase foi empastelado por estudantes do Colégio Pedro II, acalmados, reza a história, pelo grande Ary Barroso. Sem mais delongas Ludwig Vöit substituiu o nome do segundo proprietário pelo nome aporuguesado do terceiro, ele mesmo, nascendo assim o Bar Luiz.

Situado na última das casas da carreira de imóveis da Ordem Terceira, sua fachada foi alterada do neoclássico de todas as outras para um característico *art déco* que se mantém até hoje. Em 1955 Luiz Vöit saiu do negócio, que ficou nas mãos de Gertrud Rumjaneck e seu marido Alfons Kurowsky. Após a morte do casal, o bar passou para seu filho, Bruno Kurowsky, e, com a sua morte, para as mãos de sua viúva, Rosana Santos, a atual proprietária. Esta é a história resumida do mais velho bar alemão e mais velho bar *tout court* do Rio de Janeiro.

Se a casa onde funciona o Bar Luiz é tombada pelo INEPAC, como toda a Rua da Carioca – da qual o prefeito Marcos Tamoio pretendia arrasar inteiramente o lado direito, em 1977, para “abrir vista” para a lateral da Ordem Terceira – o Bar Lagoa, segundo da nossa seleção, foi tombado pelo antigo DGPC da Prefeitura. Aberto em 1934, num pequeno prédio projetado pelo engenheiro e pintor Eugênio de Proença Sigaud defronte da Lagoa Rodrigo de Freitas, chamava-se Bar Berlím, nome mudado às pressas pelo mesmíssimo motivo que acabou com o Bar Adolf, com a diferença de que o Bar Berlím foi empastelado de fato. Seu interior é de um admirável *art déco*, com silhares de mármore de Carrara, belas luminárias e um balcão para músicos que é uma relíquia de época. O excelente chope e a excelente comida convivem com uma exagerada fama de mau humor dos garçons, geralmente entrados em anos, flagrante injustiça com os de tantos outros estabelecimentos.

Para prosseguir sem dar um salto para estabelecimentos muito mais recentes, é preciso citar agora o Bar Brasil, que tem o privilégio de ter uma planta em L com duas entradas respectivamente para a Avenida Mem de Sá e a Rua do Lavradio. Como os outros dois bares – como quase todos os restaurantes e bares alemães fundados antes da Guerra – teve de mudar de nome às pressas, pois se chamava Bar Zepellin, fundado por um grupo de austríacos em 1907. Sessenta anos depois passou para as mãos do atual proprietário, um espanhol, embora tenha mantido a especialidade. Numa terra onde alguns dos melhores *sommeliers* e *sushimen* são

cearenses, não se estranha que um espanhol comande uma casa alemã. Apesar de ser tratado como *terra sacra* pelos boêmios, a decadência culinária e mesmo física desse restaurante da Lapa é inegável, em contraste com o que acontece a sua volta. Salva-se o chope, mas nem só de pão vive o homem.

Ainda de antes da Guerra, 1935, é o restaurante Ernesto, fundado por Ernest Nehler e sua mulher Martha, antigos gerentes de um restaurante em Frankfurt. Após funcionar nas ruas Teófilo Otoni – tradicional logradouro de casas de pasto teutônicas no Rio –, Miguel Couto, Buenos Aires e Rosário, encontra-se hoje no belo e degradado Largo da Lapa.

Já que falamos na Rua Teófilo Otoni, nela por muitos anos funcionou o restaurante Ficha – estanho nome – de culinária alemã. Ao fechar, parte do seu *staff* abriu, na mesma rua, o Faria, uma das poucas casas em que se pode comer o magnífico *Labskaus*, especialidade dos marujos de Hamburgo, Bremen ou Lübeck, pouco conhecida entre nós.

Saltando no tempo e no espaço, há que falar da excelente Adega do Pimenta, em Santa Teresa, fundada em 1984 pelo alemão Holf Pfeffer – “pimenta” em alemão – que, sem motivos bélicos, aporuguesou seu nome para com ele batizar o estabelecimento. Após a morte de Pfeffer, em 1992, o bar passou para as mãos de um antigo freuguês, William Guedes, que o conduz com competente presença. Notável no Pimenta era a variedade de aguardentes europeias, estoque que precisa e merece ser atualizado. Há poucas semanas, aliás, a Adega do Pimenta abriu uma filial na Praça Tiradentes, numa das casa mais velhas do Centro, brilhantemente restaurada.

E já que estamos em Santa Teresa e o espaço se extingue, merece elogiosa menção o ótimo restaurante Mike’s Haus, fundado por Mike Wanke, natural da Bavária, no ano 2000, quase em frente ao belo Castelo do Valentim, na mesma Montmartre carioca. É evidente que o pequeno número de estabelecimentos aqui citados é uma seleção sempre com algo de injusto e aleatório, do que já me penitencio. Fora isso, creio que o autor ideal para escrever este artigo seria o meu grande amigo Guilherme Studart, não eu, *gourmet* amador e bebedor profissional.

ALEXEI BUENO
Poeta e ensaísta



DUAS VIAGENS AO BRASIL

O mercenário e arcabuzeiro Hans Staden (c.1524 - c.1576) nasceu em Homberg, hoje Alemanha, viajou duas vezes ao recém-descoberto Brasil. Na primeira viagem, 1549, passou por Pernambuco e Paraíba; em 1550, chegou à ilha de Santa Catarina, indo depois para a capitania de São Vicente, no litoral

sul do atual estado de São Paulo. Nesta segunda viagem, como viera num navio espanhol, foi preso pelo governador-geral, o português Tomé de Sousa, e depois capturado pelos índios tamoios, aliados dos franceses e inimigos dos tupiniquins e dos portugueses. Considerado *pero* – português para os índios, jovem Staden viveu mil peripécias para con-

tar o que viu e viveu: paisagens virgens, riquezas inexploradas e a prática ritual do canibalismo, da qual por muito pouco não foi vítima.

O livro foi publicado em Marburgo, Alemanha, 1557, ilustrado com xilogravuras de autor anônimo, reproduzidas na atual edição, que representavam as descrições feitas por Staden. Imediatamente, o livro se tornou sucesso de vendas na Europa, traduzido para o latim, holandês, flamengo, inglês e francês, publicadas em 70 edições até o séc. XVIII. Seria a obra uma acurada e impressionante descrição do banquete antropofágico praticado pelos Tupi?

O livro de Staden é uma das primeiríssimas “reportagens” sobre os povos que viviam no que viria a ser o Brasil, um eletrizante relato feito por “um estrangeiro em um mundo estranho”, como diz Eduardo Bueno no prefácio. Com estilo coloquial e direto, o livro se torna referência necessária a quem pretende conhecer os primórdios da cultura brasileira. A tradução é de Angel Bojadsen, e a publicação da Ed. LP&M, em formato de bolso.

www.lpm.com.br

Sarewa: uma viagem com a Expedição Langsdorff

Em *Sarewa: uma viagem com a Expedição Langsdorff*, de Nereide Schilaro Santa Rosa, Ed. Pinakotheke, o jovem indígena Sarewa – personagem fantástico, numa narrativa em primeira pessoa, descreve para o pequeno leitor as dificuldades e o clima aventureiro da Expedição Langsdorff (1821-29), que representa um dos mais importantes acontecimentos culturais e científicos do Brasil e uma aventura para o próprio personagem, que se junta clandestinamente aos exploradores que descem o rio Tietê, em direção a Mato Grosso. Ele vivencia as dificuldades das viagens à época: embarcações sem motores, transporte manual de volumes à mão, onde não se podia navegar. E o leitor vai vendo como era a vida naqueles tempos.

Os fatos da expedição e as paisagem percorridas nesta aventura são enriquecidos por trechos verídicos extraídos do diário de Langsdorff. Paralelamente ele vai conhecendo os integrantes da comitiva e vendo suas atividades, descritas com certo estranhamento, pois não entendia a razão delas. Coletar flores, folhas, animais empalhados para quê?

Através deste livro, bem ilustrado e colorido, o público infanto-juvenil vai entender a importância



das expedições científicas no Brasil do século XIX, tanto para a ciência como para a arte, visto que desenhos realizados durante a viagem são registros importantes do que foi nossa natureza e nossa gente, uma vez que ainda não existiam as formas atuais de registro: fotografia, vídeo, etc.

Sobre a autora

Nereide Schilaro Santa Rosa é paulistana, nascida em 1953. Bacharel em matemática, desenho geométrico e física. Professora, arte-educadora, orientadora técnica e coordenadora pedagógica, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Autora de mais de cinquenta títulos, escreve sobre arte e cultura brasileira, especialmente para o público infanto-juvenil, tendo sido agraciada com diversos prêmios literários, entre eles o Jabuti, em 2004.

www.pinakotheke.com.br

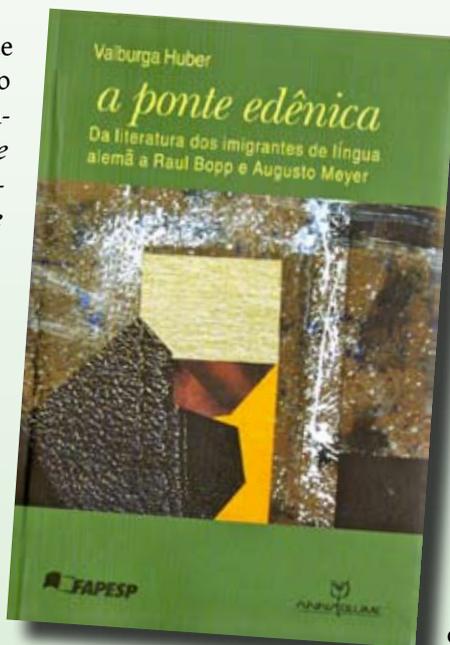
A PONTE EDÊNICA

EDUARDO F. COUTINHO

É na esteira dos estudos que vêm privilegiando o viés não canônico da literatura brasileira que se insere o livro *A ponte edênica – da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*, de Valburga Huber, publicado pela Ed. Annablume. Descendente de alemães, a autora vem há muito dedicando-se à produção literária teuto-brasileira, em que se destaca o trabalho – um estudo da imagem do Brasil ali presente e na de descendentes de imigrantes alemães que já publicaram em português –, em que procura investigar o sentido dessa imagem em momentos históricos distintos e identificar suas origens e permanência no período que se estende de 1824, data do primeiro estabelecimento de colonos alemães no sul do Brasil, aos dias de hoje.

Ao levar em conta que a literatura teuto-brasileira engloba alemães que imigraram para o Brasil, descendentes destes alemães e ainda alemães que viveram no novo país por um tempo longo e aí publicaram seus livros, Valburga utiliza como critério para delimitação dessa produção o fato de as obras terem sido escritas em alemão e publicadas no Brasil, e seleciona como *corpus* autores de três gerações diferentes. Todavia, como o seu objetivo principal não é só examinar o modo como os imigrantes de língua alemã conceberam e exprimiram essa imagem através de sua produção literária, mas também investigar a sua permanência e significação no conjunto da literatura brasileira, seu *corpus* inclui dois autores também de origem alemã, mas que publicaram em português, e que já integram o chamado veio canônico da literatura brasileira – Raul Bopp e Augusto Meyer.

Assim, focalizando a questão da identidade cultural, crucial em todos os grupos diaspóricos, vista como construção discursiva, a autora examina textos selecionados das obras desses escritores, mostrando como a imagem do Brasil criada na Alemanha, ou na Europa, e presente no imaginário desses povos, é transmitida pelos imigrantes a seus descendentes, chegando até aque-



les que compartilham com escritores como os do Modernismo o ideal de delinear certo perfil de brasilidade. Essa visão do Brasil oscila em função das circunstâncias históricas que acompanham cada geração, mas apresenta um denominador comum que atravessa toda a produção enfocada – um olhar edênico, que vê a nova terra por uma perspectiva utópica, marcada pelo signo da alteridade. O autor teuto-brasileiro valoriza a diferença, mas aborda o que designa de traços de brasilidade por um viés que traduz certo exotismo, e esta atitude, que nas primeiras gerações poderia ser representada pela tensão entre a exaltação da paisagem brasileira e o culto ao patrimônio cultural alemão – o *Deutschum* –, permanece nos descen-

dentes dos imigrantes sob formas variadas, como o “brasileirismo” de Raul Bopp e o regionalismo gauchesco de Augusto Meyer.

O olhar edênico que os europeus lançaram às terras americanas desde a sua descoberta e que já fazia parte do seu imaginário medieval é a ponte que irá relacionar as etapas da pesquisa. Na primeira parte, a autora focaliza a imagem do Brasil nas crônicas dos viajantes alemães do período colonial e do século XIX; na segunda, a imagem que emana da literatura teuto-brasileira nas três gerações selecionadas (a dos imigrantes, de seus filhos e de seus netos); e na terceira, a imagem expressa pelas obras de Raul Bopp e Augusto Meyer.

O estudo da obra desses modernistas em confronto com a literatura teuto-brasileira e com aspectos das crônicas dos viajantes alemães que visitaram o Brasil no período colonial e no século XIX é uma das grandes contribuições desse livro. Assim, ao tomar como eixo a imagem central da ponte edênica e tecer uma sólida reflexão, de caráter comparatista, sobre a imagem do Brasil na literatura teuto-brasileira e na obra de Bopp e Meyer, Valburga oferece valiosa contribuição tanto para a área em questão, quanto para os estudos da produção literária brasileira de modo geral.

EDUARDO F. COUTINHO
 UFRJ
www.annablume.com.br

A pequena e afetuosa saga alemã de Salim Miguel

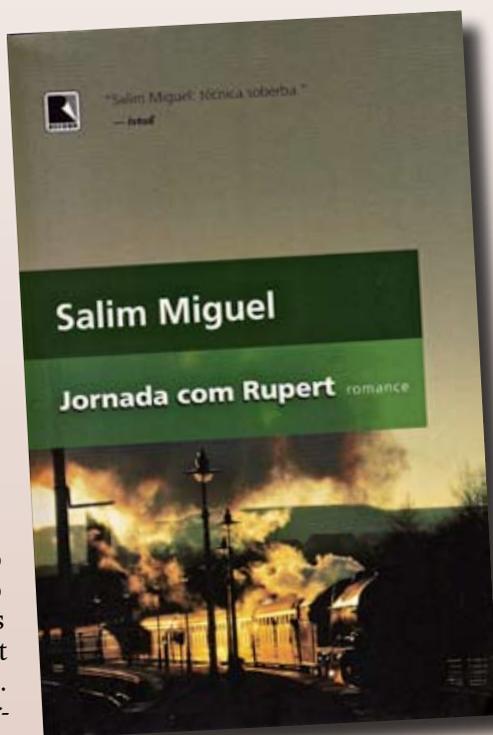
Em *Jornada com Rupert*, lançado pela Record, 2008, o libano-catariense Salim Miguel narra a saga da família Von Hartroieg e, em paralelo, da cidade de Blumenau, fundada em 1850 pelo Dr. Hermann Bruno Otto von Blumenau, médico responsável pela vinda dos primeiros colonos alemães para o Vale do Itajaí.

O contador de histórias – que recebeu o prêmio Machado de Assis da ABL, pelo conjunto da obra, e seu romance *Nur na escuridão*, o Zaffary-Bourbon, das Jornadas Literárias de Passo Fundo, 2001 – tece a trama tendo como fio condutor as aventuras e desventuras do jovem Rupert von Hartroieg, nascido em 1918. Idealista e sonhador, vive em perpétuo choque com o pai, o autoritário empresário Hans, dono de fábrica de tecidos, bem-sucedida na florescente e industrializada Blumenau do início do séc. XX.

Pelos sonhos, pesadelos e devaneios de Rupert, conhecemos o passado da família, que foi para Blumenau em 1870, ano da unificação da Alemanha por Bismarck, e relembramos importantes fatos históricos brasileiros, como as eleições presidenciais de 1945 e 50, em que duas vezes o brigadeiro Eduardo Gomes – candidato predileto do industrial Hans – foi derrotado, no 1.º pleito, pelo marechal Dutra e, no 2.º, por Vargas.

O livro começa com Rupert num trem, após a morte do pai, indo para o Rio de Janeiro, para dar novos rumos à vida, paralisada por bebedeiras, sentimento de rebeldia e forte desejo de não administrar a empresa familiar. E fecha quando chega, de navio, ao Rio, sem ideia para onde irá e o que fará na cidade de seus sonhos.

Entre os dois momentos da viagem transcorre a narrativa, que poderia se chamar de “Ascensão e queda da casa dos Van Hartroieg”. Não é por acaso que Salim Miguel selecionou, para uma de suas epígrafes, trecho do romance *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann, na qual o autor alemão, com base na história do avô e do pai, conta a saga de poderosa família de Lübeck, que perderia todo o poder mercantil com o nascimento de um membro artista, Hanno. Não seria por acaso, também, que um dos personagens de Salim, Georg Bornmann, tivera a honra conhecer em Lübeck, sua cidade



natal, a mãe de Thomas Mann, Julia, nascida no Brasil.

Ao homenagear o centenário da imigração alemã para o Brasil, fundamental para o desenvolvimento do estado sulista onde fora criado, o escritor de origem libanesa acabaria por redigir um romance de formação, ou *bildungsroman*, assim como fizera o ganhador do Prêmio Nobel em 1929, por seu romance sobre a história dos Manns, apesar de já ter escrito, na ocasião, uma de suas obras máximas, *A montanha mágica*.

Tão ambicioso projeto, Salim levou anos para terminar. As primeiras anotações são de 1948. Engavetadas por anos, ele voltaria ao manuscrito e, inúmeras vezes, insatisfeito com a narrativa, o abandonaria, como revela na Nota Final. Por insistência da mulher e do filho, Miguel termi-

naria o “encantado” livro entre 2006-07.

Bem escrito, as referências históricas servem de pano de fundo para ilustrar a jornada de Rupert. Há ótimos personagens, como o famigerado patriarca Hans, simpatizante de Hitler, e a mocinha pela qual Rupert era apaixonado, Ilse, mais corajosa do que o namorado de infância, que veio para o Rio enfrentar a dura vida na cidade maravilhosa antes dele. Apesar de ter corrido em Blumenau a versão de que Ilse abandonara a casa do pai acompanhada de um fotógrafo carioca, ela chegaria no Rio sozinha, disposta a se tornar uma grande jornalista – seu primeiro trabalho seria na revista *Cruzeiro* – naqueles tempos ainda marcados pelo preconceito e pelo machismo, final da década de 40.

Uma curiosidade do livro é que a irmã de Rupert, Karla, tinha um namorado turco, morador de Biguaçu, cidade na qual o autor morou com os pais. Será o livro a história dos antepassados, irmãos e amigos de Eglê, a esposa do premiado escritor, que tanto fez para que ele voltasse ao velho e abandonado manuscrito e o terminasse? Provavelmente sim, já que foi ela quem o ajudou a escrever corretamente todos os termos, letras de músicas e versinhos que transcreveu no livro. Enfim, “Jornada com Rupert” parece ter sido um delicado presente de Salim Miguel para a companheira de sua vida.

CECILIA COSTA JUNQUEIRA

www.record.com.br

Contos de Fadas, de Perrault, Grimm, Andersen e outros

Contos de fadas como são conhecidos no Brasil os contos tradicionais têm na obra dos irmãos Grimm a mais legítima representação. Antes considerados muito violentos, foram reabilitados pela psicanálise. Bruno Bettelheim e Marie Louise von Franz demonstram que, pela forma e estrutura, sugerem às crianças imagens com as quais podem estruturar os devaneios e se compreenderem melhor.

Segundo Piaget, a criança raciocina diferentemente do adulto, constrói e percebe a realidade de maneira radicalmente diversa. É a função simbólica, ou seja, a capacidade de lembrar objetos ou situações não presentes, servindo-se de símbolos ou signos, que lhe possibilita representar o mundo. Isso explica como, recriando a realidade, ela age de forma psicologicamente compensatória, pois, ensina Freud, as forças motivadoras das fantasias são os desejos, e toda fantasia é a realização de um deles.

A literatura, pela linguagem simbólica, dá à criança respostas a seus conflitos, possibilitando vivenciá-los no imaginário, sugerindo-lhe soluções que a levarão ao amadurecimento psicológico. Necessitando entender o se passa em seu inconsciente, a criança poderá atingir a compreensão através de devaneios, reorganizando e fantasiando sobre elementos que os contos lhe dão. Neles, o bem e o mal, presentes como personagem ou por suas ações, ajudarão a compreender que ambos coexistem no ser humano e que esta dualidade é que coloca a questão moral.

Bettelheim adverte que o valor dos contos de fadas é destruído se alguém os reelabora ou altera seus elementos. Daí a importância dos irmãos Grimm que, como pesquisadores, mantiveram nas narrativas todos os detalhes que ouviram. Perrault (1628-1703), ligado à nobreza, não desejava pesquisar ou simplesmente entreter o leitor quando publicou *Les Contes de ma Mère l'Oye* (*Contos da Mamãe Gansa*) na França, cem anos antes dos Grimm (1697). O que ele queria era dar lição de moral em cada conto, por isso os modificava. Ignorava que os contos de fadas têm significados diversos e só a criança sabe quais são os importantes para ela em cada momento.

Andersen (1808-75), patrono da Literatura Infantil, em cujo aniversário – 2 de abril – se comemora o Dia Internacional do Livro Infantil, diferencia-se dos demais por haver criado contos originais não coletados do folclore dinamarquês.

Embora a preocupação dos Grimm fosse exclusivamente o registro linguístico e histórico do material



que coletavam, seu trabalho, a partir da psicanálise, ganhou redobrada importância. A causa disso é descrita pelo próprio Jacob: “Eles (os contos) não foram imaginados, inventados mas são os reflexos de antigas crenças populares e a fonte inesgotável dos mais puros mitos”.

Jacob e Wilhelm, nascidos em Hanau, Alemanha, a 4/01/1785 e 24 /02/1786, muito ligados desde a infância até se tornarem estudiosos da língua alemã e autores de contos, fizeram trabalho complementar: Wilhelm transcreve obras antigas para o alemão moderno, Jacob pesquisa histórias. A soma das tendências deu-nos os maravilhosos contos, conhecidos em todo o mundo, após publicação em 1812 como *Contos para crianças e para o lar*.

Em 1841, contratados pela Universidade de Berlim, cidade onde viveriam até a morte, intensificam suas pesquisas para o *Dicionário Alemão*, seu projeto mais ambicioso: levantar a moderna língua alemã, de Lutero – o precursor, até Goethe, contemporâneo deles. Não seria obra elitista para acadêmicos, mas um dicionário para todos. Com quase cem colaboradores, trabalham 14 anos, até 1852, quando o primeiro volume foi publicado.

A elaboração dos verbetes de A a C foi de Jacob, e a letra D foi de Wilhelm. Sucessivos germanistas prosseguiram o trabalho e, após cem anos, 1960, editou-se o volume 32, último do *Dicionário*, o maior da língua alemã e conhecido apenas por *O Grimm*.

Este *Contos de fadas*, publicado em 2010 pela Zahar, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, contendo histórias desses grandes autores e que receberam incontáveis edições, têm três peculiaridades: o formato de bolso, a ótima apresentação e seleção de Ana Maria Machado e de permitir-nos ler no livro as histórias que nos encantaram, com pinturas e desenhos de ilustradores célebres.

Laura Sandroni

www.zahar.com.br

FOLHA SECA NÃO É LIXO

JOSÉ A. LUTZENBERGER

A luxuriante Hiléia, a floresta tropical úmida da Amazônia, floresce há milhões de anos sobre os solos que estão entre os mais pobres do mundo. Este fato intrigava muito cientista. O grande cientista alemão, explorador da Amazônia, Alexander Von Humboldt, ainda pensava que a floresta tão viçosa, alta e densa, era indicação de solo muito fértil. Como pode haver tanta vegetação, crescendo tão intensivamente, sobre solo praticamente desprovido de nutrientes? O segredo é a reciclagem perfeita. Nada se perde, tudo é reaproveitado. A folha morta cai ao chão, é desmanchada por toda sorte de pequenos organismos, principalmente insetos, colêmbolos, centopéias, ácaros, moluscos e depois mineralizada por fungos e bactérias. As raízes capilares das grandes árvores chegam a sair do solo e penetrar na camada de folhas mortas para reabsorver os nutrientes minerais liberados. Poucas semanas depois de caídos, os nutrientes estão de volta no topo, ajudando a fazer novas folhas, flores, frutos e sementes. A floresta natural não necessita de adubação. Assim a floresta consegue manter-se através

de séculos, milênios e milhões de anos. A situação não é diferente em nossos bosques subtropicais, nos campos, pastos ou banhados. A vida se mantém pela reciclagem. Assim deveríamos manter a situação em nossos jardins.

Um dos maiores desastres da atualidade, um desastre que está na base de muitos outros desastres, é o fato de estar a maioria das pessoas, mesmo as que se dizem cultas e instruídas, totalmente desvinculadas espiritualmente da Natureza, alienadas do Mundo Vivo. As pessoas nascem, se criam entre massas de concreto, caminham ou rodam sobre asfalto, as aventuras que experimentam lhes são proporcionadas pela TV ou vídeo. Já não sabem o que é sentir orvalho no pé descalço, admirar de perto a maravilhosa estrutura de uma espiga de capim, observar intensamente o trabalho incrível de uma aranha tecendo sua teia. Capim, aliás, só bem tosadinho no gramado, de preferência quimicamente adubado! Se não estiver tosado, é feio! Na casa, a desinsetizadora mata até as simpáticas pequenas lagartixas, os gekos.

Foto: John W. Freire



José Lutzenberger, pioneiro na defesa do meio ambiente (1926-2002)

Nascido em Porto Alegre, formou-se engenheiro agrônomo pela UFRS em 1950 e fez pós-graduação em ciência do solo na Louisiana State University, 1951-2. Após trabalhar até 1957 em empresas de adubos químicos no RS, foi para a Alemanha trabalhar na BASF, multinacional em química agrícola. Esteve na Alemanha, Venezuela e Marrocos, como executivo e assessor técnico nos países do norte da América do Sul e Caraíbas, na África do Norte, Espanha e Canárias.

Em 1970 demitiu-se por não coadunar sua visão ecológica com as práticas da agroquímica. Voltou à terra natal e tornou-se autônomo, inicialmente como consultor, depois como empresário.

Ao constatar os estragos causados pelos agrotóxicos na agricultura brasileira, assim como a devastação ambiental em geral, ajudou a fundar um movimento ambiental militante, a AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção Ambiental, e tornou-se conhecido no Brasil.

Dominando cinco idiomas (alemão, inglês, português, francês e castelhano), passou a ser conhecido mundialmente, por intensa atividade de palestras e participação em movimentos ecológicos na Europa, Américas, Ásia e África. Em 1987, criou a Fundação GAIA, para suscitar consciência ecológica e desenvolvimento sustentável, praticando e promovendo agricultura ecológica, regenerativa, educação ambiental para crianças e conscientização ecológica para a comunidade.

No contexto do desenvolvimento sustentável, Lutzenberger preocupava-se com energias limpas, renováveis e todo o panorama de tecnologias brandas ou suaves - as tecnologias ecologicamente sustentáveis e socialmente desejáveis. A consciência de uma visão naturalista com ética holística, não antropocêntrica, também chamada "ecologia profunda", lhe era fundamental.

Lutzenberger participou intensivamente da luta contra o Banco Mundial em Rondônia onde o Projeto Polo Noroeste causou tremenda devastação e desestruturação social. Nunca interrompeu a luta contra agrotóxicos e participou da contestação aos transgênicos na agricultura e da luta contra a marginalização sistemática dos camponeses no mundo. Neste contexto promoveu o mercado local e regional dos alimentos.



Recebeu inúmeros prêmios, condecorações e, em 1988, o *Right Livelihood Award*, dito Nobel Alternativo. Em suas atividades e lutas, Lutzenberger usava linguagem forte e emotiva, mantendo-se, porém, estritamente dentro da visão e disciplina científica.

Foi Secretário Especial do Meio Ambiente em Brasília, no governo do Presidente Collor, de março de 1990 até meados de 1992.

Como empresário fundou, em 1979, a empresa *VIDA produtos e serviços em desenvolvimento ecológico* que emprega cerca de cem pessoas e que faz consultorias e empreitadas em engenharia sanitária e reciclagem de resíduos industriais, jardins e paisagismo.

Fonte: Fundação Gaia
www.fgaia.org.br

A situação não é melhor nas universidades. No Departamento de Biologia de uma importante universidade de Porto Alegre, encontra-se um pátio com meia dúzia de árvores raquíticas. Ali o solo é mantido sempre bem varrido, nu, completamente nu! As folhas secas são varridas e levadas ao lixo. Não distinguem sequer entre carteira de cigarro, plástico e folha seca, para eles tudo é lixo. Já protestei várias vezes. Os professores e biólogos nem tomam conhecimento. Puderam! Hoje a maioria dos que se dizem biólogos, mais merecem o nome de necrólogos, gostam mais é de lidar com vida por eles matada do que dialogar com seres e sistemas vivos. Preferem animais em vidros com álcool ou formol, plantas comprimidas em herbários. São raros, muito raros, hoje, os verdadeiros naturalistas, gente com reverência e amor pela Natureza, que com ela mantém contato e interação intensiva, gente que sabe extasiar-se diante da grandiosidade da maravilhosa sinfonia da Evolução Orgânica.

Por que digo estas coisas em *A Garça*?¹ Atrás do prédio onde estava a Florestal da Riocell, onde estou agora instalado com meus escritórios da TECNOLOGIA CONVIVIAL e da VIDA PRODUTOS BIOLÓGICOS, existe um barranco onde estão se desenvolvendo lindas "seringueiras". Na realidade, não são seringueiras, são plantas da mesma família que nossas figueiras, mas são oriundas da Índia. Além de crescerem pelo menos dez vezes mais rápido que nossas figueiras, fazem

lindas raízes aéreas e lindas tramas superficiais no solo. A alienação, que predomina entre nós, em geral, faz com que sejam demolidas tão logo atinjam tamanho interessante e aspecto realmente belo.

As *Ficus* elásticas a que me refiro, fizeram um lindo tapete de folhas secas. Este tapete segura a umidade do solo, mantém o solo poroso e aberto para a penetração da água da chuva e evita a erosão, especialmente na parte mais íngreme do barranco, já bastante erodida, porque no passado, ali, as folhas eram sempre removidas. Este tapete promove também o desenvolvimento da vegetação arbustiva e rasteira que dará ainda mais vida ao solo e abrigo à fauna, como corruíras e tico-ticos, lagartixas, insetos, etc. Da janela do meu escritório alegro-me cada vez que posso observar esta beleza.

Houve quem insistisse em que varrêssemos para deixar o solo nu. Faça um apelo a todos que ainda não o fizeram, observem este aspecto importante e construtivo da Natureza, aprendam a ver a beleza na grande integração do Mundo Vivo. Não vamos varrer!

Referência

¹ *A Garça* Jornal interno da empresa RIOCELL, fábrica de celulose onde a empresa TECNOLOGIA CONVIVIAL, de José A. Lutzenberger, faz paisagismo e mantém os extensos jardins.

JOSÉ A. LUTZENBERGER
13/2/1990

Henrique Fleiüss e sua *Semana Ilustrada*

LAURA NERY

A *Semana Ilustrada*, periódico que circulou ininterruptamente no Rio de Janeiro entre 1860 e 1876, inscreveu o artista prussiano Henrique Fleiüss na história da imprensa e da caricatura brasileiras. Pouco se sabe, entretanto, a seu respeito antes de sua vinda para o Brasil. Nascido em Colônia em 1823, estudou Belas Artes na sua cidade natal e em Dusseldorf e, mais tarde, dedicou-se à música e às Ciências Naturais em Munique, onde foi aluno do botânico Karl Philipp von Martius.

A seguir, viajou pela Europa e, aos 35 anos, por sugestão de Martius, partiu para o Brasil para registrar espécies locais, trazendo carta de recomendação do mestre endereçada a Dom Pedro II. Em vez de seguir para o Rio de Janeiro, desembarcou na Bahia e lá ficou por um ano, viajando ocasionalmente pelas províncias do Norte, onde pintou aquarelas de paisagens e costumes brasileiros.

Em 1859, o artista estabeleceu-se na Corte. No ano seguinte, em sociedade com seu irmão, o litógrafo Car-



Semana Illustrada n.º 1, que circulou em 16 de dezembro de 1860



Fleiüss e a sátira aos problemas da administração pública

los, e com o pintor Carlos Linde, fundou o Instituto Artístico. A aventura intelectual e comercial que foi a *Semana Ilustrada* está intrinsecamente ligada à oficina da Rua Direita, onde a revista era impressa. O Instituto investiu na formação profissional de jovens menos favorecidos e realizou importantes projetos, como a *Carta Geral do Império* e a *Planta da Cidade do Rio de Janeiro e Subúrbios*, sendo declarado Imperial Instituto Artístico em 1863.

A capital do Império começava a desfrutar de alguma vida social em espaços públicos, e a própria imprensa ilustrada aparece como nova alternativa de sociabilidade e de entretenimento. O período é de relativa paz política e o projeto profissional do artista alemão adequava-se a uma política voltada para a fixação da identidade nacional, na qual letras, imprensa e artes tinham papel destacado.

Em dezembro de 1860, Fleiüss lança a *Semana Ilustrada*, que brilhou por pelo menos dez anos, quase sem concorrência. A situação se modificaria a partir da década de 1870 com o surgimento de outros periódicos, principalmente a *Revista Ilustrada*, editada a partir de 1876 pelo italiano Angelo Agostini. Engajadas na campanha pela Abolição e na defesa do regime republicano, as novas revistas suplantariam a publicação do prussiano. Em 1876, ano em que en-

cerrou a *Semana Ilustrada*, Fleiüss criou a requintada *Ilustração Brasileira*, que fechou dois anos depois. Em 1880, relança-se em nova empreitada humorística, *A Nova Semana Ilustrada*, que consumiu suas últimas economias. Fleiüss morreu pobre, em 1882.

À biografia sucinta somam-se os ainda escassos estudos dedicados ao artista.¹ Sua obra parece ter ficado à sombra da produção de Agostini, nome de maior vulto na sátira gráfica da época. É o que se verifica na bibliografia clássica sobre caricatura e imprensa no Brasil, onde o projeto de Fleiüss merece menos destaque do que sua fidelidade à Casa Imperial e os possíveis benefícios financeiros de que teria desfrutado graças ao bom trânsito com o monarca.²

Ainda assim, a *Semana Ilustrada* ofereceu representação singular do cenário social da Corte brasileira, palco das tensões e contradições de uma sociedade escravocrata com pretensões à civilização e ao progresso. A revista contrapôs ao humor abolicionista e republicano perspectiva ambígua, irônica e, muitas vezes, fiel do cotidiano.

A publicação diferenciava-se um pouco dos modelos dominantes, de extração francesa e inglesa, trazendo a marca específica da vibrante e lucrativa imprensa satírica alemã das décadas de 1830 e 1840, anos de formação do artista. Durante a chamada Restauração, entre a



Fleiüss registra o despejo dos dejetos domésticos na Praia de Dom Manoel. *Semana Ilustrada*, 1861

expulsão do exército de Napoleão e a onda revolucionária de 1848, a Alemanha viveu certa liberalidade nas artes e na literatura, apesar da forte censura política e intelectual. O humor teve, então, papel central como agente de distensão entre a sociedade e o estado autoritário.

A partir da década de 1820, sobretudo em Berlim, surgem jornais satíricos, consumidos em escala expressiva pelo público. Em 1844, é lançado o primeiro periódico integrando textos e ilustrações, o *Fliegende Blätter*, em que predominava a crítica à burguesia. A qualidade artística e tipográfica do *Fliegende Blätter* teve influência decisiva na concepção da *Semana Ilustrada*. Entre seus colaboradores estavam Wilhelm Busch, o criador de *Max und Moritz* – conhecidos aqui como Juca e Chico – e Adolf Oberländer, artista famoso por suas paródias pictóricas.

A *Semana Ilustrada* circulava aos domingos, e dependia principalmente de assinaturas. Tinha formato pequeno, com quatro páginas de textos e quatro de ilustrações, era sofisticada graficamente e contava com colaboradores de peso, entre os quais Machado de Assis – o mais assíduo autor a usar o pseudônimo *Dr. Semana*, personagem-símbolo do periódico, ao lado de seu ajudante, o *Moleque*. Fleiüss ilustrou e litografou a revista até seu décimo número, quando passou a publicar desenhos de outros artistas. O propósito moral do humor era sintetizado na máxima latina *Ridendo castigat mores*, algo como “rindo, corrigir os costumes”.

A revista proporcionou ao público, com constância

editorial inédita, a experiência de perceber criticamente o seu próprio cotidiano, não perdoando o descaso das autoridades com a sede do Império e mantendo constante campanha pela melhoria dos serviços públicos. A orientação editorial de Fleiüss possuía também viés patriótico, pedagógico. Esse tom elevado aparece no engajamento em campanhas importantes, como a defesa da Lei do Ventre Livre, em 1871, ou, antes, em sua pioneira “cobertura jornalística” da Guerra do Paraguai.

Inicialmente a perspectiva de Fleiüss é a do estrangeiro: ele mostra o impacto negativo causado pelo contato com uma cidade mestiça e “atrasada”, como se vê na charge sobre os *tigres*, escravos que levavam detritos domésticos em barris e os atiravam no mar. Aos poucos, o olhar torna-se solidário e engajado na vida cotidiana. No exemplo da p. 65, o “jardim experimental” de *Dr. Semana* e *Moleque* mostra percepção mais afetuosa dos problemas locais, sem perda da crítica e do humor.

A singularidade da vida urbana nascente na Corte brasileira exigiu reelaboração do modelo europeu, no qual a oposição burguesia/proletariado inspirava a sátira gráfica. Aqui, foi preciso incorporar a linguagem moderna a um contexto político e social ambíguo, no qual o eixo temático era a oposição senhores/escravos, que Fleiüss indicou de modo engenhoso no par que representou o periódico: o sábio europeu de cabeleira romântica e seu ajudante negro, que seria alforriado nas páginas da revista. *Dr. Semana* e *Moleque*, “porta-vozes” do semanário, apresentam ora visão paternalista, ora perspectiva aguda a respeito de uma sociedade fundada sobre a vontade senhorial, alcançando efeitos satíricos ainda pouco apreciados. A dupla promoveu o encontro entre os dois extremos da sociedade e, sob a *proteção* do humor, reencenou criticamente as práticas cotidianas da Corte, desfrutando da tribuna privilegiada que era a imprensa.

Referências

¹Destaque-se o artigo da Lúcia Guimarães, “Henrique Fleiüss: a função cívica e pedagógica da caricatura nas páginas da *Semana Ilustrada*”. In: CARVALHO, José Murilo; NEVES, Lucia Bastos Pereira das. (Org.). *Repensando o Brasil do Oitocentos: Cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, e a dissertação de mestrado de Karen Fernanda Rodrigues, *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Ilustrada*. Unicamp/IFCH, 2007.

²Cf. Herman Lima. *História da caricatura no Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1963, e Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1999.

LAURA NERY

Doutora em História pela Puc-Rio
Prof.ª do Departamento de História/UERJ
Pesquisadora sobre Henrique Fleiüss e a *Semana Ilustrada*
Autora de artigos sobre charge e caricatura

Como editor de revistas acadêmicas e leitor da *Educação em linha*, tão importante e de excelente nível, expressei minha perplexidade pela sua suspensão em nome de pretensos objetivos imediatos (...) que só podem ser atingidos de maneira eficaz e duradoura, na medida em que se cultive respeito pelo professor, por sua formação (e por seu trabalho em sala de aula), tal como praticado de modo incomparável por *Educação em Linha*. Resta-nos esperar que a SEEDUC/RJ, que demonstrou seu verdadeiro compromisso com a educação ao apoiar a revista, supere esse momento infeliz (como qualificar a desativação de uma referência como *Educação em Linha*?) e reconsidere essa equivocada decisão. De resto, quero parabenizar (e agradecer...) o empenho dos editores em continuar mantendo essa preciosa revista, apesar de todas as dificuldades.

JEAN LAUAND, PROF. TITULAR DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DA USP

Ao cumprimentá-los cordialmente, acuso o recebimento e agradeço o envio das revistas *Educação em linha*: *Judeus & holandeses no Brasil*, *Índios, os primeiros brasileiros*, *Da costa africana à costa brasileira* e *Da latinidade à lusofonia*. Parabenizo-os pelo belo trabalho.

GABRIEL CHALITA, DEPUTADO FEDERAL/SP

Recebi carta circular do prof. Jean Lauand com a notícia que *Educação em linha* havia sido suspensa. Gostaria de receber mais notícias a respeito e manifestar minha estranheza diante da interrupção dessa revista, consabidamente, uma das mais relevantes no panorama educacional do país.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA, RIO

Conhecemos *Educação em linha* e ficamos impressionados com a qualida-

de editorial. A importância e diversidade dos assuntos tratados, a riqueza das ilustrações e abordagens despertaram nosso interesse em disponibilizar o material como fonte de consulta para os profissionais e os alunos da rede municipal de educação de Niterói. Assim, solicitamos 200 exemplares de cada número da revista para serem distribuídos às escolas da rede municipal.

JEUSA MOREIRA, ASS. DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

É uma pena acharem que a revista não é importante. Enviei e-mail anterior, mostrando como seria interessante que todos os professores recebessem exemplar impresso das revistas, pois além de serem muito bem elaboradas, as matérias são excelentes. Que bom que a revista não se extinguiu, pois não a achei mais no site da SEEDUC.

JULIANA O. FERREIRA, PROF.^a DO C.E. MÁRIO CAMPOS, NILÓPOLIS/RJ

É com pesar que recebo esta notícia. Posso afirmar que a revista é possuidora de qualidades e que, certamente, fará falta para as futuras gerações de professores da rede pública de ensino, por si só carentes de informação e, por conseguinte, carentes de formação.

PAULINO CARDOSO, CHEFE DO ARQUIVO /ABL

É lamentável a estreiteza de ideias daqueles que são responsáveis pela política de educação. Creio realmente que a burocracia é barreira para tudo que se quer criativo e inovador. Tenho certeza de que vocês continuarão firmes e fortes.

LAURINDA BARBOSA, FUNDAR, RIO

É com tristeza que tomo conhecimento dessa atitude infeliz da SEEDUC/RJ. Um trabalho tão lindo ser desconsi-

derado por um órgão de educação. Só posso acreditar que a qualidade e a grandeza da "nossa revista" incomodava os incompetentes, pela amplitude que dava ao professor, a possibilidade de quase fazer um curso de extensão e melhorar a sua formação.

LYSETTE RAYMUNDO, PROF.^a APOSENTADA, RIO

Gostaria de agradecer pela iniciativa de vocês em não desistir do trabalho da publicação da revista. Permaneçam com esse espírito de perseverança! Encaminharei este e-mail para meus colegas de trabalho.

LUCIANA SILVA, ESCOLA DE MATEMÁTICA APLICADA /FGV, RIO

Continuarei divulgando e trabalhando com a revista como apoio pedagógico. É por motivação educacional inovadora que solicitamos os exemplares desta conceituada revista para iniciarmos mais uma etapa de trabalho com êxito.

ANA PIMENTA, COORD. PEDAGÓGICA, C.E. DOM PEDRO II, PETRÓPOLIS/RJ

Entendo que o material publicado por esta revista contém riqueza rara de informações não vista em outras publicações do gênero. Gostaria de recebê-las para poder compartilhar com os colegas essas informações e utilizá-las como conteúdo complementar.

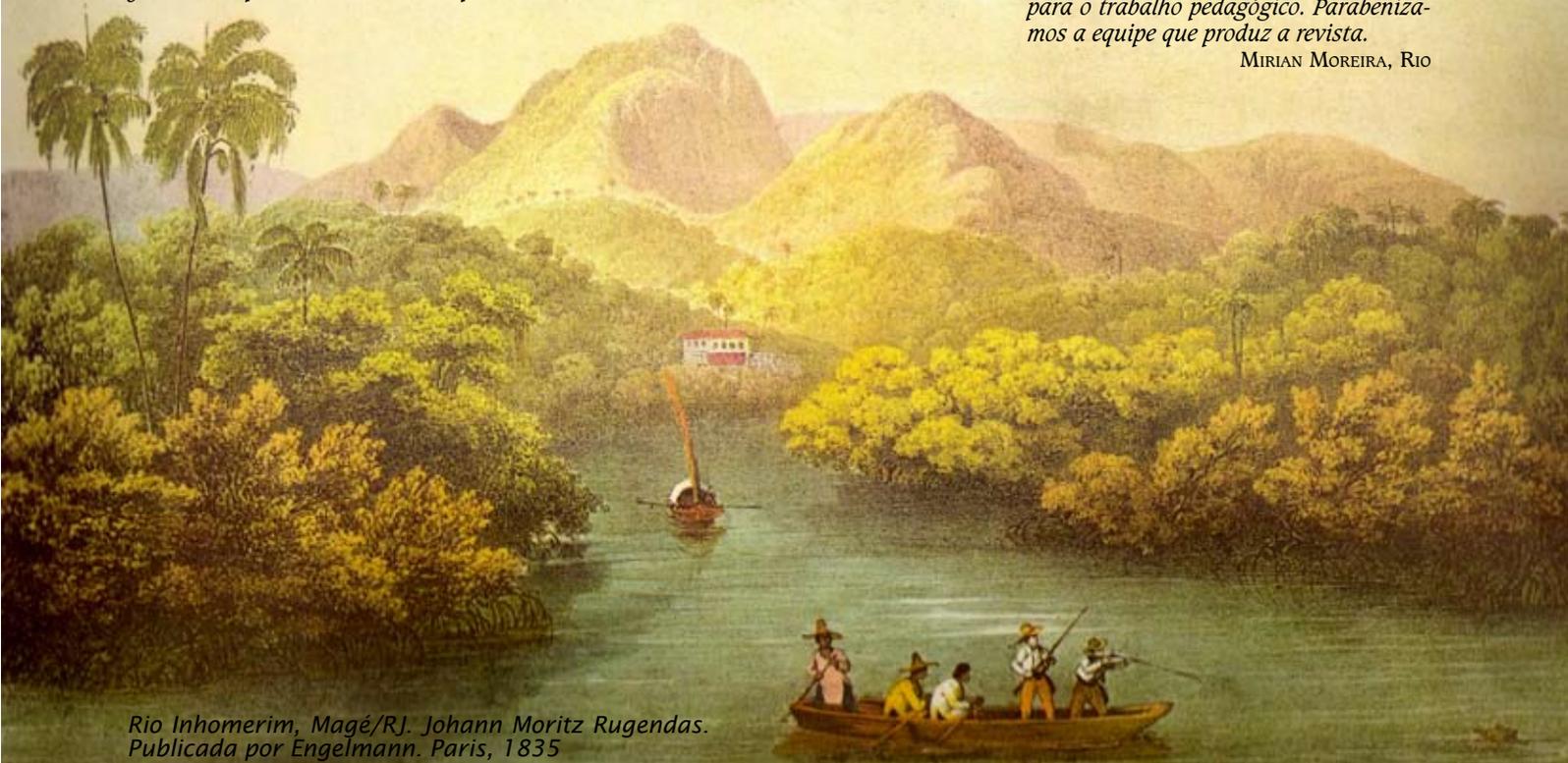
FÁBIO MACHADO DO NASCIMENTO, N. IGUAÇU/RJ

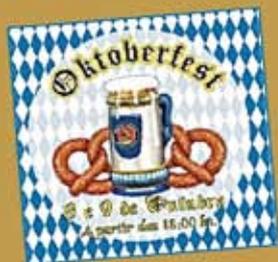
Apreciei a *Educação em linha*... e fiquei encantada! Gostaria de recebê-la no CES Paulo Freire e compartilhá-la com meus professores e os nossos alunos.

NARA, VOLTA REDONDA/RJ

Professores e Direção do Colégio Estadual Agripino Grieco solicitam a *Educação em linha* em formato impresso, pois a qualidade do produto é incomparável para o trabalho pedagógico. Parabenizamos a equipe que produz a revista.

MIRIAN MOREIRA, RIO





Da Alemanha para o Brasil

